

Caivote

Miguel jorge

União Brasileira de Escritores  
Seção de Goiás  
**BIBLIOTECA**  
1991

# CAIXOTE

CAIXOTE

1914

1915

1916

1917

1918

1919

1920

1921

1922

1923

1924

1925

1926

1927

1928

1929

1930

1931

1932

1933

1934

1935

1936

1937

1938

1939

1940

1941

1942

1943

1944

1945

1946

1947

1948

1949

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025

2026

2027

2028

2029

2030

2031

2032

2033

2034

2035

2036

2037

2038

2039

2040

2041

2042

2043

2044

2045

2046

2047

2048

2049

2050

2051

2052

2053

2054

2055

2056

2057

2058

2059

2060

2061

2062

2063

2064

2065

2066

2067

2068

2069

2070

2071

2072

2073

2074

2075

2076

2077

2078

2079

2080

2081

2082

2083

2084

2085

2086

2087

2088

2089

2090

2091

2092

2093

2094

2095

2096

2097

2098

2099

2100

J82c Jorge, Miguel

Caixote. Prefácio de Antônio Manoel dos Santos Silva. Goiânia, Oriente, 1975.

216. p. 14 x 21,cm.

I. Título.

CDU 869.0(81)-3]



**MIGUEL JORGE**

# **CAIXOTE**

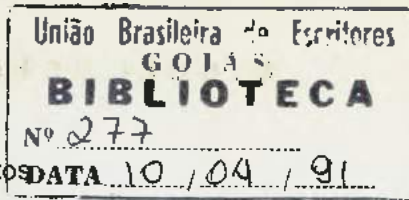
---

Romance

Apresentação de  
Antônio Manoel dos Santos Silva.

**ORIENTE 1975**

OBRA DO AUTOR



Antes do Túnel — contos

Texto e Corpo — contos

Antologia do Conto Goiano (participação de Anatole Ramos e Luis Fernando Valladares)

Antologia do Novo Conto Goiano

Couto de Magalhães: A vida de um homem

Os Frutos do Rio — poemas

O Visitante — peça para teatro

Os Angélicos — peça para teatro

*CDU  
869.0(60)-31  
JOR  
cai*

Capa: Roosevelt de Oliveira (Rus)

Bico de Pena: Amaury Menezes

Reservados os direitos de  
reprodução e tradução para  
Copyright by

Editora Oriente

Gráfica do Livro Goiano Ltda.

Rua 82 nº 456 — Setor Sul

Goiânia Goiás — Brasil

~~~~~

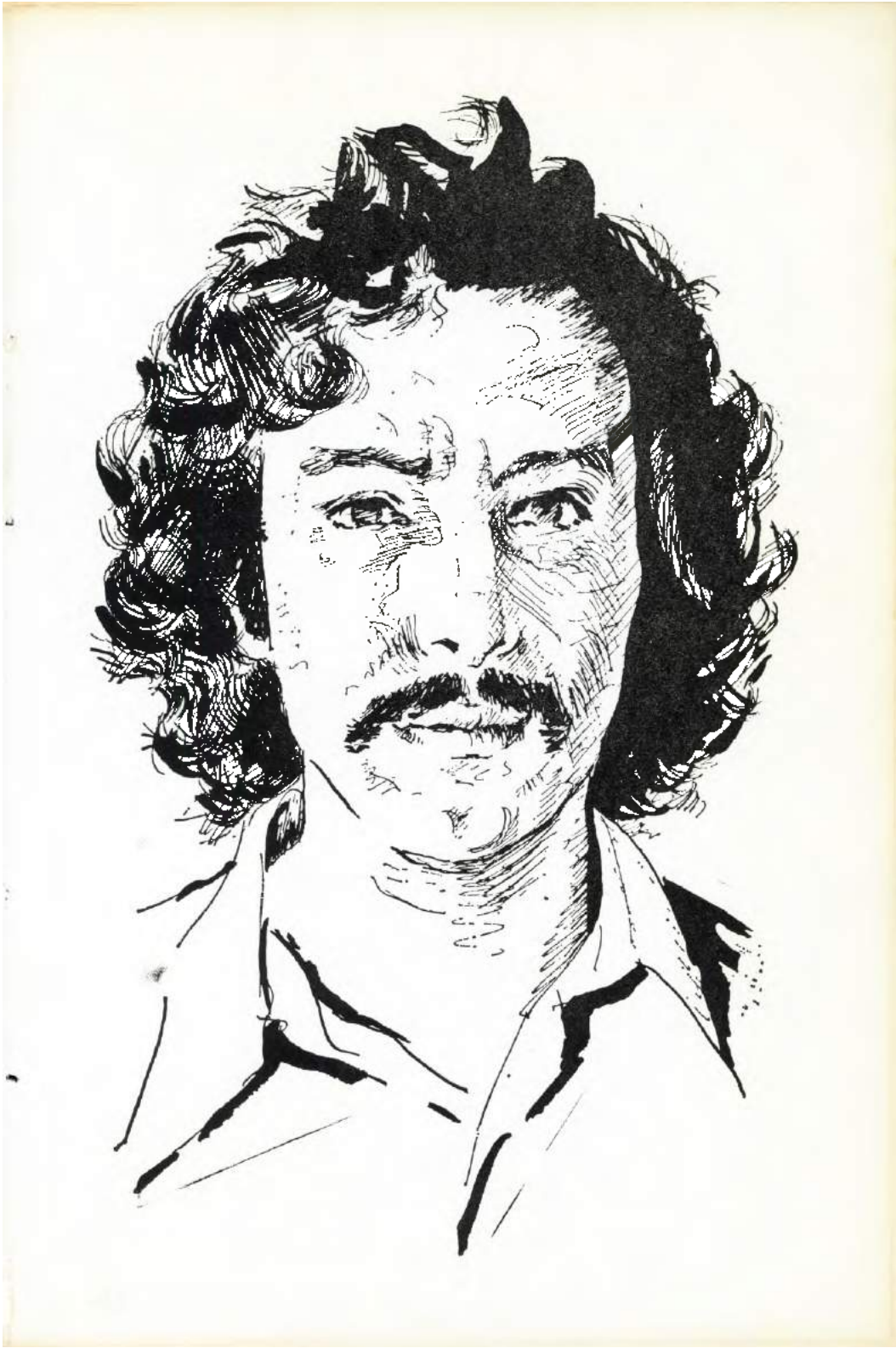
Impresso no Brasil

Printed in Brazil

STG: ET/15/92

1950

Este livro é para:  
Sarah Thomé Jorge,  
minha mãe.





## MIGUEL JORGE: O TEXTO E OS COMPROMISSOS

A crítica da obra do jovem escritor goiano, Miguel Jorge, reduz-se até agora, pelo que sei, a dois prefácios: o de Fábio Lucas em ANTES DO TÚNEL e o de Laís Correa de Araújo em TEXTO E CORPO, livros de contos sobre os quais refletirei neste trabalho. (1) Algumas de minhas considerações têm como ponto de partida as opiniões formuladas pelos prefaciadores citados; quem os leu perceberá que discordo fundamentalmente de certas afirmações de Fábio Lucas, cujo prefácio não faz justiça ao crítico que ele é e nem muito menos ao autor de ANTES DO TÚNEL. (2) O leitor também notará que, na maioria das vezes, nada mais fiz que ampliar algumas sugestões propostas por Laís Correa de Araújo na abertura de TEXTO E CORPO, assim como verificará que adotei certas apreciações válidas do próprio Fábio Lucas. (3)

Convém lembrar desde já que ANTES DO TÚNEL constitui o que se chama de estréia oficial de Miguel Jorge; o livro apareceu em 1967. Foi seguido, em 1969, por TEXTO E CORPO, notando-se num e noutro estas notas dominantes e primeiras: a busca de rigor na construção, os temas da angústia, da solidão e do compromisso humanos, e uma preocupada e consciente procura da máxima eficácia verbal. Entretanto, diferenças de concepções e elaboração artísticas, existentes entre as duas coleções de contos, mostram que Miguel Jorge começa a empreender um processo evolutivo que será melhor compreendido se expusermos, resumidamente, as características de cada um dos livros em separado.

ANTES DO TÚNEL contém treze contos distribuídos em duas partes: "Desintegração" — "Integração". Divisão intrigante. A menos que sejam arbitrários, os títulos para ambos conjuntos não correspondem efetivamente a uma dicotomia concretizada numa **única** direção e **no todo** entre os seis contos do primeiro e os sete do segundo. Se buscarmos, porém, os seus possíveis sentidos, estaremos de posse do método adequado para determinar a concepção do livro em função da elaboração material, formal e ideológica.

Primeiramente, a oposição revelada na dupla de títulos ("Desintegração"—"Integração") não poderá jamais ser encontrada no plano das configurações formais, qualquer que seja o prisma sob o qual as estimemos. O ponto de vista, por exemplo, varia de um conto para o outro e até dentro de alguns contos, tanto na primeira parte como na segunda; as relações de contraste, semelhança, contigüidade, equilíbrio e desequilíbrio entre personagens não são privilégio de "Desintegração"; o arranjo temporal das histórias é de tal modo individualizado em cada conto que não há possibilidade de encontrar um eixo ordenador em "Integração" que a distinga, nesse aspecto e opositivamente, de "Desintegração"; a economia no emprego de figuras, tanto fônicas, como sintáticas e semânticas, transparece nas duas partes; semelhantemente, as duas formas gerais de discurso transitivo, descrição e narração, marcam de igual maneira todos os contos: aquele atenuadíssimo e este, predominante. Mesmo que queiramos, num esforço inútil, relacionar cada uma das partes com a vontade criadora do autor com respeito à sua posição diante dos tipos de narrativa tradicional que enfrentou, não poderemos justificar as denominações dos títulos. Seria uma petição de princípio afirmar que "Desintegração" se aplica ao conjunto dos seis primeiros contos, porque ali o escritor desintegrou formas antigas, e que "Integração" corresponde aos sete contos em que se integram novas conquistas formais. Um ato de experiência artística determina o outro.

A explicação deve ser procurada em outro nível: o da matéria narrativa e o das direções temáticas que os contos perseguem. De fato, nos seis primeiros contos predomina um sentido de isolamento dos personagens; são representações de seres impossibilitados de compreender a complexidade espiritual alheia, eles mesmos desarvorados e desagregados; cada personagem, desenraizado e isolado, se move num centro de interesse próprio. Por outro lado, e como conseqüência dessa alienação, suas atividades e seus projetos pessoais desintegram-se: ou se diluem na morte (Leonardo de **Moderato Cantabile: três variações**, "Miro" de **A lagoa do mistério**, "Roberto" e "Maria Gali-

nha" em **Reflexões de um morto**), ou escolhem a falsa solução da fuga ("D. Alzira", "Sérgio" e "Carmela do Rosário" em **Moderato Cantabile: três variações**) e da mistificação (o "eu" de **A espera**), ou ainda se condenam a um inevitável e permanente tolhimento pessoal ("Rita", "Rosa" e "Lola" em **Rita e as irmãs**) e à indiferença da inautenticidade ("Bruno" em **O enterro**).

Em contrapartida, nos sete contos de "integração" transparece uma clara busca de comunhão e de embasamento humanos a que se recusavam os personagens dos relatos da primeira parte. Apesar de um sentido de dissolução latente na vida de alguns deles (como na vida do "ele" de **Antes do Túnel**, e na de "Pé de moleque" — "Carla", ou "Florismunda" — de **Pé de Moleque**) sempre se patentiza uma opção humana pela conquista ou reconquista da existência. Como seqüência dessa opção, e ao contrário do que se dera na primeira parte, os sonhos, a presença do fantástico e as recordações encaixam-se na vida espiritual dos personagens como instrumento de reflexão e mola propulsora para melhor compreensão do mundo e dos homens.

Os termos escolhidos, "Integração" e "Desintegração", servem, pois, para revelar uma visão do mundo polarizada aqui em torno de uma negação das possibilidades humanas de superar as barreiras da reificação, e, ali, em torno de uma afirmação de crescimento a partir das próprias fraquezas, transpostas por meio de uma tomada de consciência corajosa de si e da realidade envolvente. Mas há outros aspectos em ANTES DO TÚNEL que devem ser relevados. Apontarei agora apenas um: o equilíbrio que o autor conseguiu manter de conto para conto e que se reflete, ao contrário do que se poderia pensar numa estréia, na unidade temática, no encaixe da reversão temporal dos fatos constitutivos do enredo e na adequação dos procedimentos técnicos ao significado dos enunciados. Voltarei a esses aspectos em partes posteriores deste trabalho.

O segundo livro de Miguel Jorge leva um título também elucidativo: TEXTO E CORPO. Texto, porque o autor encontra meios de eludir-se, não se intrometendo (como acontecia com certa freqüência em ANTES DO TÚNEL) com explicações sobre o comportamento de seus personagens e não fornecendo ao leitor as chaves dos símbolos usados; texto, porque as palavras tendem a adquirir uma liberdade própria e uma ineludível presença que raia à poesia; texto ainda, porque as raízes que forçosamente o ligam à realidade estão determinadas pelos próprios personagens e por sua estrutura profunda. Mas essa realidade fechada, essa obra que funciona para os leitores como um objeto não tocado, auto-sustentado e de uma pureza bruta, é também corpo. Primeiramente corpo, porque em cada conto

as expressões se refletem e se organizam sempre em torno de um sintagma chave (frase ou palavra); também corpo porque, com exceção de um conto, significativamente intitulado **Meninos à margem**, todos estão interligados por meio da repetição de certos motivos e palavras de modo a fazer do livro não mera coletânea de contos, mas um conjunto orgânico e unitário; por fim corpo, com o significado de contexto social e humano, porque, embora faça de seus contos textos programados e, portanto, campo de experiência de linguagem, o autor impõe um compromisso, explorando e denunciando a realidade. Esclareçamos um a um esses aspectos do livro.

Uma das tendências da moderna ficção narrativa é o distanciamento crítico cada vez maior entre o escritor e a interpretação de todos os tipos de eventos que se sucedem na narração. O autor, implícito, sente-se hoje desobrigado de emitir opiniões sobre os fatos que ele inventa e arranja; furta-se a dar explicações ao leitor sobre a importância desse ou daquele acontecimento ou sobre as causas, superficiais ou profundas, que motivaram as ações e as reações dos personagens; quer fazer da ficção um mundo objetivo, cuja interpretação é da competência do leitor. Com essa atitude experimental, o escritor elimina a antiga fórmula de relação entre o autor e sua obra, segundo a qual a obra constitui uma representação do mundo, uma representação que é e, ao mesmo tempo, significa, mas cujo significado compete ao autor fornecer. Rejeitada essa fórmula o criador fica com duas outras. Uma pode ser entrevista nos programas e realizações da maioria dos autores do novo romance e se resumiria assim: a obra de ficção é um mundo de representação e transfiguração; esse mundo é e, ao mesmo tempo, significa; compete ao leitor encontrar os seus significados. A outra fórmula, praticamente irrealizável como expressão autenticamente artística mas tentada como experiência de linguagem por Robbe-Grillet, tem sua base no seguinte princípio: "O mundo não é nem significativo nem absurdo. Ele simplesmente é". Em termos de teoria narrativa a fórmula seria: a obra de ficção é um mundo de representações e transfigurações mas, um mundo que simplesmente e não significa. (4)

TEXTO E CORPO apresenta-se-nos como um mundo que é e que significa, sem a interferência interpretativa do autor; para isto, Miguel Jorge aproveitou e desenvolveu uma técnica de ocultação pessoal, fielmente seguida do começo ao fim de cada conto e por todo o livro, do primeiro ao último relato. Isso presuppõe uma elaboração consciente e cuidadosa, uma permanente atenção sobre a frase para conservar a coerência dessa perspectiva distante com relação à narrativa. E quando falamos des-

se processo somos necessariamente obrigados a falar do ponto de vista.

Miguel Jorge experimenta uma visão seletiva especial que paira entre a consciência do personagem e a contemplação visual de seus atos; encontramos-lo em **Quando a chuva fecha o campo**, **Tribuna do al em praça de caça**, **A extensão dos minutos**, **Motocicleta**, **Vir a ser**, **Distância**, **Faz-se hoje o ontem**. Tal foco narrativo permite um movimento que se aproxima do cinematográfico, isto é, propicia um arranjo complexo em que se sucedem e se fundem a transcrição da fala dos personagens, a amostra do ato desta fala e a fotografia do mundo feita através dos olhos do mesmo personagem. Dois exemplos bastarão para ilustrar essa dinâmica. Um está tirado do conto, **Quando a chuva fecha o campo**; o protagonista, torcedor fanático, depois de ter ferido o juiz que "prejudicara" seu time, corre de seus perseguidores, soldados e torcedores contrários:

"Alguém colocou o pé na passagem e você caiu por terra, magoando o joelho. De pé novamente, corria firme, seguro. Lembrou-se de quando era o campeão do jogo de bastão, recebia a varinha, corria de corpo para a frente, finalizando a partida. Vencia, sempre vencia. Iria vencer desta vez? Jurava. O povo continuava gritando, seus ouvidos captavam todas aquelas reações, e você sentia uma estranha sensação de toureiro perseguido por touros." (T.C., p. 35)

Outro exemplo está em **Motocicleta**; aqui o personagem, depois de um acidente rodoviário, resiste ao crescente pavor determinado pela noção da vizinhança da morte:

"Tenho frio. Dormi? A estrada, a mata, as folhas estão frias de luz. A lua caiu do alto para dentro de uma nuvem. Ele estava sozinho naquela solidão. Salteou os olhos e encontrou o tempo morto. "Bem que poderia ter atalho para pescadores, aqui deveria existir um rio, uma fonte deveria nascer aqui juntinho de mim", pensou. A garganta ardia, os pés e o corpo esfriaram por completo. "Estou dentro do inferno". Devo ordenar meus pensamentos. Quem virá a meu encontro? Em meu socorro? Amanhece? Está amanhecendo? A dor foi para dentro de meus ossos. Buscou nos lábios alguma saliva. Estava realmente seco." (T.C., p. 98)

Situado aí no ponto de passagem entre as consciências e o olhar de seus personagens, o narrador jamais se desvia para



uma onisciência que lhe permita interpretar as ações, conservando-se sempre dentro dos limites de uma descrição objetiva **sui generis**. Mas fora este, há outros focos narrativos empregados por Miguel Jorge que, menos originais, tornam-se mais limitadores ainda da liberdade do autor: os de primeira pessoa (**Tres momentos** e **Outra travessia**) e segunda pessoa, claramente vinculado a procedimento idêntico, visível, em **La Modification** de Michel Butor, mas com algumas soluções próprias (**Ela vai voltar**, **No tremor da espera** e **Agora, princípio de sonho**), além de uma interessante experiência com um ponto de vista dramático puro, no conto só feito de diálogo, **Meninos à margem**. 5

A ilusão de sua presença nos contos, Miguel Jorge soma também a programação do texto em que as palavras perdem aquela objetividade direta que a linguagem do conto exige em sua forma substancial e ganham uma irradiação semântica próxima da linguagem poética: paralelismos conceituais e sintáticos, correspondências, metáforas, símbolos e mitos, reiterações, figuras de toda espécie entrelaçam-se neste plano do significado que, por sua vez, se cruza com imagens fônicas, para formar um tecido verbal que se liberta aparentemente da ordem causal da história, embora componha realmente a estrutura integral da mesma. Mais atenuada em alguns contos e bem carregada em outros, esta linguagem impregnada de poesia é que nos faz duvidar de classificá-los como contos, e nos faz pensar num tipo especial de poemas narrativos, baseados no curso rítmico e no aproveitamento (não sistemático) das possibilidades fônicas e semânticas da palavra. O começo de **Tribuna do al em praça de caça** põe-nos diante desta forma de elaboração artística:

“Olhos rondando a roda. Era como olhar o vácuo. De repente se nasce outra vez e outra vez se é conduzido ao mundo. Olhos rondando a roda. A ronda do povo no rodar da manhã. Em fuga o acontecer de todos aqueles rostos, reflexando espanto. Parados corpos. Caídos braços. Músculos contra o sol e a violência. O sol só com o olhar nas asas dos pássaros, os pássaros nos pés com o vento, verde náusea aquela brisa dentro dele.” (TC, p. 39)

Este interrelacionamento de palavras, nos mais variados níveis de articulação e combinação, dá a cada conto uma qualidade de todo orgânico, uma projeção de corpo, em que cada elemento mínimo é função de outro e interdependente com o conjunto, quase sempre girando em torno de uma expressão chave. Se nesse conto de que extraímos o primeiro parágrafo, a expres-

são chave é “rondando a roda” com múltiplas variações (“ronda no rolar”, “rodas que rodavam”, “rondava a ronda”, “ronda da roda”, etc...), em outros é aquela “esperada espera” quase maneirista de **No tremer da espera** e de **A extensão dos minutos**, ou “transformação” em **Quando a chuva fecha o campo**. “A grana dentro do peito” em **Vir a ser**, ou ainda a dupla “fim de ano-princípio de outro” em **Agora, princípio de sonho** com suas variantes. Do mesmo modo, as palavras “espera”, “transformação”, “roda” e “ronda”, com seus cognatos, repetindo-se de conto para conto e relacionando-se entre si, fazem do livro um corpo maior, uma unidade de temas, motivos e expressões interligados.

Toda essa experiência nos faria pensar num livro artificial e artificial, fascinado por aquele esteticismo que, procurando a máxima eficiência da palavra, esquece-se do contexto de que o verbo é representação. O caso de **TEXTO E CORPO** é outro; é um texto com raízes no corpo, vale dizer, na realidade humana que explora e denuncia. Creio, e aqui vai algo de impressionismo crítico, que a elaboração de contos desse tipo, em que o escritor não se intromete com interpretações e denúncias, mas deixa à obra, como objeto artístico, sua função retórica, deve ter custado um paciente, meditado e angustiante trabalho. Em todo caso, quem se aventurou na leitura de **TEXTO E CORPO** deve ter verificado que a programação textual não impediu a Miguel Jorge uma incursão exploradora, às vezes impiedosa, de nossa realidade. A ironia com que nos mostra a incapacidade de nosso homem comum de saltar os limites da inversão de valores é patente, por exemplo, no primeiro conto, onde narra, em forma de crônica, um dia de transformação (“Aquele era o seu dia de transformação”) na vida de um homem, transformação que consiste em perder paulatinamente o contato com o mundo e absorver-se no divertimento, fazer de uma peleja futebolística o momento culminante da vida. No último conto, o repto começa no título, **Meninos à margem** e tem sua sequência agressiva na expressão dramática dos diálogos: crianças se atacam em atos e linguagem, iniciam-se sozinhas no conhecimento sexual e são agredidas pelos pais. Está aí a denúncia da marginalização das famílias mais pobres de um processo educativo em si mesmo falho. A pobreza interior do pequeno burguês revela-se, por outro lado, com suas contradições e desespero, suas esperanças continuamente frustradas, em **Motocicleta, Tres momentos, Agora, princípio de sonho** e nesse denso embrião de romance, **Vir a ser**. Os contrastes sociais, de que os personagens tomam consciência ou não, manifestam-se, em forma de sugestão, em **Distâncias**, clara e violentamente, em **Faz-se hoje o ontem** e,

pondo-nos cara a cara com as conseqüências das injustiças inerentes nesta divisão social, em **Outra travessia**.

Ao mesmo tempo, e como conseqüência dessa visão plena de compromisso com o homem, Miguel Jorge exige do leitor um duplo compromisso: o primeiro deriva da programação do texto que se abre a diversas interpretações e consiste em fazer do leitor um ser coparticipante e compadecente da experiência por que passa não só o novelista mas também os personagens; o segundo, unido ao primeiro, é o que propõe ao leitor uma atitude crítica diante da realidade, fazendo-o sair de si para o mundo transfigurado da ficção, que representa, que é e que significa. (6)

## II

Depois da exposição geral em torno dos dois livros de contos, onde foram resumidos os caracteres centrais de cada um, destacarei, a partir de agora, os aspectos fundamentais apontados no início deste trabalho como predominantemente significativos. Mostrar-se-á especificamente nesta parte que, em conjunto, **ANTES DO TÚNEL** e **TEXTO E CORPO** revelam uma tentativa constante do autor para estabelecer um rigoroso sentido de construção em seus contos. Refiro-me particularmente a uma tendência singular de Miguel Jorge em dar à narrativa uma estrutura tectônica, um ritmo narrativo ordenado, em que a disposição formal, principalmente táctica, toma relevo expressivo.

É preciso sempre esclarecer que, embora o sentido de construção seja nítido nas duas coleções de contos, predomina em **ANTES DO TÚNEL** uma construção de base conceitual, enquanto que **TEXTO E CORPO** fundamenta-se construtivamente no investimento totalizante de significante e significado. Se no primeiro, a elaboração se centraliza nas idéias, no segundo realiza-se na plenitude da palavra. Diria ainda, reforçando com um argumento de moda em certa crítica contemporânea, que **ANTES DO TÚNEL** se constrói a partir do significado, relegando-se o significante à sua função normal, e que **TEXTO E CORPO** apresenta contos em que os dois planos de articulação lingüística assumem direções estratégicas.

Limitar-me-ei aqui ao estudo de algumas disposições bastante conhecidas: a construção correlativa, a gradativa, a de encaixe e a alternativa

Esta última quase não precisa de comentários; é a construção própria dos diálogos de **Meninos à margem**. A disposição frasal, indiciada pelo autor por meio do tradicional travessão, assenta-se no contraste conceitual de cada uma das falas. No diálogo transcrito abaixo pode-se perceber o adulto (C), assistindo com ar proibitivo a briga de dois irmãos, um dos quais or-



dena (B) e o outro resiste (A). Ordem, reprovação e resistência são as unidades de sentido que impregnam as três vozes alternantes em simetria próxima da perfeição:

- “— Vejam a briga.  
(C) — Parem com isso.  
(B) — Anda, merda, vamos embora.  
(A) — Não.  
(B) — Vamos ou arrebento você.  
(C) — Chamo a polícia.  
(B) — Pode chamar.  
(C) — Moleque atrevido.  
(B) — Anda, loirinho.  
(A) — Não.  
(B) — Tá é juntando gente, seu merda.  
(C) — Por que você quer levá-lo?” (TC, p. 183)

Mais adiante, a estrutura cruzada torna-se mais perfeita. Lauro (B) ordena e ameaça, e propõe ação; Lorinho (A) nega-se, intimida-se, e quer descanso; atividade e passividade são os motivadores sêmicos dessa construção:

- (B) — Para com essa choradeira ou eu aperto sua garganta.  
(A) — Então me solta.  
(B) — Cala a boca.  
(A) — Vou contar tudo ao pai.  
(B) — Vai? Vai?  
(A) — Não, não conto nada, juro, juro.  
(B) — Jura mesmo?  
(A) — Juro.  
(B) — Então faz a cruz com o dedo.  
(A) — Ai, já fiz. Agora me solta.  
(B) — Se falar, apanha.

Tal ordenação se complica posteriormente, com a entrada de novos personagens, novos meninos marginalizados e os pais dos dois personagens centrais (à margem dos problemas dos filhos). Distanciado de seus personagens (escritor à margem de seu conto), o narrador faz da construção um signo, isto é, faz do contraste das vozes a representação dramática de situações humanas em conflito. Contraste e cruzamento de falas correspondem, pois neste conto, a diferenças profundas entre pais e filhos, entre adultos e crianças, entre caracteres infantis, e os remetem a uma contradição social em nosso processo educativo, sobre o qual nem é preciso, por óbvio, falar. Há outro conto

ainda em que a estrutura alternada se faz presente: **Tribuna do al em praça de caça**. Indicada tipograficamente (num investimento espacial que encobre alternâncias mais complexas), esta construção possui também sua motivação interna; baseia-se nas dissenções interiores do protagonista e no cruzamento de seus processos discursivos.

A construção de encaixe é possivelmente a mais notória nos contos de Miguel Jorge, transparecendo com forte relevo nos seguintes: **O enterro, A espera, Reflexões de um morto, Rita e as irmãs, Ninguém deve morrer em setembro, Perseguição, Um instante antes do sol, Pé de moleque, O solar adormecido (ANTES DO TÚNEL), Ela vai voar, Motocicleta e Faz-se hoje o ontem (TEXTO E CORPO)**. Como esse tipo de construção se refere ao enredo, nada impede que em outros planos a construção se dê ainda em sentido gradativo, ou alternativo ou por correlação.

Essa estrutura por encaixe pode ser examinada em **Um instante antes do sol**. Duas histórias constituem esse conto. A primeira narra a morte de Ignácio, velho prepotente e amargurado, assim como a consequência imediata desta morte que é a revelação, para o mundo, de uma filha, Luzia, até então vivendo encerrada em casa para esconder sua condição de mulher e de criança psicologicamente anormal. Esta história (prepotência do velho, condenação de Luzia e de Laura — a mãe — ao encerramento, a morte e a libertação) encontram seu resumo nos seguintes parágrafos:

“Das janelas e portas cresciam gentes de todas as idades e cor. Laura sabia que estava sendo examinada. As ruas e casas lhe eram estranhas, como as pessoas postas nas janelas a cochichar.

— O velho Ignácio morreu, diziam a meia voz. Luzia ganhou a liberdade.” (AT, p. 47)

A segunda história narra o nascimento de Luzia, numa noite simbolicamente terrorífica, e o surgir da amargura de Ignácio. A primeira história começa e termina o conto; a segunda encaixa-se na primeira e se situa entre uma ordem de Ignácio, preses a morrer, dirigida a Laura (sua mulher) e Margarida (sua criada), e a execução da ordem. Entre:

“— Não vou morrer ainda, disse Ignácio.

Sentou-se na cama, tomou de um copo que sempre permanecia à sua cabeceira, sorveu dele um longo trago de água, passou a toalha pela testa suada, respirou profundamente.

- Quero ver Luzia, disse.  
 — É melhor trazer uma vela, disse Laura a Margarida.  
 — Não ouviu o que eu disse, negra?  
 Margarida saiu e Laura seguiu os seus passos. Ambas estavam confusas. Sumiram pelo corredor." AT, p. 142.  
 Agora as duas mulheres já estavam de volta. Luzia vinha entre elas.  
 Ao passar perto da cozinha gritou:  
 — Quero café." (AT, p. 145.

A construção por encaixe é significativa não só neste como nos outros contos acima enumerados; está em correspondência com a concepção ideológica de que no centro de todo momento histórico determinado, importante e vivido, existe outro que o explica dialeticamente. Assim, o vazio e a amargura de Ignácio encontram sua causa na recusa e na condenação de Luzia; a morte daquele, na vida desta. No centro de prepotência e mando a violação espreira; e na solidão e angústia envolventes vislumbra-se a opção que os motivou.

Outros contos (**A lagoa do mistério**, **Antes do túnel**, **Os anônimos** de ANTES DO TÚNEL. **Ela vai voltar**, **Agora, princípio de sonho**, **Distâncias**, **Motocicleta**, **Faz-se hoje o ontem** e **Quando a chuva fecha o campo** de TEXTO E CORPO) exemplificam o uso da gradação como processo construtivo do relato. Neles, a par de outras dimensões tectônicas, o autor procura estabelecer uma progressão que atinge simultaneamente vários ou todos de seus elementos constitutivos.

Nos três contos assinalados de ANTES DO TÚNEL a gradação reduz-se a esquemas bem simples. Em **A lagoa do mistério**, por exemplo, está montada sobre três pilares paralelos, que sustentam três estágios progressivos: a idade do protagonista Miro (infância, adolescência, juventude), seu desenvolvimento espiritual (inocência, consciência do pecado, pecado), e seu modo de percepção do mundo (a lagoa como realidade física inexplicável, a lagoa fisicamente explicável, e a lagoa elevada a categoria simbólica).

Mas em TEXTO E CORPO a gradação torna-se mais complexa. Tome-se **Agora, princípio de sonho**. Ali se superpõem o desenrolar da agitação exterior do protagonista sem nome (um "tu" simplesmente), a transformação paulatina do poder perceptivo, a progressiva insatisfação fisiológica do tóxico, a acumulação de recordações e revoltas, e a ampliação do vazio e da solidão. Esse conteúdo progride com a forma. Destacando dois

conjuntos de frases vê-se que eles se ordenam gradativamente no plano semântico, ou em suas implicações conotativas e às vezes até no volume material do significante; um conjunto desenvolve-se em progressão decrescente:

- A1: "Tu segues com a rua. Nem paras, nem olhas. Quem se interessaria pelos teus olhos? O tempo tem maior importância para eles. O tempo metamorfosea-se em cores. Vermelho o horizonte. Amarela tua face." (TC, p. 133)
- A2: "Tu segues com a rua. E paras. Tens o tempo transformado. Outras cores e outras paisagens. A praça despida de sons e de vozes." (TC, ps. 133-4)
- A3: "Estavas parado. Teu pensamento seguia adiante." (TC, p. 135)
- A4: "Tu já não segues com a rua. Outros seguem teu passeio." (TC, p. 142)

outro conjunto evolui em gradação crescente:

- B1: "No entanto, mais um ano vinha chegando." (TC, p. 134)
- B2: "Entrava-se em um novo ano." (TC, p. 135)
- B3: "Vivia-se o nascer de um novo ano." (TC, p. 135)
- B4: "Ano novo, não é?... "É, realmente ano novo." (TC, p. 136)
- B5: "Feliz ano novo", dizias..." (TC, p. 137)
- B6: "Todos ali agonizavam com o ano velho e renasciam com o ano novo." (TC, p. 139)
- B7: "Era um fim de ano, princípio de outro e estavas com cinco injeções dando voltas pelo corpo." (TC, p. 139)
- B8: "Ano novo, ano velho. Nenhum dos dois tem tanta importância." (TC, p. 140)
- B9: "Não era um dia comum em tua vida, o primeiro do ano." (TC, p. 141)
- B10: "Nada havia mudado no céu. A mesma tranquilidade. E era o início do ano." (TC, p. 142)

Há ainda outros contos de Miguel Jorge que poderiam fazer pensar num sentido gradativo de construção; mas em alguns deles se trata simplesmente de conjuntos correlativos; em outros, de uma reiteração paralelística ou, ainda, de uma disposição circular do enredo que espelha o tema da esperança negada, mas continuamente renovada, como acontece em **A extensão dos minutos**, que começa e termina com a mesma frase: "Aquela não era a primeira vez." (TC, ps. 77 e 84).

Entretanto, todos esses processos repetitivos de construção estão na base das estruturas correlativas que encontramos em **Moderato Cantabile: três variações, Rita e as irmãs, O solar adormecido** (ANTES DO TÚNEL), **Quando a chuva fecha o campo, A extensão dos minutos, Tribuna do al em praça de caça, Três momentos, Vir a ser, Outra travessia** (TEXTO E CORPO). Neles encontram-se as táticas de conjuntos semelhantes, estudadas e codificadas por Dámaso Alonso e Carlos Bousoffo na linguagem poética hispânica? Nos de ANTES DO TÚNEL nota-se principalmente o tipo **disseminativo-recolectivo** e nos de TEXTO E CORPO, a forma híbrida **progressivo-reiterativa**. (8) Sua análise, que em poemas se mostra mais exequível, obrigaria aqui praticamente a uma transcrição de todo um conto para percebermos a posição dos sintagmas tanto progressivos, como não progressivos. (9) Mas, somente para não deixar no ar esta espécie de construção tão frequente em Miguel Jorge, esquematizarei **O solar adormecido** com a pluralidade constituída pela classe dos personagens: Mariano (A1), Juca (A2), Josefina (A3), Joana (A4) e Aristides (A5), que se apresentam nessa mesma ordem (A1 -|- A2 -|- A3 -|- A4 + A5) logo na abertura do conto:

“Tudo morto, repetiu Mariano, restam somente as lembranças, as amargas lembranças... o velho Juca, D. Josefina, Joana e a ternura de Aristides.” (AT, p. 163)

Tais personagens, com suas respectivas qualidades, disseminam-se ao longo do conto, por cinco episódios, até que na conclusão sejam recolhidos invertidamente:

“Em verdade, nada havia mudado, exceto ele, Mariano.

Durante sua ausência, jamais recebera notícias de casa. Agora havia chegado ao fim, ninguém para recebê-lo, nem para amá-lo ou odiá-lo. Aristides era uma estrela no céu, foi o primeiro a partir, numa epidemia de febre amarela. Depois foi Joana, a megera, em seguida Sá Zerina e, por último, o velho Trovão.

Restava-lhe o Solar do Silêncio, com suas vozes adormecidas, seus momentos de glória e de derrota, suas lágrimas e seus sorrisos.” (AT, p. 178)

Essa distribuição pode ser esquematizada como segue:

Apresentação: A1 + A2 + A3 -|- A4 -|- A5

Disseminação: A2 + A1 + A4  
 A3 + A1 + A4 -|- A5  
 A4 + A1 + A3 -|- A5 -|- A2

A1 + A5 + A2 -|- A3 -|- A4  
A3 + A1 + A2 -|- A4 -|- A5

Recolhida: (A1) + A5 + A4 -|- A3 -|- A2 -|- A1

O quadro dá uma idéia aproximada de como se disseminam no conto os elementos apresentados no primeiro conjunto e que são recolhidos depois no último, com inversão. Essa estratégia não constitui, porém, uma simples técnica; obedece a uma necessidade interna, pois reflete à sequência mesma da narrativa: Mariano, que voltara à casa paterna (não é, entretanto, um filho pródigo), depois de recordar meio desordenadamente vários acontecimentos de sua infância, recolhe em seu espírito a imagem de cada uma das pessoas que havia abandonado e que permaneciam ainda vivas em sua lembrança: Aristides, com sua inocência, Joana, com seus mistérios e superstições, Josefina, a mãe, e Juca, o pai autoritário.

Todas estas técnicas mostram um artista que sabe aliar a aplicação artesanal e engenhosa à necessidade expressiva. Estão, pois, em função do conteúdo que existe por essa forma.

### III

Já se afirmou neste trabalho, a propósito de ANTES DO TÚNEL, que existe um tema central a percorrer de ponta o livro inteiro. Seria o tema do desarraigamento existencial, com as variantes temáticas da fragilidade, da angústia, da urgência da morte e finitude do homem, da náusea e da solidão humanas. Já se referiu também, de passagem, a certas direções que tomam esses motivos: o sentido de condenação, carência e derrelição totais anteposto a uma vontade de reconquista da existência e a um projeto de superação. Alguns desses temas continuam vivos em TEXTO E CORPO, mais desnuda e diretamente expostos. Mas se acrescentam outros, como o da vida inautêntica, o da esperança, o da transformação e o da reflexão sobre o compromisso político; num conto chega-se a descobrir o motivo orteguiano do amor radical (**Ela vai voltar**). Tudo nos indica que enfrentamos nos dois livros com uma concepção francamente existencialista do homem, por trás da qual, porém, assomam indícios reveladores de outras preocupações positivas que orientam esta visão do mundo para saídas ou soluções não solipsistas. Porque é certo que tanto em TEXTO E CORPO como em ANTES DO TÚNEL dificilmente conseguiríamos separar a dramática concepção existencialista do homem de certos problemas de âmbito social: a decadência do patriarcalismo, a crítica da ideologia pequeno-burguesa ou de seu **modus vivendi**, a marginalização de algu-



mas camadas populacionais em nossa educação, a inversão de valores, o conflito generacional e a denúncia de certas condições humanas injustas. Heróis problemáticos, refletindo um estado de crise, despontam nesse contexto.

Não esmiuçarei aqui toda essa visão do mundo, que já revela por si mesma um autor com méritos suficientes para merecer estudos mais profundos do que este. Basta um comentário crítico de três temas: a solidão, a angústia e a reflexão sobre o compromisso.

A solidão humana, particularizada em muitos personagens de ANTES DO TÚNEL e em quase todos de TEXTO E CORPO, constitui uma condição existencial que se manifesta em Miguel Jorge tanto como categoria de excepcionalidade quanto como incapacidade essencial de comunicação. Preservando a individualidade do ser, mas sentida contraditória e pessoalmente como limitação, torna-se um estado dramático por excelência.

Como representação de experiências individuais, a solidão dos personagens de Miguel Jorge pode derivar de certas coerções exteriores contra as quais eles reagem defensivamente. E isto já é uma denúncia. Clara, como em **Pé de moleque** (ANTES DO TÚNEL), e implícita, como em **Vir a ser** e em **Agora, princípio de sonho** (TEXTO E CORPO).

**Pé de moleque** (ou Clara ou Florismunda) caracteriza essa condição, ao mesmo tempo de revolta e agressividade, que a impele ao isolamento tragicômico. Desde as primeiras linhas do conto, sua descrição se orienta neste sentido:

“Descia os degraus da escada com os peitinhos saltitantes dentro do vestido. Na rua respirou profundo. Tinha medo de todos aqueles olhares postos nela. Mas o que estava fazendo era um desafio à vida, aos olhares das mulheres de seu bairro apinhadas à janela, por isso andava firme repetindo baixinho:

— Malditos. Vocês vão ver. Vocês vão ver.

Não se referia a ninguém particular, mas se lembrava das mulheres de seu bairro, dos meninos que lhe seguiam os passos, e principalmente de seus pais.

— Eles vão ver. Repetia baixinho.” (**Pé de moleque**, AT, p. 151)

Em nova passagem, o retrato psicológico aprofunda-se; na sala de espera de um consultório médico impressiona-se com um quadro onde afloram claras analogias:

“A moça, com o pensamento, guardava a impressão de consultório. Chique, sem dúvida. Ornamentação

barroca de muito bom gosto. Mas o que a estava preocupando era um quadro na parede, com poucas tintas, onde se via sozinha, ao longo de uma estrada, uma menina. Ao fundo, em contraste de cores, duas árvores velhas e ressequidas.” (idem, p. 152)

Finalmente verifica-se que os pais são os menos culpados. O preconceito social com toda a ideologia que o sustenta e o admite, transparece nesse fragmento de sonho:

“Um leve enjôo subiu-lhe até ao estômago. Depois uma agonia que a transportava para longe dali. Sentiu que seu corpo flutuava no espaço absurdo onde só havia céu e pássaros. Ela percorria o vazio montada em uma nuvem. Depois foi atirada para longe e via-se sentada em uma pedra. Ao seu redor um aglomerado de pessoas com o dedo em riste lhe dizia:

— Fora daqui, negra.

Eram as pessoas de seu bairro. As mulheres das janelas, os meninos e os velhos.” (ibidem, ps. 152-3).

Está-se, pois, diante de um ser degradado até suas mais íntimas fibras; sua única saída é o isolamento, e seu único refúgio, a vida interiorizada até às mistificações (invenção de novos e falsos nomes, mitomanias). Mas mesmo aí a degradação a persegue, ou melhor, se manifesta em todo o simbolismo da deglutição. Sonhando-se como alimento (pé de moleque) torna-se objeto de posse, coisa engulida e deglutida, um ser para o nada.

Mas não é só em **Pé de moleque** que a solidão se explica pela degradação do homem (pessoa deformada em coisa, ser espiritual em **res individua tantum**). A reificação (não seu processo, mas seu estágio final e consequências) também se mostra em **Vir a ser** e em **Agora, princípio de sonho** como causa primordial da solidão. Em ambos os contos, os personagens não têm nome. Um simples “ele” e um “tu” são os indícios de sua existência como pessoa. Um deles se transforma (e quer transformar-se) em ser neutro, mas ao falsear a visão do amor nivela-se ao plano da animalidade. O outro, reduzindo o círculo da existência a si mesmo, termina no vazio de seu corpo, outra **res**, que passa a ser seu único sentido. Tanto este como aquele exemplificam a irracionalidade de uma visão da existência particularista, que se crê a única e que rastreia a vida solitária sentida como exceção, mas exceção negativa.

Nessa situação individualmente privilegiada, qualquer forma de comunicação fracassa, pois a ignorância do mundo trava toda possibilidade de contato. Nenhum conto logra representar



artisticamente tão bem esta incapacidade, bem como sua origem, do que **Rita e as irmãs** (ANTES DO TÚNEL). Ali, quatro personagens, vivendo na mesma casa, encerram-se, cada um, em seu interior, com a consciência de suas limitações e ignorância. Todos foram perdendo suas raízes com o mundo exterior e fechando seu círculo de comunhão humana em experiências privadas. Este encerramento impede, por sua vez, qualquer impulso voluntário para a aproximação com o outro; conseqüentemente, seus anseios vão rebatendo em paredes de vãos cada vez mais estreitos. Lola fica reduzida ao silêncio; os outros personagens repetem o mesmo refrão da ignorância, da impossibilidade essencial de comunicar-se com o outro e de realizar sua vontade. Rosa confessa-nos sobre Rita:

“Às vezes sinto vontade de abraçá-la, de beijá-la, mas permaneço de longe, vendo-a cuidar da mãe. Não sei o que se passa comigo. Meu nome é Rosa. Sou dois anos mais nova do que Rita.” (AT, p. 73)

o mesmo que Rita de Rosa:

“Meu nome é Rita. Sou a irmã mais velha de Rosa. Às vezes fico pensando como compensá-la, talvez um abraço, um beijo. Não sei o que se passa comigo.” (AT, p. 76)

o que é reiterado, num outro tom, por Sá Isabel, quando se refere a Lola:

“Meu nome é Sá Isabel. A mãe. Sei que a morte não demora. O que poderei fazer por minhas filhas? O quê?

Poderia tomar Lola em meus braços como criança, beijar seus cabelos. O calor aumenta, sinto que vou gritar.” (AT, p. 79)

Apesar de tudo, a solidão humana não constitui a única saída. Nem nos parece a via ideológica proposta pelo autor que encontra meios de ser infiel ao egocentrismo de seus personagens. No caso de **Rita e as irmãs** serve-se ele da mucama que, como elemento recolhedor, retrata o esvaziado e empobrecido mundo das outras mulheres, seu envolvimento individualista na espiralada linha que termina com a morte, vale dizer outra vez, a redução ao nada:

“Saio para o terreiro, atiro uma pedra por cima da cerca. Longe ainda o pássaro canta. O dia vai clareando. Por algumas horas cada uma das mulheres estará entregue a seu próprio devaneio. Depois, tudo recomeçará de novo até que a noite caia novamente e eu terei que vigiar a morte.

Sou a mucama. Cuidei de todas elas e ainda cuidei.” (AT, p. 79)

Outro tema constante em Miguel Jorge é a angústia, que se manifesta em seus personagens como sentimento de uma condição humana especial, a condição da crise; consiste esta de uma noção conturbada, às vezes confusa e às vezes claramente consciente, que a personagem possui de sua situação no mundo: saber-se existencial mas interrogar-se sobre sua essência, sua origem e seu fim; saber-se indivíduo mas ao mesmo tempo querer preservá-lo, excepcionalmente, da quotidianeidade; saber-se pessoa mas conhecer a ameaça do nada, do absurdo objetivo e da morte.

Diversos personagens ilustram esta condição: o inominado “Ela” de **A extensão dos minutos** (TEXTO E CORPO), cujas esperanças de libertar-se da viscosidade das coisas e da indiferença das pessoas circundantes são continuamente minadas; o José de **Motocicleta**, que recusa Deus e a sociedade, com o fim de salvar, paradoxalmente, sua personalidade e sua imortalidade; o complexo “ele” de **Vir a ser**, ainda de TEXTO E CORPO, que opta pela adoção irracionalista da ignorância como única forma de ser e de... “conhecer”. Todas essas representações de vidas, ao mesmo tempo extremamente frágeis e fortemente egocêntricas, surgidas em TEXTO E CORPO, são extensões de outras mais que se encontram em ANTES DO TÚNEL.

Neste primeiro livro de Miguel Jorge, a angústia se apresenta com tanta força que arriscaria reduzir tematicamente os contos à frase “não sei” (de resto, essa atualização da ignorância é a mais repetida no livro); a variante tonal desta frase seria a anticadência, própria das tensões espirituais que caracterizam as contínuas interrogações interiores; a unidade de sentido que funcionaria como eixo ordenador seria “instabilidade”. Quero dizer que, com estas reduções, pode determinar-se o tema central e irradiante de todos os contos: o tema do desarraigo espiritual, esse importante elemento constitutivo do livro que lhe dá aquela unidade que põe em equilíbrio — equilíbrio negado por Fábio Lucas — todos os outros constituintes.

Está presente em muitos personagens como um sentimento de perda irreparável. Tal acontece em dois narradores represen-

tados de Moderato cantabile: três variações. Alzira evidencia bem o estado espiritual daquele que, fiado na posse precária de outro ser humano, sente a contínua ameaça da perda, terminando por sentir-se absurda desde o momento em que passa a carcer definitivamente do objeto que é o outro. Para sua forma de ser burguesa, o objeto de amor é mera **res** e não uma pessoa rica de possibilidades interiores. Abandonada por essa “coisa”, Alzira tem que voltar-se para si mesma. Então seu vazio se desveia, transformada que está em objeto, em algo estranho à sua essência humana. Neste sentido é bem simbólico o seu espanto diante do espelho: “Eu própria tenho medo de minha figura no espelho.” (AT, p. 21)

As vezes a angústia transparece no sentimento inexplicável da finitude que inquieta personagens como Bruno de **O enterro**; ora se dá como consciência da fragilidade e da contingência, quando os personagens são impelidos a um desesperado anseio de imortalidade (**Ninguém deve morrer em setembro**) ou a resolver a insolucionável (porque uma ignorância radical impede qualquer solução) antinomia da essência e da existência, nitidamente exposta nas perguntas daquele “eu” radicalmente solitário de **A espera**:

Hoje penetro dentro de mim num raciocínio cruel, porém inevitável. Vejo nos outros o que falta em mim e são todos estranhos, imigrantes de um estranho planeta, animais insociáveis e uma era perdida. De onde emergimos? Para onde vamos? É preciso encontrar a resposta. Mas aqui não há eco, ouço somente o som das bigornas dolentes, das máquinas possantes, das vozes que se projetam e se perdem para dentro de si mesmas.

Agora caem as sombras de uma árvore invisível e sigo à procura de um banco sólido, onde possa repousar a carcassa de pássaro e deixar que o espírito liberto vague por aí, à procura de um pouco de luz. Mas não consigo abandonar este beco, pleno de trevas em desordenada aparição. Os homens que por aqui transitam, não são verdadeiramente homens, são morcegos presos à própria condenação.” (AT, p. 49)

Se o personagem sofre a agonia da religião, sua angústia é outra. Tem que instaurar sua própria liberdade para ganhar sua individualidade. Isto acontece com Miro, ser de ressonâncias francamente kierkegaardianas. Entre a inocência, que ele sente ligá-lo às coisas no mesmo plano de dependência com relação a

Deus e o pecado, que o faria libertar-se e adquirir autonomia, Miro opta pelo último:

“— Quem sou eu? gritou Miro. De que sou feito? Agora tinha-se a impressão de que a água acordava com o crepúsculo. Miro levantou-se. Seguiu caminhando pela mesma estrada que conhecia tão bem. Seu aspecto era de quem tivesse se livrado de uma tempestade.

Antes de chegar em casa ele disse de si para si.  
— Eu preciso pecar.” (**A lagoa do mistério**, AT, p. 35)

Mas, como homem religioso, sua forma de ser é de dependência. Seu salto qualitativo termina por ser um salto para a destruição de si mesmo, significa um negar-se; de fato, pecando, destruiu-se.

Já acentuei que Miguel Jorge tem meios de mostrar-se infiel às concepções de seus personagens. Lembremos que em outros contos a vida e a realidade assumem seus sentidos verdadeiros: a razão supera o irracional, a solidão cede à comunhão (**Ela vai voltar** de **TEXTO E CORPO**), o medo dá lugar à coragem (**Perseguição** de **ANTES DO TÚNEL**) e a alienação substitui-se pelo compromisso.

Este último tema, o do compromisso, revela-se como sendo mais do autor do que nascido de uma visão dos próprios personagens e se dá, apesar de indícios aparentes em contrário, não em **ANTES DO TÚNEL** mas em **TEXTO E CORPO**. É aqui que nos defrontamos, como já temos vindo indicando às vezes, com a representação de certos contrastes da realidade histórica brasileira recente, se não atual. Basta pensar nos seguintes relatos de **TEXTO E CORPO**: **Faz-se hoje o ontem**, **Outra travessia**, **Distâncias**, **Motocicleta**, **Tribuna do al em praça de caça** e a extensão deste, **No tremor da espera**.

Nesses contos, os personagens raramente alcançam um plano de prática e meditação; sua consciência possível da realidade aflora somente em termos intuitivos, quase imediatos. Sentem a violência das injustiças e sua ação se torna mais defensiva que propriamente produto de uma reflexão adequada sobre seus direitos inalienáveis, mas negados, à alimentação, aos bens que produziram, ao valor de seu trabalho, à sobrevivência e à liberdade. Portanto, a praxis completa só se realiza no autor que cria um mundo significativamente realista, numa ação criadora que é produto de reflexão consciente sobre o mundo, não um mundo longínquo, europeu, mas bem brasileiro, complexo e problemático.

Quem quiser certificar-se disto poderá ler **Tribuna do al em praça de caça**, um retrato espiritual do jovem universitário brasileiro da década de 60 que, no curso ainda de sua formação e de sua conquista da razão assaltada pela mistificação, pela má fé e pela ignorância, se vê tolhido, sem armas e estupefato, diante da violência. Não sabemos até que ponto seu conflito interior, que é o de refletir sobre o significado de sua existência e de sua ação política, como princípios, antes antagônicos mas depois complementares, a uma ideologia do autor. Importa é que se trata de reflexo artisticamente bem conseguido de uma situação viva. E que merece, no mínimo, o nosso respeito, pois estamos diante de uma posição superadora, assumida diante da vida pessoal e da totalidade coletiva: "Fácil o suicídio. Difícil encarar o dia." (TC, p. 39)

#### IV

Busca de rigor na construção, temas predominantes da angústia, solidão e compromisso. Falta ainda abordar a terceira marca principal dos dois livros de ficção de Miguel Jorge: a preocupada e consciente procura da máxima eficiência verbal. Nessa característica é que se pode encontrar base para uma diferenciação mais imediata entre ANTES DO TÚNEL e TEXTO E CORPO. Se naquele, a elaboração da narrativa incidia frequentemente sobre idéia, neste recai sobre as palavras em sua plenitude; se naquele a construção se fazia mais no plano conceitual e fraseológico, neste atende também o nível fônico.

Já se estudou a ordem construtiva dos contos e foi verificado seu teor significativo, o que já constitui uma prova de busca da eficiência verbal. Verei agora outros planos: o das figuras, tanto semânticas, quanto fônicas. Desde logo pode-se afirmar que estas são raras em ANTES DO TÚNEL; contam-se até. Uma se dá na sequência inicial de **A lagoa do mistério**, onde a base consonantal de nasais e vibrantes está combinada com outras sequências fônicas num todo solidário com a forma de conteúdo:

"Chove. Há três meses que o ruído é o mesmo. Sonoro, lento, cantante. Os pingos oblíquos são levados pelo vento e vão deslizar sobre a casa de Seu Romão. E a água corre sobre as telhas encharcadas, esparramando-se como lesma na terra, na qual deixa um rasto viscoso correndo pelas enxurradas." (AT, p. 29)

outra é a disposição simétrica das combinações vocálicas, no seguinte detalhe descritivo de projeção sêmica igualmente simétrica:



“... ombros largos e colo alvo (**A espera**, AT, p. 55) a terceira é a seguinte sequência relevante de fonemas consonantais duros, numa frase decassilábica, com quatro acentos de intensidade expressivos, sugerindo a aproximação repentina e assustadora de um acontecimento trágico:

“Um pássaro preto canta perto” (**Rita e as irmãs**, AT, p. 79)

Entretanto, é em **TEXTO E CORPO** que as correspondências fônicas irrompem sem nenhuma timidez em todas as suas possibilidades combinatórias. Muitas vezes resultam de uma redundância, da reiteração de mesma palavra ou frase, das agnominações, da amplificação ou redução de um vocábulo através do uso de cognatos. Veja-se o fim de **No tremor da espera** em que se condensam múltiplas figuras do significante:

“Suavas frio nos pulsos e nas pernas. Febre. Jogo de sorte ou de morte. “Nome, endereço, onde, onde?” Estalo do tempo, e de tēmporas. O fiar do tempo nas horas que rodam e voltam, e trazem consigo a rotineira rotina. Encostaste na porta. O corpo solto ao peso de tua miséria. Em tua esperança esperarias, esperarias, esperarias.” (TC, p. 74)

Quase sempre, porém, **TEXTO E CORPO** apresenta contos em que uma frase vai-se repetindo no decurso narrativo como um verdadeiro motivo musical, graças à reiteração de seus componentes fono-semânticos nas mais diversas variações. Tome-mos o conto, **Outra travessia**. Sua orquestração é realmente complexa, pois uma série de frases vai-se repetindo, com variantes em disposição contrapontística, do começo ao fim do relato. Observa-se até a presença do motivo “obstinado” (“Raposa de muitas uvas”), repetido sem variações, além do aproveitamento de um coral litânico (“bendizemos”). Para se ter uma idéia desse processo polifônico, basta acompanhar uma única frase, exatamente aquela que serve de abertura musical e plástica do conto: “Abraçando a massa a praça”. Ela se amplia, se modifica, aumenta seu volume, reduz-se, serve de apoio para outras frases musicais, na seguinte sucessão:

- “Abraçando a massa, a praça” (p. 159)
- “A messe da massa na praça, como agitada por cargas elétricas.” (p. 161)
- “A messe na praça centralizava o dia” (p. 162)
- “A messe da massa em orações estridentes, em ladar ladainha” (p. 162)

- “A massa no chão, o alimento na mão” (p. 163)
- “A massa em repetida ladainha” (p. 163)
- “A massa grunhindo que nem cão salivento” (p. 164)
- “A praça acalmando a praça” (p. 166)
- “Depois foi-se esvaziando tudo, a praça, o mundo” (p. 167)
- “A massa voltou-se agarrada a seus alimentos” (p. 167)

Estas variações em torno do mesmo motivo, que por sua vez determinam sub-temas com outras variações, estão em relação contrapontística com outras frases, tais como “Gente e mais gente. Bem, o povo cresce como os rios.”, ou “Mas, era Horácio Veras Verde. Por ele tudo iniciava” e ainda “Pudesse, daria tudo aos padres. A alma se salvaria. Tinha a promessa do padre confessor”.

A primeira vista tudo parecerá um jogo técnico, totalmente artificial; no entanto, alguns instantâneos interiores do personagem narrador põem-nos diante de uma motivação interna. A de que esta estrutura polifônica, em que os motivos se reiteram continuamente sob variações novas, corresponde ao processo de fluxo e refluxo das recordações e à concepção da existência como fase de um ciclo eterno de retorno:

“E eu não precisava ter visto tudo aquilo. Houvesse reinício viveria a vida. Mas o tempo há de contar a história da gente. Há de contar. Reincarnação? Reinício tudo de outra forma”. E pensava, e desejava, sabendo o que não sabia do mundo. A porta do quarto, os outros aposentos, arranjar e empurrar a cadeira de rodas, comida e mais comida para Horácio Veras Verde. Nada mais sabia do mundo e nem saberia, e nem saberia.” (TC, p. 168)

Não seria preciso muito esforço para encontrar também, em plano menos global, realizações figurativas no nível isolado do significante. Aliteraões, coliteraões, consonâncias e assonâncias expressivas dão-se com efetiva e eficiente nitidez em todos os contos (menos no que se intitula, bem propositalmente, **Meninos à margem** — à margem social, à margem da organicidade procurada do livro, à margem dessa experiência de linguagem, e muitos outros **à margem** —). E isto não só quando analisamos a sequência dos fonemas segmentais, mas também as dos suprsegmentais mais diretamente vinculados ao nível semântico. Aqui se poderia mostrar a força evocadora do ritmo

de intensidade e do ritmo de tom, em todo TEXTO E CORPO. Mas, deixando a tarefa para outros mais preparados, contentar-me-ei com a (como diria o heterônimo Alvaro de Campos) covardia do exemplo

“O centro-avante domina o campo com as valentias de sua história no gramado. Repórteres, homens de rádio. O juiz. A bola no centro. O chute, o passe, a dança, o pulo avança, trançadas pernas, um vai e um vem, um nada, um corpo. além Um chute, ataque, a bola volta, o povo aclama e tudo se perde pelas linhas de fundo. “Vão perder. Vão perder filhos da mãe. Estou de oração, corpo fechado, sete cruz, cinco salomão.” Ei, juiz ladrão. Já começou? Eu vi, eu vi que estava roubando uma falta. Morfético, carniça. A área desguarnecida. Ainda bem que Manga Larga salvou. Puxa vida. Outro ataque. Segura esse negro fugido, lobisomem, sombra apagada. Os refletores em cima dos corpos suados, para os lados o verde chamava a bola. Drible, passe, roça e bate, pica e salta, cabeçada, pé levantando. Ponta de lance, a marcação. Chuta a bola que bate e volta, torna a rolar, vai um pé, volta na área, cuidado, atenção vai chutar, gol”. (**Quando a campo**, TC, p. 32)

Está-se aí diante de uma forma de ritmo pelo autor implícito; noutro conto, **Motocicleta**, o ritmo melódico e quantitativo torna-se livre, uma espécie de ritmo disponível que cada leitor, conforme a distância que mantém com o protagonista, poderá impor:

“Que querem ainda não estou morto não vou morrer vão se embora maldição dos infernos estão se aproximando examinando esperando ainda não sou carniça outros vêm chegando sentam pouso bichos imundos vão padecer na agonia da espera será que sabem ter paciência a minha não se esgotou tenho força suficiente para umas três ou quatro horas Santa Maria Cheia de Graça alguém vai chegar tenho certeza minha vida vou mudar também nunca fui rico e tive poucas oportunidades para vencer tenho emprego uma motocicleta uma amante uma namorada e meus estudos interrompidos também que mais poderia fazer sozinho a gente se desgasta e a mãe e o pai sempre a dar conselhos e lágrimas nunca pude fazer direito e que queria por isso é que não admito peias nem prisões e o ho-



mem tem que servir-se liberto e livre as mulheres deviam entender isto as autoridades também e o Sindicato posso ajudar mais as reuniões me enjoavam e tinha náuseas de alguns metidos e entendidos mais que os outros mas na verdade nada entendiam chegaram mais dois urubus..." (TC, ps. 100-101)

Esta associação entre elementos os mais heteróclitos continua por página e meia, unidimensionalmente, nessa tonalidade suspensiva e neutra que tenta ser uma aproximação reflexiva do discurso mental do personagem central.

Semelhantemente, não é pouco o material que TEXTO E CORPO oferece para uma análise realizável no campo semântico, onde se verifica o verdadeiro salto operado por Miguel Jorge do primeiro para o segundo livro. Se em ANTES DO TÚNEL descobre-se com facilidade a origem da maioria das figuras, em TEXTO E CORPO apresenta-se um verdadeiro ato criativo. As imagens tópicas do primeiro são substituídas, no segundo, por imagens-ruptura. Desviando-me, porém, do estudo exaustivo dessa realização poética, limitar-me-ei ao enfoque de certas formas especiais de concepção figurativa dos personagens: o personagem oculto e o personagem pronominal.

Categorias lógico-gramaticais ajudam a precisar o que se entende aqui por personagem elíptico ou oculto. Corresponderia ao que na gramática tradicional se conhece sob o nome de sujeito oculto e determinado, bastante usual na chamada impropriamente análise sintática. É um fenômeno de elipse. Embora determinável, não se explicita na sequência narrativa. Esse tipo de personagem encontra-se em **Moderato cantabile: três variações** (ANTES DO TÚNEL) e em **Tres momentos** (TEXTO E CORPO). Identifica-se por meio de determinações e predicativos: confidente, ouvinte, atencioso, conselheiro, sr., inquisidor, paternal, etc... É o "senhor", percebido pelo leitor como sendo o ouvinte interno dos relatos de cada um dos personagens que se sucedem, em primeiro plano na sequência dos fatos. O personagem oculto pergunta nomes, mas sua pergunta não é transcrita; aconselha, mas o conselho não se patentiza diretamente; oferece ajuda, mas o seu ato não transita dele para nós, os leitores. E assim, sucessivamente. Alguns parágrafos de **Moderato cantabile: três variações** mostram o processo:

1

"Eu não sabia o que a vida me reservava. O senhor sabe, mulher pensa diferente, o coração é quem manda, a gente só obedece.

Se amava meu marido? Como mulher jamais amou algum!" (AT, p. 19)

2

"Sim, meu nome é Sérgio. Se gosto de minha mãe? Gosto. Por que dou trabalho em casa? Não sei. Depois do que acontece ao meu pai, não sei bem o que se passa comigo." (AT, p. 21)

"Meu nome é Carmela, sim senhor. Carmela do Rosário. Estou com eles desde que Serginho nasceu. Que é que achava de seu Leonardo? Olhe, o senhor promete que me deixar ir embora depois que falar? Não quero mais saber daquela casa." (AT p. 23)

Aqui, por trás dos narradores representados, há a figura de um inquisidor que, nos primeiros momentos da leitura, podemos pensar tatar-se do autor implícito ou do leitor, mágica ou ilusoriamente introduzido no conto, mas que no fim se identifica como um personagem qualquer que os ouve. É o personagem que pergunta os nomes dos narradores e pede todas as informações possíveis num inquérito provavelmente policial. O mesmo se verifica em **Três momentos**:

I

"O senhor dê uma olhadinha aqui para o dedão do meu pé direito, pois estava ainda muito pior, quase quebrado, e foi uma pisada. O doutor veja, uma pisada dentro do ônibus." (TC, p. 105)

II

"Não precisa dizer nada. Eu sei quem mandou o doutor aqui, pois é, tenho sempre um tino de observação. É sim senhor, Carmandino. Nome artístico. Gosto do nome, até esqueço que tenho o sobrenome de um pai que não sei quem é. Já, sim senhor. Coisa de nada." (TC, p. 111)

III

"É sim, senhor. É esse o meu nome: Donato. Acho que sempre gostei de casa, da minha família. Não conhecia nada mais." (TC, p. 113)

Outro tipo de personagens de Miguel Jorge é o pronominal, isto é, o personagem destituído de nome próprio e que existe somente nas formas do **eu**, do **tu** (ou do **você**) e do **ele** ou **ela**. São personagens-eu, o protagonista de **A espera** (ANTES DO TÚNEL) e o primeiro narrador de **Três momentos** (TEXTO E CORPO). São personagens-tu, os protagonistas de **No tremor da es-**

pera e de **Agora, principio de sonho** (TEXTO E CORPO); são personagens-ele (a), os principais de **Antes do túnel** (ANTES DO TÚNEL) e de **A extensão dos minutos** (TEXTO E CORPO). E são todos esses pronomes fundidos e superpostos, os protagonistas de **Tribuna do al em praça** de caça e de **Vir a ser** (TEXTO E CORPO). 10

Não detalharei aqui a função que desempenha a substituição dos nomes pelos pronomes, porque essa representação de seres humanos, a par de manifesta intenção de programação textual, liga-se ao sentido de privação e de perda, de confusão e de angústia, que já comentei na terceira parte deste estudo. E demonstra, uma vez mais, que Miguel Jorge realiza, nesse início de sua atividade criativa, uma pesquisa de elaboração fecunda que atinge a plenitude da palavra e que, assim o creio, continuará se enriquecendo e aprofundando em futuros livros.

Não sei, nem posso prever, a meta a que essas experiências o conduzirão. Sairá do conto? Procurará a poesia, onde a eficiência verbal por ele buscada se daria com maiores possibilidades? Derivará para o drama? Tentará a novela ou o romance?

ANTES DO TÚNEL e TEXTO E CORPO fornecem flechas indicativas de todos esses caminhos. Tudo sugere, porém, que Miguel Jorge instalará sua morada no centro de cruzamento de todos eles. Deste modo poderá incursionar inquisitivamente, como o fizeram e fazem tantos outros, por todos os campos que aqueles caminhos delimitam e com todos os compromissos que sua escolha determinar.

## NOTAS

1) A obra de Miguel Jorge compõe-se até agora dos seguintes títulos:

- **Antes do túnel** (Contos) — Editora Imprensa Universitária, Goiânia, 1967.
- **Texto e Corpo** (Contos) — Editora Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1969.
- **Antologia do conto goiano** (com Anatole Ramos e Luiz Fernando Valladares) — Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1969.
- **Couto Magalhães: a vida de um homem** (Ensaio) — Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1970.
- **Antologia do novo conto goiano** (organização e prefácio) — Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1972.

As notas do texto deste trabalho referem-se às edições in-

dicadas nesta lista. As abreviações AT e TC remetem, respectivamente, a **Antes do Túnel** e **Texto e Corpo**.

2) Os pontos de discordância dizem respeito à exposição das situações, apresentação dos conflitos, método de discurso e construção. Não concordo também com o que Fábio Lucas denomina de caráter desequilibrado do livro.

3) As apreciações de Fábio Lucas que considero válidas referem-se à matéria social, com impregnações psicológicas e biográficas, a certa hesitação na elaboração da linguagem e às qualidades de Miguel Jorge evidenciadas principalmente em **Perseguição**.

4) Chega-se a estas duas últimas fórmulas, com os defeitos inerentes a toda fórmula, quando se cotejam as proposições teóricas de Michel Butor ("Le roman comme recherche, in **Répertoire I**, Les Éditions de Minuit, Paris, 1960, ps. 7-11) com as de Robbe-Grillet ("Une voie pour le roman futur", in Maurice Nadeau: **Le roman français depuis la guerre**, Éditions Grail, Paris, 1963, ps. 234-242). Sobre nossa visão particular do objetivismo puro deste último, cumpre dizer que nada fazemos senão levar às últimas consequências, e em plano teórico, as seguintes de suas afirmações: "Or le monde n'est ni signifiant ni absurde. Il est, tout simplement. C'este là, en tout cas, ce qu'il a de plus remarquable. Et soudain cette évidence nous frappe avec une force contre laquelle nous ne pouvons plus rien. D'un seul coup, nous avons éprouvé, une fois de trop, le choc de cette réalité têtue dont nous faisons semblant d'être venus à bout. Autour de nous, défiant la meute de nos adjectifs, animistas ou ménagers, les choses **sont là**. Leur surface est nette et lisse, **intacte**, mais sans éclat louche ni transparence." (op. cit., p. 238) "Dans cet univers romanesque futur, gestes et objets seront "là" avant d'être "quelque chose"; et ils seront encore là après, durs, inaltérables, présents pour toujours et se moquant de leur propre sens, qui cherche en vain à les réduire au rôle d'ustensiles précaires, entre un passé informe et un avenir indéterminé." (op. cit., p. 240)

5) A autoscopia empregada por Miguel Jorge aproxima-se da de Michel Butor até na criação daquela surpreendente capacidade de absorção do leitor no presente ilusório da história (mas que de repente, em **Ela vai voltar**, é quebrada com a carta).

6) Neste sentido podemos aplicar a Miguel Jorge as seguintes palavras de Butor em relação às qualidades exigidas pela nova narrativa: "La recherche de nouvelles formes romanesques dont le pouvoir d'intégration soit plus grand, joue donc un triple rôle par rapport à la conscience que nous avons du

réel, de dénonciation, d'exploration e d'adaptation. Le romancier qui se refuse à ce travail, ne bouleversant pas d'habitudes, n'exigeant de son lecteur aucun effort particulier, ne l'obligeant point à ce retour sur soi-même, à cette mise en question de positions depuis longtemps acquises, a certes, un succès plus facile, mais il se fait le complice de ce profond malaise, de cette nuit dans laquelle nous nous débattons. Il rend plus raides encore les réflexes de la conscience, plus difficile son éveil, il contribue à son étouffement, si bien que, même s'il a des intentions généreuses, son oeuvre en fin de compte est un poison. L'invention formelle dans le roman, bien loin de s'opposer au réalisme comme l' imagine trop souvent une critique à courte vue, est la condition **sine qua non** d'un réalisme plus pouss e." (Michel Butor: op. cit., p. 9)

7) Cf. em D amaso Alonso e Carlos Bouso o: **Seis calas en la expresión literaria espa ola**. Editorial Gredos, Madrid, 1963.

8) Tipo disseminativo-recolectivo: "Suele ser característico de este tipo que la primeira pluralidad está "diseminada" a lo largo de todo el poema o de parte de él, y la segunda reunida ("recolectada") hacia el final de la composición, a veces en un solo verso." (D. Alonso: op. cit., p. 60)

Forma progressivo-reiterativa: "En poemas de esta clase hay pluralidades que son "progresivas" y otras que son "reiterativas": resulta, pues, en ellos como una mixtura del caso general ("correlacion progresiva") y del particular que acabamos de explicar ("correlación reiterativa"). (D. Alonso, op. cit. p. 56). Neste estudo fazemos uma aplica o relativamente livre desses conceitos uma vez que não trabalhamos com poemas e sim com contos."

9) Termos discut veis. O próprio D amaso Alonso os cr e insatisfatórios (D. Alonso, op. cit., ps. 23-4). Bastam-nos aqui como conceitos operatórios.

10) O conceito de personagens pronominais parece nascer da exigência de estruturas narrativas contemporâneas. Para tanto, veja-se Jean Ricardou: "Nouveau Roman, Tel Quel", in **Poétique** (4), Seuil, 1970, ps. 433-454).

**Antonio Manoel dos Santos Silva**

## OS FANTASMAS E O ESPELHO

Estranha a contingência de prefaciар um texto de ficção narrativa! Tecer considerações em torno do herói romanesco parece a via mais proveitosa, mesmo que aqui o herói possa classificar-se, segundo Northrop Frye, em herói do **modo irônico**, um indivíduo malogrado ou absurdo, um herói que não é, fantasma refletindo-se no espelho. Entretanto, esse caminho já nos dirige para uma crítica de estrutura do livro. Esse não é, evidentemente, um prefácio que se pretenda crítico. Nem analítico.

Um prefácio constitui também um bom pretexto para teorizações, mas as teorias são hoje muito altas, ainda que nem sempre muito distintas (lemos isso em Vieira?). Como aventurar-se a tais perigosos píncaros, sem a fastidiosa enumeração das ferramentas?

“O melhor será ler o texto, depois o prefácio”, dizem alguns, contradizendo a função da coisa e o nome dela, e com razão. Mas que prefaciador não se ilude vaidosamente de que será lido antes do texto? Ou até, se lido depois, não cria o simulacro de que sua opinião **pre-vale** (ce)rá ou de que orientará novas opiniões?

Miguel Jorge tem sido, de alguns anos para cá, um desses escritores que, fazendo questão de viver no interior do país, acreditam na possibilidade de romper a conspiradora casca de silêncio que envolve os iniciantes e outros da mesma circunstância espacial (no sentido concreto do termo). Tem um livro de ensaio (**Couto de Magalhães: A vida de um Homem**), outro de poesia lírica, ilustrado pelo admirável Siron (**Os Frutos do**



Rio). Já organizou antologias de conto. Como criador de textos narrativos, publicou em livro os contos que compõem **Antes do Túnel** (1967) e **Texto e Corpo** (1969), livros merecedores de atenção crítica e já reparados por estudiosos como Fábio Lucas, Lais Correa de Araújo e Themístocles Linhares.

Em **Caixote**, Miguel Jorge experimenta pela primeira vez um texto narrativo longo. Disse "narrativo" e melhor seria dizer "texto", simplesmente. Texto que continua certas linhas instrumentalistas de **Texto e Corpo**, circundando muitos temas irradiados do tema central, a **solidão**.

Há no livro uma organização contrapontística de discursos: diálogo e narração mantêm uma tensão resolvida no fim por superposições temporais e temáticas a recolherem acontecimentos, coisas e motivos anteriormente desenvolvidos. Ainda que pessoalmente não tenhamos percebido a função artística de certas interpolações líricas, justo é afirmarmos haver nessa obra a perfeita configuração plástica do personagem central, fantasma precário rodeado de fantasmas e de outros personagens fantasmagóricos (tipos familiares e sociais nebulosos, burlescos ou líricos, explicáveis ou absurdos).

Poderíamos indicar nesse momento, como pontos altos do livro, belas passagens relativas a movimento de grupos e, ressaltados alguns maneirismos, certas experiências válidas de discurso fundamente trabalhado. Também chamaríamos a atenção do leitor sobre a atmosfera estranha dos diálogos oscilantes entre o vazio e a rotina. Está claro que nos surpreenderemos com algumas intervenções ingênuas do autor no corpo de seu texto e não compreenderemos o desnível que então se instaura entre a tentativa perseguida na totalidade realizada da obra e a vontade de projetar nela reflexos concretos da realidade. Tudo isso, porém, são decisões de leitura que possibilita muitas imagens.

Uma imagem que se levanta na fruição dessa narrativa segue em parte o título: uma caixa encerra outra caixa, que encerra outra... indefinidamente. Nos estreitos limites (de tempo, espaço e humana condição) dessa caixa voltada para seus próprios espelhos, o personagem segue sua aventura cujo périplo decidirá, paralelamente, do leitor, cuja escolha decidirá da interpretação.

No fim de tudo comprovaremos que essa narrativa era necessária para o autor, era necessária para o personagem (os personagens) narrador, e era ainda necessária para o leitor:

"Era necessário que contasse a alguém o que se passava

entre um sonho e uma realidade. Era necessário andar por estas ruas e vielas, por entre edifícios edificantes, por entre o lixo amanhecido, tão cheio de moscas e de cães, e assim poder pensar que tal coisa existia, que aquela mulher, lutando com um cão existia e que não era uma alucinação ou um sonho. Por isso, nada mais natural do que andar e andar”.

Descobriremos, enfim, que se o protagonista se perde a “conversar com fantasmas”, tais fantasmas espelham o caráter do protagonista e dão origem a um objeto real, esse produto, livro, obra que reflete o instante e o silêncio: **Caixote**.

**Antônio Manuel dos Santos Silva**



Era necessário que contasse a alguém o que se passava entre um sonho e uma realidade. Era necessário andar por estas ruas e vielas, por entre edifícios edificantes, por entre o lixo amanhecido, tão cheio de moscas e de cães, e assim poder pensar que tal coisa existia, que aquela mulher, lutando com um cão, existia e que não era uma alucinação ou um sonho. Por isso, nada mais natural do que andar e andar.. Tirar um dos sapatos, tê-lo na mão, contemplá-lo como um estranho bicho disforme, e andar, andar, andar capengando, levantando um pé, descendo o outro. Então, nada mais natural do que encontrar um amontoado de gente passando, transportando cartazes, faixas, bandeiras, dizeres, gritando, exigindo, existindo. Era preciso continuar a caminhada, e nada mais normal do que entrar no meio deles, ser levada por eles, sem que nem pra quê. O importante era poder chegar ao outro lado da ponte com o sapato na mão. Você começaria a olhar o que estava acontecendo à sua volta, tentar uma nova caminhada, um retorno, quem sabe? "Deixem-me sair, quero sair daqui". Mas tudo recomeçava e a massa em gritos sufocava seu pequeno protesto. Assim. Você pensa estar no meio da sua solidão. No entanto, alguém tomou consciência da sua presença. Você escorregou e quase foi ao chão, segurando no alto da cabeça o pé de sapato solitário. E antes que encontrasse uma certa ordem para os fatos, o desconhecido amparava-a. Andavam agora quase correndo em meio à multidão. E se tornava difícil a escapada. Você continuaria a olhar para ele sem dizer palavra. De fato isso tinha alguma importância. Era como tomar consciência dele e de si mesma. Cuidado, diria ele, não vá parar novamente no chão. A voz autori-

tária sobressaindo às demais. Aquele novo encontro feito de cortes e corridas. Temos que ir para um lugar qualquer. O maravilhoso contato. Mãos estendidas, sem, contudo, serem tocadas. Dezenas de pessoas passavam entre vocês em busca de um bom lugar. Alguém iria proferir uma conferência. Pedia-se silêncio. É esse o momento, ele falaria, tomando-a pelo braço.

— Por que se casou?  
— Porque era domingo. Havia sol e eu estava sozinha. Olhei para o céu, depois para mim, era como estar no meio, como agora, sendo levada por uma corrente, aos empurrões. Eu tinha que existir.

- E agora?
- Agora estou no meio novamente, sendo levada.
- A massa humana.
- Talvez por mim mesma.
- Talvez pelos gritos.
- Pelos protestos.
- Talvez não seja esse o motivo.
- Sinto pavor.
- Podemos nos distanciar.
- Não consigo mover-me.
- Dê-me sua mão.
- Não consigo estendê-la.
- Tentarei me aproximar mais.
- Estou sendo levada novamente.
- Não se aflija muito. Estou me aproximando.

Você está se distanciando dele. Vários corpos que passam e falam. E empurram. Faixas, cartazes, letras, vozes, figuras disformes. Ainda é a voz dele que lhe chega aos ouvidos. "Agüente firme. Estou indo. Não se deixe levar". Se se pudesse escapar dali, estirar-se numa cama. Dormir. Mas, o tempo não passava e aquelas pessoas pareciam não ter pressa. Você pensava nas

palavras dele, no rosto dele. No rosto-palavra. Uma coisa não existia sem a outra. Um rosto que se via tão nítido agora. Uma voz que se apossava do seu corpo. Ele veio abrindo caminho. No entanto, alguém puxou-o. Ele se afastava novamente.

- Está me ouvindo?
- Estou tentando.
- Aproxime-se mais.
- É impossível.
- Use as mãos.
- Vai ser difícil.
- Vê se agüenta ficar parada por um momento.
- Estão me levando.
- Veja, alguma coisa está acontecendo.
- O quê, por exemplo?
- Estão trazendo alguém para o centro da roda.
- Talvez seja uma nova conferência.
- Não creio.

Era assim. A multidão crescendo como cogumelos. Brotando dentro da terra, saindo de dentro deles mesmos, com um velho aspecto de guarda-sol, com o velho cheiro de coisa vomitada, com o velho som de notas desafinadas. Si, si, sim, no, no, não, va, ve, vi, viva, si, no, sim. E ninguém poderia imaginar o que estava para acontecer e o que já estava acontecendo, e, no entanto, no fundo, exigiam algo mais excitante. Você não queria pensar, nem ouvir, nem ver, nem chorar, nem fugir. Recordaria alguma coisa especial, como a Padaria Suíça, onde você ia aos domingos tomar sorvete, e punha-se a rir, como se fosse o pensador mais cômico do mundo. Agora, tirava para fora um fato da infância, que parecia também engraçado, mas que ao final fizera arrepios em sua pele. E no entanto, você estava recordando sua vida, seus amigos, os fervores da adolescência. Mas, de repente, como se não tivesse escolha, nem para onde fugir, nem olhar, aquela multidão se transformava num emaranhado de aranhas que lutam, correm e perseguem. E, no meio, via-se um rapaz sendo levado com humilde resignação.

Dois mundos distantes  
O seu e o do rapaz.  
Dois estranhos mundos  
Um alheio outro de permeio.

E não se sabia por que o jogavam contra a parede, e o enredavam de tal forma, que lhe era impossível escapar.

A aranha tecia sua teia  
De grossas malhas  
A aranha tinha sua presa  
Presa até ao pescoço.

E era preciso ver o quanto zombavam de seus cabelos, de sua barba crescida, de seus olhos. Era para se entender essa visão. Você empalidecia. E como saído de enorme ventre, surgiu uma figura obscena, com a barriga muito redonda e muito grande, gorgitando palavras, sons, ruídos. E o rapaz, agora uma figura apagada, iria diminuir de tamanho, mesmo quando o pregavam de costas contra a parede com enormes pregos. Uma pálida luz saída em meio da neblina começa a envolver bocas, braços, pernas, rostos. E a massa vai-se apagando, quase sumindo, como se andasse rastejando. Você se encolhe como um caramujo e começa a chorar.



- Vamos andando?
- Espere um pouco.
- O que foi?
- Estou pensando.
- Não há muito que pensar.
- É que a angústia está chegando.
- Olha para o céu.
- Tem a cor que me aniquila.
- Daqui a pouco isso passa.
- Não é a mesma coisa.
- Venha, por aqui.
- Gostaria de saber quem era ele.
- Uma pessoa como outra qualquer.
- Não como outra qualquer, isto está fora de dúvida.
- Não é o momento para se fazer análises, venha.
- Queria estar tranqüila.
- Depressa, por aqui, dê-me sua mão.
- Tudo se desfaz.
- Estamos nos libertando.
- Mesmo assim tenho a impressão de que estou lá.
- Suas mãos estão frias.
- Perderam a eletricidade.
- Não por muito tempo.
- São cinco horas.
- E já parece noite.
- É melhor procurarmos um hotel.
- Estou caindo por dentro.
- Vamos correr.

- Não consigo mover as pernas.
- Faça um esforço, mova-se.
- Você vai gostar, vamos.
- Não tenho certeza.
- A praça.
- Podemos respirar.
- Vamos procurar um hotel.
- Isso teria que acontecer.
- Está intrigada?
- Não. Essas coisas não se explicam.
- Está fora do normal?

— É que você surgiu primeiro. Eu acho que foi isso. Primeiro você, depois toda aquela multidão. Era como se no meio de milhares de cães, aparecesse, de repente, um pássaro.

- Que mais?
- Não vale a pena, estou complicando.

A gente tinha terraço e de lá se via o mundo eu ainda era pequena e todos diziam gracejos e me achavam bonita assim com os cabelos cheios de flores que era uma coisa de que eu gostava muito mais isso importa pouco o que importa é que eu acreditava no que eles diziam sempre me chamando de boneca e com isso fui me tornando bonita de verdade e fazia transparecer uma pureza no rosto na minha maneira de envolver a existência sempre acompanhada de pequenos animais insetos plantas e eu tinha inventado aquela maneira de falar assim com os olhos caídos ou de olhar longe como se estivesse trafegando entre as nuvens e na mesa de refeições roubava sempre um ou outro pedaço de pão e corria para o quintal para debaixo das árvores e chamava pelos meus bichinhos e lhes dava pão para comer retirava punhado de arroz dos bolsos ou mesmo pedaço de carne ou de bolo e assim ficava horas inteiras envolvida nos mistérios do quintal e depois corria para o portão com meus companheiros já alimentados e era quando a mãe já estava procurando por mim aos berros e ela logo me descobriria e não haveria diálogo mas um longo silêncio ela olhando para meu vestido manchado de gordura para o bolso manchado com o caldo amarelo da carne ou do creme que recobria o bolo aí a mãe levava-me pela mão e me punha debaixo do chuveiro e me ensaboava com certa força que era para mostrar que estava zangada comigo e me ajeitava os cabelos e os livros e me dizia para me comportar na escola aí o pai aparecia para dizer que ia de viagem e que voltaria no outro dia e que queria as roupas dentro da mala e a mãe estaria ocupada em retirar as camisas calças e cuecas de dentro do guarda-roupa e ia colocando-os

dentro da pequena mala aí eu me sentia um pouco triste com uma vontade danada de chorar e de abraçar o pai no momento mesmo em que ia embora por isso muito quietinha me meti para debaixo da cama prendendo a respiração porque a mãe já estava entrando novamente no quarto para buscar alguma coisa e ela parecia que estava impaciente andando de um lado para outro de vez em quando gritando com a empregada que vinha e ia e meu coração ficava pequenininho todas as vezes que os pés dela passavam rente à cama e uma vez até ela se abaixou para apanhar os chinelos e eu pensei que estava sendo descoberta antes da hora mas não passou de um susto e estava quase chegando o momento da despedida e eu ia sair de lá para abraçar o pai e depois pensei o que ele e a mãe iriam dizer de eu estar matando aula ali debaixo da cama mas a verdade é que eles se tinham esquecido de mim e agora eu ia aparecer de supetão e abraçar o pai e desejar-lhe boa viagem e era isso que a mãe estava fazendo e eu tentei sair do meu esconderijo e falar que eu também queria despedir dele mas tive medo e deixei-me ficar naquela posição ouvindo a mãe falar para ele voltar logo que ia sentir a falta dele então comecei a chorar baixinho um choro que começava no pinga pinga do nariz e no correr das lágrimas pelo rosto num cheiro de colchão velho e eu tremia toda e pude ver quando ele pegou a mala e saiu assim tão bonito com seu chapéu-panamá que parecia até que ia para uma festa e a mãe ficou ainda por uns minutos amparada na porta olhando a figura dele na distância até que ela acordou num repente e se lembrou de mim e pôs-se a me chamar percorrendo os cômodos o quintal vindo novamente para o quarto olhando pelo chão por debaixo das camas foi então que me encontrou dormindo com o nariz no chão debaixo da cama e ela ria muito e me abraçava e me dava beijos e me levou para a cozinha falando que o pai voltaria logo e que ia passar um café para as duas tomar com pão e manteiga e que não tinha importância nenhuma eu perder aquele dia de aula que depois ela mandava um bilhete para a professora e foi que no terceiro dia o pai voltou acompanhado de uma mulher pequena e feia e sentou com ela na sala e depois foram se assentar na porta da cozinha do lado que dava para o quintal e lá permaneceram conversando e rindo e a mãe sem dizer palavra fazendo comida e passando café para os dois e arranjando a mesa e lavando as vasilhas e ocupando o tempo todo num serviço que não era da conta dela e eu achava que a mãe tinha as mãos bonitas e que deveria estar-se queimando no fogão e que não merecia estar com os olhos vermelhos e a boca seca e andar pela casa no meio da noite que nem

uma sombra e a mulher baixinha e o pai riam muito e ela sentava no colo dele e ele estave a ponto de conversar comigo chegou mesmo a entrar no meu quarto mas a mulher sempre chamava por ele e ele acabava indo ter com ela e se olhavam bem no fundo dos olhos que ela tinha uma maneira esquisita de falar e de olhar e fingia estar-se babando por ele e pedia assim muito dengosa um beijo e outro e ria sempre muito alto e a mãe estava na cozinha mexendo farinha e ovos e leite preparando uns biscoitos no forno entrava pela casa a dentro misturado com outro cheiro que era de incenso e ela acendia velas e rezava e fazendo essas preces ela achava que o pai voltava para a cama dela e já passava da meia noite quando ele entrou no quarto e ela falou que isso não era bonito para um homem casado com uma filha de idade de escola mas ele continuava rindo sem parar e a tal mulher pequena mexia nas panelas e preparava um chá e ficou o tempo todo chamando ele para beber a tal bebida e ela piscava os olhos e fazia beicinho provando o chá dizendo estar gostoso e muito forte e a mãe gritava lá do quarto dela em nome de Deus para o pai não beber o tal chá senão é que ele estava perdido mesmo e a mulher pequena fazia denguiçes e pendurando no pescoço dele e alisando os cabelos dele e assim ele acabou tomando a tal da bebida e depois foram os dois para o quarto de hóspede e de lá se ouvia as gargalhadas e a voz dele e a voz da mãe que gritava desesperada foi quando eu me levantei devagarinho e fui para o quarto da mãe e entrei debaixo das cobertas e chorei abraçada com ela.

- Chegamos
- O curioso é que parece que não saímos do lugar.
- Estamos diante de uma cadeia de hotéis. Qual deles?
- O que tiver menos corredor, menos luz, menos cama e sobretudo menos gente.
- O problema é saber se nos arranjam um quarto.
- As coisas não se resolvem tão facilmente assim.
- Aquele velho parece que nos espera.
- É o gerente.
- Vê-se pela cara.
- Qual seu nome?
- Que importância tem isso?
- Todos têm um nome.
- Tinha me esquecido completamente.
- Está com medo de dizê-lo?
- Isso pouco me importa.
- Não tem muita importância. Venha.
- Tenho horror aos degraus.
- São poucos.
- Quantos?
- Uns dez ou vinte.
- Espero por você.
- Não sente frio?
- Estou tremendo.
- Então venha, assim se sentirá melhor.
- Gostaria de poder dormir com tranquilidade.
- Vê-se que está precisando de uma bebida.
- É uma boa idéia.



- Um vinho.
- Nada melhor do que um bom vinho para melhorar a disposição.
- Vamos falar com o gerente do hotel.
- Não quero olhar para trás.
- Apóie-se em mim.

Você preocupava-se de alguma maneira em justificar sua estada ali, naquela sala de trabalho. Era como se perguntasse: "E agora o que vou fazer?" Uma máquina de escrever. O acontecer dentro daquelas quatro paredes. Fotografias amarelcidas nas paredes. Papéis velhos. Livros e nomes. Compridos nomes que só existiam no momento em que eram buscados. O ar impuro. Mofo. No final restava o semblante do chefe. E ele próprio parecia um prolongamento dos livros. O que poderia lhe estar acontecendo, afinal, naquela tarde? Não era assim todos os dias? Era por isso que não estranhava aquelas pessoas entrando e fazendo fila, e esperando, e todos os funcionários ignorando-os ou fingindo ignorá-los, olhando uma revista, ou uma foto, fatos marcados do passeio do fim-de-semana, até que o homem, com o guarda-chuva na mão, resolveu exigir seus direitos ou direito de seu tempo tomado, e uma delas, sempre a mais gorda lhe dirigiu a palavra, pedindo que tivesse um pouco mais de paciência, que já seria atendido, que os outros se conservassem em fila.

Havia gente apoiada na porta de entrada, outros nos primeiros degraus do corredor. Você pensava como seria agradável estar lá fora, no meio de pessoas estranhas, ser uma estranha entre eles. Tinha-se a impressão de que a tarde perdia um pouco do seu calor, que uma brisa suave batia no rosto das pessoas, que você poderia senti-la também. Foi então, que uma voz muito conhecida começou a apresentar uma história e seus personagens. "Sabe, o Paulinho, o filho da Madalena, foi roubado". "Roubado?" As bocas, uma a uma, se abriam para perguntar. "Como? Onde? Por quê?" Pessoas esperando, pessoas se

aproximando. "Mas como? ele saiu daqui para depositar o dinheiro no banco e não faz meia-hora". Uma outra expressão incrédula, "Pois é". A mesma voz narrando seus personagens, "Foi no meio do caminho. Apareceu um homem, muito bem vestido e muito bem falante e pediu para depositar o dinheiro para o Paulinho, que tinha experiência e que no Banco todos o conheciam, e que logo ele lhe daria o recibo. "E aí?" "Bem, aí o Paulinho entregou o dinheiro para ele e o tal do homem desapareceu". "Puxa! que menino idiota". Pois é, agora estão ele e Madalena lá em baixo em prantos".

"Ora, ora, ele não podia confiar. No fundo foi idiotice mesmo. E o pior é que o marido dela bebe de dar pena e ainda por cima dá-lhe pancadas. E no menino também". "Ontem mesmo ela chegou com os olhos roxos".

Você procurava, de qualquer maneira, justificar sua presença naquela sala, mas não havia jeito. Por isso, enquanto as mulheres faziam roda para conversar, você saiu, devagarinho, sacudindo a cabeça, no fundo temendo pela sorte de Paulinho e Madalena, descendo os primeiros lances da escada, depois quase correndo, abrindo os braços para o sol, para a rua, para as pessoas que circulavam indiferentes ao seu gesto e à sua aflição.

- Vamos procurar outro hotel?
- Vamos.
- Está aborrecida?
- De qualquer maneira, aquele tinha escada.
- Qual o seu nome?
- É estranho não me aceitarem por falta de um nome.
- É preciso enquadrar-se no mundo deles.
- Sabe. É muito difícil viver.
- Mas arranjar um nome é fácil.
- Arranje-me um. Qualquer um.
- E isso se me afigura tão difícil agora.
- Está bem. Que dia é hoje?
- Sábado, domingo, segunda.
- Está vendo? Tudo é uma questão de como enxergar as coisas.
- Vê-se bem que está entediada.
- Não, mas quando temos uma tarde pela frente.
- Já começa a escurecer.
- E estamos andando sem parar.
- E as pessoas me parecem estranhas.
- Algo assim como estátuas amedrontadas.
- Certamente tiveram medo de nós.
- Isso é algo estranho. Ainda não consegui raciocinar direito.
- E, no entanto, estamos vivendo acontecimentos triviais.
- Por isso mesmo se afigura mais estranho ainda.
- Estamos à procura de um quarto
- Nada mais banal, e no entanto, não funciona.

- Vamos tentar aquele ali.
- Voltamos novamente ao assunto.
- Não podemos esquecer de que você é você e de que eu sou eu.
- Certo. É a melhor forma.
- Acredita que vão aceitar?
- Acredito, como acredito que tenho horror a essas escadas e a esse corredor escuro.
- Certamente acenderão a luz.
- Certamente.
- É muito provável que só aparecerão se forem chamados.
- E atenderão com muita presteza.
- Vamos então?
- Como você desejar.

Não, você não deveria andar assim sem mais nem menos, parar nas bancas de jornais, ler algumas manchetes, folhear revistas, olhar vitrinas, entrar por ruas repletas de gente e de cheiro de pastel, de churrasco, de suor, de frutas podres, de gritos. Não, você não compreendia bem o que fazia por ali. No entanto, andava balançando o corpo e sentia-se segura daquela maneira. Agora você transita, sossegadamente, por entre ruas largas e casas burguesas. A questão era saber qual era mais bonita. Veio de dentro de uma delas um olhar, caindo pesado sobre seu corpo. Fosse apenas uma reflexão do momento, você baixou a cabeça como quem busca algo perdido no chão. No entanto, tudo estava em ordem. Seus passos sobre a calçada, os transeuntes que por ali passavam, as casas alinhadas com seus lustres, tapetes, as vitrinas das lojas, o acende e apaga dos néons dos carros, os ônibus, a velocidade do tempo, os homens trabalhando soterrados nas minas, homens lutando para sobreviver, homens matando-se para viver, a notícia de jornal, a guerra anunciada pelo rádio, a guerra prevista por um futurólogo, a morte mostrada pela TV, enquanto que nas igrejas padres pregam a paz e duas mulheres rezam pelo Papa. Fábricas apitam. Operários de bicicleta. Operários a pé. Operário com fé. Sinos repicam. E defronte a um cinema forma-se a primeira fila para a primeira sessão. Uma mulher chegou à janela do 13º andar e apontou um dedo. Era em sua direção. Uma menina apareceu e ambas ficaram a olhar. Outra pessoa se juntou a elas. Surgia outra, em outra janela. Dezenas de dedos apontavam-na. E essas pessoas estavam em vários planos, de maneira que a projeção do dedo vinha de diversas formas. Não de tão longe, não



estavam tão distantes assim. Buscavam um binóculo. Lutavam para consegui-lo em primeira mão. Você mudou de direção, fugindo por uma rua qualquer. Um homem falava sem parar, atraindo para ele a atenção dos que passavam. Exibia uma cobra enrolada ao pescoço. A cobra, e a multidão seduzida. A cobra, seu veneno e um amontoado de uma tal pomada Milagrosa. Você tentaria um lugar, ficaria na ponta dos pés, mas a roda já estava fechada e o homem daria início ao espetáculo. Você não poderia prever o miraculoso destino daquela gente e como poderia ter brotado tal invenção milagrosa. Cheiro de peixe frito. Cheiro de gordura, de comida envelhecida. Azeda. Caminho estreito e uma náusea tomando conta de suas mãos e de sua alma. Agora só podia andar respirando fundo. Era inevitável parar. Era inevitável saber também que estava sendo seguida. Em uma outra passagem você pararia e fixaria seus olhos nos dele, sem poder ao menos vê-lo. Assim você ia-se afastando cada vez mais, cabeça levantada, sobranceiras erguidas, sentindo-se ligeiramente envaidecida. Negligenciava. Negociava com a sorte. Andava devagar, mais depressa, impulsionada por necessidade. Era como um combate em vários planos e alguma coisa deveria acontecer. Sim, suspeitava que ele vinha novamente. Melhor andar depressa, olhando na distância, pensar na mãe, que estaria ela fazedo? Não era muito lógico esse raciocínio, mas você fazia idéia do que iria acontecer. Vê ainda um homem e uma mulher iniciando seu jantar. Ele pede vinho e a mulher levanta-se e voita com uma garrafa de vinho tinto. Você contemplava essa cena. O homem e o vinho se agigantavam. A mulher diminuía. Era uma curiosa passagem que lhe vinha como cenas superpostas de cinema. Quando tentou seguir adiante, ele interceptou sua caminhada, sorriram ambos. Uma secreta alegria veio brilhar em seus olhos. Algo de estranho estava acontecendo. Perdão, diria ele. Não sou tão jovem para tomar uma atitude assim, que à primeira vista parece irrefletida, mas é que não resisti. Seu sorriso iria deixá-lo perturbado mais ainda. Sua maneira atrevida de olhar no fundo dos olhos. No entanto, animava-o ainda a prosseguir, mesmo sentindo vontade de rir dele ou de você mesma. Ele iria continuar repetindo perdão, perdão, palavras soltas que não se soldavam, frases mal elaboradas... moro com minha mãe e uma irmã moça e bonita como você. Gostaria de levá-la para conhecer minha família, hoje ainda, se você quiser, naturalmente, ou quem sabe eu poderia acompanhá-la até sua casa... Você sorriria e acenaria com a cabeça que sim, sim, sim. Por outro lado, esses pormenores não a extasiavam, pelo contrário deixavam em você um quê angustioso. A dúvida maior era

se desejava vê-lo uma segunda vez. Mas a mão dele já estaria pousada sobre a sua e a primeira impressão ficaria ali, refletida. As noites seguintes, tentaria, com os grandes olhos escuros, descobrir você em cada gesto. Contudo, pouca coisa teria que dizer perto dele. Limitava-se a ouvir. E, ao final de tudo, vinha-lhe aquele horror do dia seguinte. Da noite. Das flores. Dos bombons, das surpresas. "Agora feche os olhos e abra as mãos. Pode abri-los". E ele, ao perguntar se lhe agradava a surpresa, punha sensualidade na voz como a cobrar um beijo. Às vezes reclamava de sua simplicidade, de sua falta de carinho. Depois iriam para um restaurante de luxo. Vinho, música. Dança. No final da noite alguma coisa havia morrido para você, mas ele estaria muito contente com a data marcada para o casamento.

O anel, o mel, o mel  
O dedo pendido, pesado  
Você não sabia o que fazer para sustentá-lo  
Os odores da casa  
As cores das rosas  
Os beijos SxSxSxSxSxSx  
A irmã, que bacana!  
O dedo, brilhante, brilhando

Ele diria que a mãe dele, entendida como era, encomendaria o vestido do casamento e que era para ser visto somente no dia exato, coisas lá dela, que era perita no assunto. E que a irmã dele, muito entendida em coisas da moda e da sociedade se encarregaria dos convites e dos convidados. Você tinha que pensar na sua digestão, na noite que se ia, no dia seguinte, no sol que por certo viria, no beijo de despedida, na data marcada para o casamento, no vestido que a sogra mandou fazer, nos convites a cargo da cunhada. Nos convidados, que já esperavam pelo grande dia.

Maldita chave  
Como abrir a casa?  
Maldita chave  
Como estar enferrujada?  
Bendita casa  
Lembrarás de mim alguma vez?  
Que lembranças. Que ranço.  
Amém. Amém.

Em seu quarto via milhares de imagens saindo do espelho.

Sorrreste desassombiante. Gritaste uma palavra que veio lá de sua infância. Infância. Infância. O pai entrava pela casa. A voz forte. Os braços fortes. As mãos fortes. A mãe, num canto, quase espetada como uma fotografia. Mais abaixo, num outro plano, uma mulher, baixinha e branca. Ela gargalhava e oferecia chá ao pai. Aos poucos a cena iria tomando forma no espelho e saltaria dele para dentro do seu quarto.

O pai estendendo a mão. O pai levando a xícara aos lábios. O pai bebendo o chá, ao mesmo tempo em que ouve um horrível grito da mãe. O pai voltaria para dentro do espelho abraçado à mulher. A mãe ficaria espetada, como uma foto na parede. Outra cena já se estava formando. Você colocaria a grinalda e o véu. Para isso usaria de poucos gestos. A sogra, de corpo inteiro, estava batendo à porta do quarto, para entrar, ao mesmo tempo que indagava se você estava deslumbrada com o vestido. Em seguida a cunhada iria dizer que os convidados estavam esperando com impaciência. Agora são os convidados que exclamavam: Não pode ser. De onde saiu essa princesa? Parece um conto de fadas. Você teria apenas uns segundos para apagar aquelas lembranças, e já o Bispo diria algumas palavras, e a mãe dele choraria antes mesmo de começar a cerimônia.

Temos as pessoas por testemunhas, meu amor  
Temos as estrelas por testemunhas, meu amor  
Temos os lírios por testemunhas, meu amor  
Temos o sim por testemunha, meu amor  
Temos o nós e o vós por testemunhas, meu amor

A voz do homem ao seu lado soou forte. Sim. Sua voz sumida, sim. Sua vida concretizada em fotografias e poderia, mais tarde, reconstituir tudo isso, minuto por minuto.

Com charme e elegância.

Foi uma beleza o casamento,

Sexta-feira, da Srta.

Carmem Selhano com o industrial,

Sr. Augusto José Nitago

Na Catedral Metropolitana.

A noiva usou um longo de broderie de

Saint Gall

Verde-água sobre forro verde-esmeralda.

Na cabeça, bonita grinalda de Jean Patou, e no

Pescoço, um colar de esmeraldas e brilhantes,  
presente do noivo.

A cerimônia foi celebrada pelo Bispo da cidade, que foi muito feliz nas palavras que proferiu, arrancando lágrimas dos convidados.

Os principais padrinhos vestiam fraque e o mais elegante entre eles era o Sr. Alvaro Alvarez, que completava o traje com cartola e luvas cinza.

A cerimônia foi acompanhada por um coro de lindas vozes celestiais.

Elegantíssimas estavam as Sras. Nadir Nepomuceno (de vermelho), a Sra. Maria Dorotéia, com um casaco de pelica e vison, a Sra. Petrina Ventura, com o modelo de Balmain.

Depois do casamento, houve uma recepção para 300 convidados na famosa casa do Sr. e Sra. Iglésias Rodrigues

Minutos do seu existir teriam desaparecido. Um cigarro. Um gesto de fúria. Um ato de ternura. O apartamento no hotel. Flores. Muitas flores. E você amedrontada entre elas. Quase murcha. Pouco adiantariam as lágrimas, ou pensar na recomendação da mãe, ou pensar nas pessoas que comentavam os detalhes da cerimônia. Houve então um pouco de náusea. Nada havia mudado no seu interior, nem mesmo aquela velha angústia. Caminhos novos da amargura. Poria a culpa na viagem. Dentro do quarto não era mais aquele objeto. Uma peça antiga de cerimônia. Uma jarra sem flores, uma natureza morta colocada displicentemente na parede, os chinelos por sobre o tapete. Um objeto no meio do quarto, pendurado no cabide, jogado entre a cama e o espelho. E o objeto estava-se enfeitando para o casamento. De todos os lados brotava música, num crescendo, invadindo o apartamento. Você pedia para parar. Gritava, batia com as mãos na cabeça, no chão, na parede, mas a música continuava. A sogra vinha lhe estender a mão, pedindo para ser beijada. E pelo vestido. A cunhada sorria para os convidados. E ele esperando que todo o momento fosse dele, brindava com champanhe, cruzando as taças. E os amigos dando um viva. Vivavavaaaaaaaaaaaaa. A taça em sua frente. Um simples objeto de vidro, sem outra significação a não ser o preço da etiqueta. A taça vazia. A taça cheia de brindes de saúde e felicidades. Em frente ao espelho você cuidaria dos cabelos. De

penteá-los bem macios, como ele gostava. A escova ia e vinha. Vinha e ia. Nada acontecerá, nada. Vestiria a camisola e ficaria à espera. E num momento ele estaria batendo à porta, pedindo para entrar. Você entraria trêmula e lívida para debaixo dos lençóis.

- Gosta do número do quarto?
- 49 é um belo número.
- Não foi muito fácil consegui-lo.
- Se fosse tão fácil não daria bons resultados.
- Creio que sim.
- De qualquer modo estaremos bem instalados.
- Estamos perto da praça.
- Basta fechar a janela e estamos em outro mundo.
- E sozinhos.
- Não creio muito nisso. Daqui pode-se ouvi-los.
- É incrível como buscamos um pouco de paz longe de tudo, e de repente ouve-se um grito.
- Não foi grito, foi a descarga da privada.
- Foi como se ouvisse um grito.
- Está com medo?
- Tenho medo do tempo.
- Já não me recordo do tempo ou de qualquer outra coisa.
- E em breve será preciso partir novamente.
- Temos a noite a nosso favor.
- É como se fosse uma vida. Uma vida de mil anos.
- Dessa maneira poderemos entender a eternidade.
- Sem medo.
- Sem exigências.
- Sem mentiras.
- Ainda a pouco fui obrigado a mentir ao gerente do hotel.
- Era preciso. Ele queria provar a existência das instituições.
- Era uma maneira de ele assegurar seu emprego.



- Tudo isso é detestável.
- Detestável e incorrigível.
- Acha que ele poderia nos atrapalhar?
- Creio que não. Bastou uma mentira para satisfazê-lo.
- Não pediu Certidão de Casamento?
- Não.
- Você não pode negar que ele, por sua vez, é esperto.
- Certamente.
- Em que está pensando?
- No rapaz.
- Deixe-o em paz.
- Não posso.
- Pelo menos faça um esforço.
- É como se ele nos espreitasse.
- Você tem razão.
- Certamente agora ele está sozinho.
- Certamente.
- E parece que vai chover.
- O tempo está mudando.
- As folhas estão sendo arrancadas violentamente.
- Tenho medo de chuva.
- Vem aninhar-se em mim.

Talvez não fosse a vida que sonhara. Mas seu marido insistia em mostrá-la à sociedade. Jantares em clubes, chás, recepções, visitas-de-cerimônia. Às vezes era levada por mãos estranhas e sentia-se apertada entre outros braços. Um tanto distanciada, seu marido iria-lhe sorrir levemente, como a dar-lhe coragem. E carnes e frutas e doces e frios estavam sobre a mesa e não havia melhor fartura. E bebia-se. E falava-se. E cada um bebia à sua própria voz. E tragavam fumaça. E no final das contas, aquela mulher solene e magra conseguiu marcar um novo encontro na casa de campo. Você não gostava dessas datas marcadas. Dava-lhe uma certa aflição interior. Preferia vagar pela rua, fazer compras, ir à praia. Mas a mulher no seu jeito macio de falar estabeleceu dia e hora. No entanto a tal data marcada chegara, e sua memória havia de haver marcado uma determinada marca do tempo. A casa, as árvores, o quintal, os brinquedos, o porão, uma velha barca comida pela ferrugem.

Uma velha barca, embarga  
A velha memória.  
Com um pouco de sorte  
Se tem o sonho e a história.

Você estava lá novamente. Eles irão gritar seu nome, percorrer todos os cantos da casa, do bosque, horas inteiras, sempre chamando, chamando, chamando. Ouviria a voz do marido. Ououououououououooo. Mas você estaria em outro espaço e tempo. Enquanto eles gritavam, a porta se abria e a boa mãe encostava-se nela, depois entrava, e se assentava na velha bar-

ca. E você se levantaria e sentaria diante dela, e a velha barca embargaria a navegar e de dentro dela sairiam estranhos bichos comidos pela ferrugem, e andariam dentro de seus cascos. Entre o remanso das águas a mãe falaria, falaria sem parar, como se você nada soubesse. Seu pai saiu, minha filha, foi embora com aquela mulher pequena estou sofrendo muito a falta dele sinto dores no peito uma dor forte que quase me mata não é preciso chorar filha que ele volta conheço-o bem o coitado perdeu a cabeça foi o chá que ela deu para ele tomar pobre homem levou nossas cadeiras e mesa as louças até a cômoda com os presentes de casamento e deve estar rodando com ela pelas estradas e mal sabe ele que essa cômoda é o símbolo de nossa família ai que vergonha e até revólver ele puxou para mim não adianta chorar minha filha ele já foi com ela mas um dia volta arrependido e a gente aceita ele de novo não chore mais minha filha. Você deixou de ouvir a mãe e agora é o marido quem está encostado à porta, e ele disse depois de entrar na velha barca: Você está aí? Por que não respondeu, por que não responde ainda? E a velha barca embargava e ele a percorrer os olhos pelo porão tentando descobrir seu mundo se estranhando, e os amigos que vinham chegando, díscarçavam o espanto ao vê-la assim, tão desfigurada, parada, sem mencionar nada com uma estranha palidez no rosto e nas mãos. E seu marido tomando a dianteira, dizendo coisas, dizendo que a casa se assemelhava a um castelo, que isso devia tê-la fascinado, que era melhor arranjar para beber água com mel e alguns ensinavam que um passeio no bosque, o ar puro era uma boa indicação, e ele a dizer que era uma de suas manias pregar-lhe susto, e todas aquelas pessoas ficariam um tanto sérias um tanto alegres e diriam: Não foi nada. Não foi nada. Você não os ouvia, dispensava suas atenções e estaria até um pouco irritada com tanta falação. Mas seu marido, tomando-a pelo braço, persuadiu aos outros que deveria partir. Partiram, embora todos gritassem que não, que isso era imperdoável. No caminho ele recordaria todo o caso mostrando-se tremendamente irritado.

Que estava para morrer de vergonha. E isso ia sendo dito aos gritos, enquanto você buscava a tranqüilidade da estrada, as possíveis visões novas que as curvas revelam, como uma surpresa, casas abandonadas, beira de estrada, rostos na janela, crianças na porta, cães latindo. Aqui há uns livros, iria dizer-lhe assim que chegassem em casa. Ele não poderia entender por que não havia espanto. Você iria obedecer. Ali, por sobre a mesa, uma mistura de livros. E os dias iriam passar. Existo? Resmungaria vendo lá fora o sol. Choverá? Fazia frio? Vou sair. Em

meio a multidão, não era mais que uma mulher em liberdade. Perdera a noção da voz dele, de que deveria ter deixado tudo em ordem, os livros, a cama, o quarto, e prosseguia andando. Tinha sido posta em liberdade. Uma liberdade gostosa. Por isso andava balançando os braços. Mas sentia o corpo. Leve. O vento em seus cabelos. Os cabelos sendo levados pelo vento. Estava eterna andando assim livre e distanciada. O moço sapateiro costurava sapatos com as próprias mãos. Moço-velho. Moço-gasto. Um sapateiro dentro de sua torre.

Vê a mão a agulha e o couro  
Olha os olhos encarnados de tanta profissão.

Toda a sua vida resumida em pares de sapato? O homem demoraria alguns minutos para percebê-la. E se encolheu todo numa batuta feroz de agulha e couro de pontos e pespontos. Ouvía a voz do marido. Ouvira? Como um dominador de feras. Então ele estaria zangado? De jeito nenhum queria entender sua história e fazia perguntas e mais perguntas. Então não sabia ele que você estava disposta a amá-lo, principalmente agora, que se deixava cair sobre uma cadeira? No dia seguinte iria trancá-la a chave. Você ficaria na cama como que atacada de uma apoplexia vendo o dia, os objetos, desfilarem dentro das horas. As paredes. A cama. O sol por sobre os telhados. As casas dentro da noite. Com isso ele iria chegar e encontrá-la na mesma posição, e diria que não era possível. Que você não esteve parada ali, naquela pose o tempo todo. E revistaria o quarto em busca de um possível vestígio de culpa. Aí, pouco a pouco, essa tarde iria ser noite escura, e o vento sopraria do antes, e alguns trovões corromperiam as nuvens, e de hora em hora cairia uma pancada forte de água como se despejada fosse, e as pessoas correriam para abrigar-se, e as mulheres acenderiam velas, e um cheiro forte se desprenderia da terra. Nessa longa noite sua sogra viria lhe fazer companhia, explicava, compassadamente, como seriam os dias dali para frente, dizendo que para tudo deveria existir regras. Assim, as criadas ficariam em seu ofício, as flores nas jarras, os lustres, as cadeiras ao redor da mesa, a mesa no centro da sala, a sala no centro da casa. Às quinze horas ela traria agulhas e lã para as aulas de tricô. Às dezessete obrigaria-te-a a preparar camarões, prato predileto do filho. Assim, o caminho estava sendo traçado. Você olharia para os camarões imóveis e gelados em sua cor pálida e sentiria náuseas. A sogra iniciava as aulas com um vigor fora do comum, e o marido estava contente com a amizade das duas, e para brin-

dar a noite abriria uma garrafa de champanhe. A velha ria satisfeita. Eles tomariam conta da noite e conversariam. Você não existia naquele momento. Pelo menos não estava presente. E o jantar, os pratos, os camarões, as flores, o champanhe, o tricô entravam pelo seu corpo e lhe causavam sensações estranhas. O tempo havia paralisado ali, entre a fala da mãe e a fala do filho. Que diacho quererão eles de mim? É como se estar perdido de amor. Tudo fora do ponto de convergência. Como quebrar essa questão? Você levantou-se desculpando um mal-estar súbito. A mãe dele olhava-a subir o último degrau da escada. Que diabo deu nela? Você deitaria com a cabeça inclinada e os pés bem alto. Música. Você precisava de som. E o som entrava dentro do seu corpo rasgando suas entranhas.

O solo o som o violino o violão  
O som o sono o sol piano acordeão  
O som gota a gota entre sombras e cinzas  
Cordas e cordas no sol da noite  
No céu da noite  
No solo da noite.

O passo aberto de seu marido. O sono desperto. A porta aberta. Não se lembraria mais da existência dessa noite, quando ele, pacientemente, mandaria você se livrar das roupas. Fosse um acontecimento extraordinário ou não, você aceitou. E aquele corpo voltaria a fechar o seu. Por que é que deveria pensar naquele momento? Não era bem um pensamento. Eram sombras que desciam do teto em forma de desenhos. Visão ou sonho? O certo é que lhe faziam recordar um filme estrangeiro, onde o herói se apresentava com aquela cara mansa. Vez por outra, tentaria reconstruir um quarto e era sempre o mesmo. Um rapaz morto. Via-o agora. Bonito rapaz. Ele não mais existe. Você sofria sua memória. Mas, então, seu marido, docemente, começaria a miar. A princípio devagarinho, como se um pequeno gato procurasse um pires de leite. E ele vinha engatinhando, para cima e para baixo, farejando sempre. Peles, garras, boca, dentes. Os lábios palpitantes molhavam o caminho dando existência ao seu corpo. Ronronava. Aaaaauuuuuuu. Aaaaauuuuuuu. Ronronava. Ronava. Ron-ron-ron. Ron-ron. Ro-on-on-on-on-R.

- Quer um cigarro?
- Aceso, por favor.
- Então, você continua sem dizer nada?
- Não há muito o que dizer.
- Sempre tem alguma coisa para contar.
- Prefiro notar sua existência. Esse é um fato a que não me posso furtar.
- Você está passando a conversa para outro lado.
- O engraçado é que não achava antes.
- O quê?
- Seu fascínio.
- Você é triste.
- Escuta.
- Estou escutando.
- São tiros.
- Bombas.
- Lutam ainda.
- Sempre se luta.
- E se mata.
- E se odeia
- Eu nunca poderei entender.
- Claro que não.
- Gostaria de discutir o assunto.
- Não vale a pena.
- O que valerá a pena?
- A gente estar aqui se amando.
- Talvez seja verdade, mas nesse momento parece que estou morrendo.
- É o mais difícil.
- Sim, é verdade.



- Agora feche os olhos.
- Para quê?
- Feche-os, já disse.
- Pronto.
- De olhos fechados se vê melhor.
- Eu não vejo nada.
- Eu vejo por você.
- E o que é que você está vendo?
- Ele.
- Quem?
- O rapaz.
- Crucificaram-no?
- Quem poderia saber?
- Deve haver um porquê.
- Porque assim era preciso.
- Você tem razão.
- Ele agora está imóvel.
- Com a cabeça pendida pra trás.
- É como eu o vejo.
- E os outros?
- Os outros se satisfazem.
- Com quê?
- Em contemplar.
- Não entendo.
- Melhor que não.
- Não vai explicar?
- Você já sentiu dor?
- Claro que já.
- É mentira — A dor não existe. Mas é preciso fazer a humanidade acreditar nela, e gritar, e gritar, e gritar.
- Gritam agora?
- Gritam.
- E o que dizem?
- É impossível entender.
- Seu coração parece gritar.
- Ele não mais existe.
- Outra mentira?
- É uma máquina cansada.
- Dá no mesmo.
- Vive registrando fatos.
- Você se entedia.
- No entanto ele está registrando todos esses gritos.
- Descanse um pouco.
- Não nesse momento.

Os parentes dentro da casa como moscas ao redor do bolo. Via-os moverem-se, e no entanto estavam distanciados. A mãe. O pai. As tias solteironas. Era quase impossível saber quando um entrava pela direita ou pela esquerda. O pai. As tias. A mãe. Escurecia. Estavam ambos calados. Dentro em pouco, ele não era mais que um vulto à sua frente. Você gostava daquele recanto perdido de sua casa. Tijolo sobre tijolo. Erguia-se um tanque avermelhado, uma pequena muralha que os separava das tias, da mãe e do pai. Ele pediria, risonho, para você se aproximar. Com medo? Não. Você respondeu de pronto, voltando a olhar os parentes indo e vindo de dentro da casa, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, esbarrando uns nos outros, se desculpando. Você sorria ao lembrar que a salinha do lado esquerdo era a entrada. Então está rindo? Não é não. Ele ficaria um tanto encabulado e num repente juntaria seu corpo ao dele. Beijou-lhe a boca. E com muita fúria beijaria sempre. Que queria? As tias passavam. Via-as pela metade. Deformadas, como pequenos monstros. Surgiu a cara do pai e desapareceu como um estranho animal. Depois foi a vez da mãe. Quieta e piedosa. E aos poucos você ia sendo partida como uma maçã.

A moça a moça a maçã  
O Céu o véu a sombra  
O sonho revoltado  
O sangue o sangue o sangue  
A moça a moça a maçã

Ele ainda estava agarrado ao seu corpo trêmulo. Pobre menina. Murmuraria ele num repente. Pobre menina. Agora vá para dentro, meta-se debaixo das cobertas e não diga palavra. Você obedeceria. Atravessaria a sala e subiria para seu quarto. Mas o que ela tem? Por que passou esse tempo todo escondida? As tias estavam preocupadas com a febre alta. A mãe e o pai enca-bulavam-se com uma doença assim repentina. Você veria praias, casas, pessoas, um pescador distanciando-se em seu barco, monstros que surgiam de todos os lados, do teto, debaixo da cama, das cobertas. Atravessava um deserto. O sol. A água que saía do seu corpo e secava rapidamente na areia. Você acordaria em gritos. Pobre menina, diriam as tias, trazendo uma xícara de chá. Seus cabelos estavam soltos. O rosto muito pálido. Uma santa ouvia as tias. O pai rodeava a cama andando de um lado pra outro. De repente pararia e iniciaria um interrogatório sem lograr êxito. Mas foi a mãe quem percebeu manchas de sangue no lençol, e gritou apavorada. As quatro mulheres expulsariam o pai do quarto, às pressas, e fariam um minucioso exame. Dentro de poucos minutos o médico entraria. Você iria negar, negar, negar sempre. O médico daria as boas noites. A mãe, abobalhada, dizia que perdera a razão de viver. As tias limitavam-se a balançar a cabeça a repetir sempre: Muito bonito. Muito bonito. O pai ameaçava céus e infernos. Finalmente, ordenaria que permanecesse no quarto sem pão e água, até segunda ordem. Você iria padecer nessa agonia. Não sentiria tanta falta do alimento como do banho. Coágulos de sangue formigavam entre suas pernas. Algumas estrias, secas abaixo do joelho. Ninguém aparecia para livrá-la daquele mau cheiro. A porta existia. Seus olhos faziam a porta existir. Só agora reparava como tinha importância. Crescia de tamanho. Já não era apenas um pedaço de madeira manchada pelo tempo. Já não era apenas um pedaço de madeira com uma fechadura enferrujada. A porta. A alma da porta. A sombra da porta. As partes da porta fechada. A chave. A fechadura. Você a contemplava como se contempla um sacrário. Seu olhar desce lentamente por ela. A porta. Que mãos a teriam construído assim tão bela? Que mãos a lapidaram transformando-a assim, num ser de grande importância?

A mão que talha  
A mão que lida e limpa e forma  
A mão que massa argamassa e cal  
A mão que cobre e fecha fechadura  
A mão que traz e marca  
E ajeita e fecha o próprio segredo.

Quando você era menina e tinha medo pedia à mãe para lhe fazer um chá de hortelã. Não era propriamente o chá, mas a presença da mãe na cozinha, a chama no fogão, a chama na parede, a chama acendendo a casa. Era o seu terceiro dia de medo. E o terceiro dia tinha a agonia do começo ou do fim. É sempre assim quando se espera demasiado uma coisa. A sensação de estar espedaçada tornava-se forte. Pedacos azedos de carne. Pedacos ácidos. Pedacos atirados sobre o lençol como uma lama podre. Dentro em pouco, e ainda é o terceiro dia, uma clareza mostraria os pedacos de seu corpo. Algumas sombras aproximam-se do leito, e com muita dificuldade reconhecerá nelas as tias e a mãe e ainda o pai, que dirá numa voz firme: Primeiro um bom banho, depois um caldo quente, depois vestem-na decentemente. As três tias carregavam o pequeno fardo para o banheiro, exclamando sempre: Você vai casar. Vai haver casamento. Arranjamos tudo. Ele não pode fugir à responsabilidade. Mergulharam-na na banheira e era como mergulhar no céu. O corpo desfazia-se na água. Pobrezinha está muito fraca. E você não saberia por que aquilo estava-se passando. As tias limpando suas pernas, seus seios, suas costas, sua cabeça, de um modo quase ritual. Tudo muito limpinho iriam dizer. Pobrezinha. Um espelho redondo. Seu rosto passando por ele. As tias penteando-lhe os cabelos. O pente indo e vindo. O olhar delas dentro do espelho. O seu para baixo, muito além daquele assoalho manchado de água que jamais iria secar. O pai dentro do espelho. Aparece. Desaparece. Torna a aparecer. A mãe fora, na superfície, sempre rezando, os cabelos embranquecendo, a voz sumindo. O pai dentro do espelho, inteiro, o rosto sumindo, indo e vindo. De volta ao quarto a porta parecería a única coisa significativa novamente. Solene. Vieram agora com um caldo quente. A colher crescia em sua boca. Uma, duas, três. As tias diziam empurrando o caldo esverdeado. Tome mais, isso fará bem. Vai haver casamento. Algumas lágrimas em seus olhos. Seja boazinha, sim menina. Olha, ninguém pega uma virgem assim, de família boa, sem se responsabilizar por isso. Deixe a menina terminar a sopa. Ele não queria. Dizia que não casava. Que não casava e pronto! Seu pai fatou com a família dele, lembrou questão de honra, o nosso nome, o nome deles, se bem que em escala menor, e tudo foi caindo nos eixos. O casamento está marcado. Vamos fazer-lhe um lindo vestido de noiva e você vai ficar linda. Ah! de que cor vai ser seu vestido? Branco não pode. Branco só para as puras. Verde. Sim, verde é uma linda cor para quem já perdeu a virgindade. Ou preto? Preto também é muito distinto, se bem que você tem uma cara de santa. Meu vestido

será branco, você iria dizer numa voz arrastada. Branco. Pense no que isso poderá significar, repetiria uma das tias indignada. Branco só para as virgens. Cor-de-rosa, então. Você iria erguer seu corpo, sentar na cama e falar compassadamente: Quero vestido branco, com véu e grinalda, depois deixaria o corpo cair novamente. As tias correriam para dentro e voltariam com a Bíblia dizendo que se esquecera dos mandamentos da lei de Deus. Teceriam louvores à pureza e à castidade.

Uma pobre menina se desviou  
Vamos trazê-la para o bom caminho  
Pelas graças de Santo Antônio  
Orai, orai, orai!

A menina se desviou  
E era apenas um bebê  
Os olhos dela perderam a cor  
E a mãe perdeu o berço.  
Orai, orai, orai!

As tias estavam sempre ali, no fundo do quarto, recordando o inferno, o enxofre, o fogo eterno, as pessoas de cabeça para baixo pagando seus pecados. Liam a Bíblia. Alguns salmos, de joelhos. O padre-nosso, a ave-maria, a salve-rainha. As palavras ameaçadoras e absurdas. O que teriam dito elas? Já não importava. A bem dizer, aquele dia já não tinha nenhuma importância. Era apenas uma segunda-feira às 15 horas. E seria também numa segunda-feira às 18 horas. A mãe lhe traria um chá de hortelã, as tias lhe trariam o vestido cor-de-rosa. Diriam que estava lindo! Que você, apesar de tudo, parecia uma santa. E tudo chegava assim, de repente, como sua figura no espelho redondo. Seu rosto. O vestido rosa. A mãe branca. O pai vermelho. As tias amarelas. Sua figura saindo do espelho. Fazia muito calor e você transpirava. As tias trariam um ventilador, recomendando ter cuidado com o penteado. Teria sido fácil descer aquela escada e vê-lo lá em baixo com seu cigarro. Teria sido fácil ver o pai dele no terno azul-marinho e a mãe no vestido marron, seria assim tão fácil descer essa escada, de frente erguida, e o negror do riso nos lábios.

- Então?
- Então?
- Você está ausente. Não consegui senti-la nesses minutos.
- Estou revendo-me.
- É a única justificativa?
- Eu me vejo lá, dentro de seus olhos.
- Han! han!
- É uma trajetória.
- E esse riso negro nos lábios?
- Um riso?
- Ou coisa parecida.
- Por essa hora começa a angústia verdadeira.
- Por essa hora não faz frio.
- Para mim é o início.
- Ou o fim.
- Tanto faz. O certo é que sempre começa assim.
- Dessa maneira seria melhor conversarmos um pouco.
- Sobre o quê, por exemplo.
- Podíamos começar por sua história.
- Pensei que tivesse esquecido.
- É que gostaria de conhecê-la melhor.
- Somente no escuro eu me distingo.
- Podemos apagar a luz.
- No escuro dou sempre voltas e volto no início.
- Formemos um círculo.
- Já não sei por onde começar.
- Como era ele?

- Podemos falar em voz baixa?
- Podemos.
- Isso é uma sorte. As pessoas nem sempre podem falar.
- Eu gostaria de ouvir você longamente.
- Venha.
- O que é isso agora?
- Venha.
- Para onde?
- Até a janela.
- O que há?
- Veja.
- Não consigo ver.
- Ouça.
- Faça força.
- E agora?
- Ouço alguns ruídos.
- São gritos.
- Que querem eles?
- Andam a gritar.
- Parece uma procissão.
- Parece. Não levam santo nem andor.
- No entanto sustentam uma bandeira vermelha com um leão branco desenhado no centro.
- Ostentam cartazes.
- Falam muito.
- Quem são?
- Pessoas de uma mesma família, penso eu.
- É possível.
- Mas há alguns negros.
- Alguns japoneses.
- Velhos.
- Crianças.
- Mulheres.
- No final todos se parecem.
- Se igualam.
- Como se fosse um único corpo.
- Movem-se rapidamente.
- Gritam rapidamente.
- Falam rapidamente.
- Venha, já basta.
- Vão gritar a noite toda.
- Nunca param?
- Às vezes.
- Para jantar certamente.



- Trazem sanduíches. Não se pode jogar com o tempo.
- Retomar às forças.
- Continuar sempre.
- Quantos são?
- Uns duzentos.
- Talvez mais.
- Talvez menos.
- Venha deitar-se.
- Vou. Não sei, talvez.
- Por que não conversamos um pouco?
- Qualquer conversa agora pareceria absurda.
- Vamos falar de você, de sua vida.
- Não disse que qualquer coisa seria um absurdo.

De repente você estava fazendo enorme esforço escrevendo aqueles nomes e endereços nos envelopes. Gente importante da Sociedade, viria a irmã dele para lhe lembrar. Lá embaixo, a mãe parecia um tanto assustada, recebendo encomendas, telefonando para o costureiro, o fotógrafo, as amigas. As flores. Sim, como poderia esquecer das flores? A mãe iria perceber que você estava observando-a e lhe sorria. Estou ficando velha e nervosa. Mas, afinal, seu casamento era um jogo em que entravam as amigas, as inimigas, os parentes, a sociedade, a igreja, o traje das acompanhantes, o coro, a música. Seu marido exigia o casamento mais caro. E o que tudo isso ia significar? Vinha gente, saía gente. Cumprimentos, presentes, cartas. O ritual da igreja pode ser uma velha tradição, mas é indispensável para conquistar amizades e um lugar na sociedade. Na realidade você nada poderia fazer. Nem uma amiga para desabafar. Sentia-se impotente. Agora estava às margens do seu rio, onde corriam lembranças verdes. Flores. A respiração entrecortada pela corrida. O coração horrivelmente desgovernado. Olá, alguém devia ter gritado. E sem olhar para trás, você via desenhar-se aquele rosto de menino assustado, correndo e rolando no verde. Você estava diante do espelho. Você dentro dele. De branco. A mãe dentro dele ajudando a prender o véu e a grinalda. Ambas afastadas do espelho: Bela. Uma princesa. Suas amigas morreriam de inveja. Uma rainha a mãe comentaria com todos. Você daria alguns passos impondo uma postura nobre para concordar. Ao casamento. Certo, suas amigas cintilavam de inveja. Certo, elas ainda não conseguiram marido. Certo, estão ali, inteiramente paradas, desnudando-a de alto a baixo. Certo, logo

logo se aproximarão para beijá-la. Uma delas cochichava ao seu ouvido: Sua puta, lembre-se de repetir meu nome três vezes ao pisar o primeiro degrau da igreja, e se afastaria dando risadas. Iniciada a descida. Teria sido necessário o braço do pai para a amparar. Teria sido divino executar com perícia o mover dos pés, da troca de passos, ao ritmo do som, do órgão, ao ritmo do coro de vozes, ao ritmo das exclamações. Lá em cima, no fim da subida ou no início da descida, o noivo. As madrinhas tornavam um quadro elegante de cores e plumas. E nesta colagem, você ocuparia o centro, como a ornamentação maior. O velho pai não se importaria com a iluminação caindo do teto, o caminhar entre orquídeas brancas, os fotógrafos, o paramento do O Bispo em vermelho e branco, com os cinegrafistas, os refletores. O Bispo teria um largo sorriso para os noivos. Quanto tempo duraria aquela cerimônia? O anel do Bispo. O rosto vermelho e redondo. O órgão. As vozes. As flores. O napêus e iuvas. A predominância das cores verde e preto. O Bispo mostrava o anel e a voz adocicada. Primeiramente algumas palavras de celebração das bodas. Você iria pensar como são gastas e inúteis. Agora ele falava de seu marido, rico e próspero homem de negócios. Um industrial. Ele teria, agora, mulher querida e amorosa... Seu marido teria os olhos brilhantes e a face corada. Você permaneceria assim, parada diante do altar, quando, num repente, as luzes se apagariam e o sacristão acenderia as velas. Melhor acabar logo com isso. Não ficar grudada no tempo como uma tonta. Não podia mais ficar de pé. Parecia que alguém lhe dirigia vivas. Era só o que faltava. Vivas à noiva. Se se pudesse tirar uma soneca. Um soninho só. Se se pudesse tomar um pouco de água fresca. Se se pudesse fechar os olhos. Quando se deu conta novamente, todos corriam para abraçá-la. Atiravam-lhe muito arroz. Pisavam-lhe a cauda do vestido, puxavam-lhe o véu e a grinalda. Uma outra multidão, a dos não convidados e que esperavam na porta da Catedral, aplaudia e rebentava em gargalhadas. Você, então, dirigia um longo olhar como um último ato de espetáculo para a assistência angustiada. Veria caras, rostos compridos. Também alguns olhos iriam crescer, crescer. Alguns morcegos voariam. O sino repicaria: dela-lão. La-lão-dela-lão. O kirie-eleison. O noivo de boca espantada olhava. O kirie cantado pela multidão, num movimento lento, como num processamento litúrgico da semana-santa. Respirar. Rebuliço. Os morcegos aqui e ali. A massa se agrupando, formando uma corrente coesa. Braços. Mãos. Pernas. Bocas unidas. A voz.

A noiva o noivo  
O passo dado.  
Que dançam que corram  
Para os cubos de gelo  
A noiva o noivo  
E as tortas de bolo.  
Os ouvidos vivos  
Da convertida gentelha.

Para você o novo coro de vozes não tinha muita importância. O que a incomodava eram aqueles pequenos insetos, que começavam a brotar de todos os lados, e logo as madrinhas e os convidados iriam correr de lá para cá e para dentro da igreja, e os insetos penetravam dentro das luvas, dos chapéus e dos decotes das madames. Houve até princípios de desmaio, e a massa cantava o kirie, e agora, os insetos saíam da boca deles aos montões, e como que impedindo a passagem dos convidados e do Bispo, que pedia calma e muita reza, pois isso era artimanha do demônio. Você com toda sua doçura, sua brancura, procuraria não magoar essa massa vermelha depositada aos seus pés, mas esses seres minúsculos cresciam e se transformavam em pessoas e osso, dotados de uma só alma e um só corpo, e avançavam de olhos crescidos e angustiosos, e o Bispo tentaria impedi-los de caminhar com sua capa bordada e seu anel de brilhantes. Você estaria exausta. Os insetos ainda flutuavam e desciam e se transformavam. E o Bispo, agora rodeado por essa gente, juntaria todo seu bom senso para tentar suportá-la. Mas, a malta começou a despi-lo, peça por peça, sempre cantando o kirie, deixando-o nu, e o conduziam para o meio da roda, rodando, rodado, e ele pedindo por misericórdia, a gritar as pragas do inferno, reinventar um novo paraíso. Mas eles permaneciam surdos. Você prestava atenção ao estranho ritual. O anel do Bispo sendo arrancado. O homem arrastado pela multidão. Um foguete iluminaria o céu e você se agarraria a qualquer coisa para não cair. Caiu. Seu pai e seu marido conduziram-na para dentro da igreja. Como então, desmaiou? Um cheiro de amônia nas narinas. As cores voltando. O calor exalando de todos os poros. A luz. As velas. O sacristão. O Bispo. Seu corpo estendido no banco. Seu corpo sendo conduzido como uma nuvem até o altar. Nem olhou para o chão. Nem olharia para a terra quando atravessava vales e montes e montanhas. Ceivada. Chapada. Manchada. Ma'hada. Manada. Morada. Nevada. Ramada. Alvorada. Arribada. Novas e encantadoras flores. Prado prado predestinado. Não, a noite não podia começar. Era por demais

cruel. Almagre. Milagre. Sumagre. Tutinagre. Uzagre. Vinagre. Tudo se apagando novamente, indo, indo, indo. Talvez culpa dela mesma ou de alguma voz ao seu ouvido, ou dos tapinhas na face: Queridinha, queridinha. Você começaria a descida. Descia vertiginosamente. Uma dor na Espinha. Uma voz sumindo longe num abismo: Queridinha. Queridinha. Você iria abrir os olhos. Os chapéus. As luvas. O Bispo. Sacristão. As madrinhas. Os padrinhos. O pai, a mãe, o noivo, sorriam para você. A música. O coral. Você recomeçaria a caminhada de volta. Fotógrafos, Cinegrafistas. Seu marido tinha-a segura pelo braço.

- Então?
- Você está-me magoando.
- Faça-lhe carinho.
- Senti dor nesse braço.
- Beijava sua mão.
- Realmente era assim.
- Não senti meus beijos?
- Sonhava.
- Está sempre de olhos tão fechados.
- É melhor assim.
- Por quê?
- Pode-se ver melhor.
- A quem?
- Ao mundo.
- Às cores?
- À guerra.
- Começo a gostar de você.
- Isso é mau.
- É preciso entender o amor.
- E muito difícil entendê-lo.
- Pode-se senti-lo.
- É a melhor forma.
- Sem preconceitos.
- Sem datas.
- O que nos faz pensar nisso?
- Coisas do momento.
- Não me desagradaria vivê-lo por muito tempo.
- Temo pela partida.

- Sempre se parte.
- Sempre se chega.
- Sempre se espera.
- Sempre há esperanças.
- São formas de amor.
- Não para mim.
- Você deve ser um deus disfarçado.
- Um pobre herói, talvez.
- Que pertence a essa massa do dia-dia.
- Não há nada mais necessário do que um herói para essa gente.
- Nada mais necessário do que uma janela para eles respirarem.
- E era preciso vê-los com suas ferramentas de trabalho.
- Nas fábricas.
- Nas usinas.
- No balcão.
- Nas minas.
- Sujos de pó.
- De carvão.
- De lama.
- De dignidade.
- Nutrindo esperanças.
- Sonhos.
- E vivem.
- E morrem.
- E sonham.
- E esperam.
- Fecha essa janela.
- Está na hora.
- É preciso entender o silêncio.



Só na sala. Não era a primeira vez que se sentia esmagada por aquele papel cor-de-rosa com flores azuis colado à parede. Podia-se ver um pedaço do jardim com uma roseira e algumas pedras brancas. Podiam-se ver outras imagens se formando: fofa, mosca, tosca. Não se lembrava de amar as rosas naquele momento. O espelho emoldurado salvava-a do confinamento. Seu rosto. Seu resto. Seu ser. Seu pensar. Licenciada. Litigiosa. Luxuriosa. Maliciosa. Maravilhosa. Seu alívio. Seu contentamento. Várias facetas de um dia. É certo que fugiria ao menor movimento. Era inevitável refletir sobre isso. Como era inevitável ter os ouvidos queimados com os gritos da criada anunciando o jantar. Ela diria que o jantar estava pronto para ser servido. Lá em baixo, tudo estaria nos devidos lugares. Os pratos. Os talheres. Os guardanapos. A garrafa de vinho. A mãe. O marido. Você pensava então no que dizer, ou como dizer as coisas. Pensava consigo na sua aflição de ver tudo em ordem. Poderia decorar as palavras bonitas que iria dizer a respeito do dia ou da noite anterior. Sua mãe fingiria ler um livro enquanto notava seus movimentos e, por certo pensava de onde lhe brotavam tais invenções. Logo o livro escorregaria para o chão e ela esboçaria um leve descontentamento. Mas tudo isso se passava num abrir e fechar de olhos. Seu marido saboreava o vinho com um estalar de língua. Ótimo. Você olhava para a cor do vinho e tinha saudades do mar, e se via menina, com os pés na areia. Perdera o equilíbrio e lá se ia salgando o corpo. Sal. Corpo. Maresia. Maré alta. Marealta. Salreia.

Menina no mar  
Concha no mar  
Onda a andar  
Onda a dar  
Mar a mar.  
Maré.

Menina isca menisca: areia  
Menina Salta e salga: sol e lua: fusva  
Menina alga meniverde menicanta  
Menionda Menianda. Onda, onda, onda.

Seu olhar despe-se do verde mar para o verde vinho, e sua mãe, por certo, estava representando um papel muito importante naquele momento pois lhe acenava para colorir o dia com um brinde. Brindemos nossa felicidade. Brindemos nossa felicidade, você diria erguendo o copo e fazendo-o tilintar suavemente. Depois perscrutaria com olhar ansioso para ver se havia outras pessoas além do marido e da mãe. Não, não havia e isso a tornaria muito infeliz. Querida, fale ao seu marido dos convites para os jantares nos clubes, do chá na mansão dos Bordery, do jantar só para as senhoras em benefício dos pobres de espírito no clube dos Caçadores. A mãe se apressava em dizer tudo e você acenaria com a cabeça, num vago consentimento. Sim, esses planos se cumpriam em diversos planos. Seu marido iria dizer: Responda sim a todos os convites. Sim, é claro, o amor precisa ser preservado e nada melhor do que essas reuniões para manter a chama, não é verdade, querida? Sim, é verdade, mãe. Seu marido brindaria novamente à felicidade. Estaria deveras feliz. Assim, ele iria explicando que isso era viver, existir, estar presente no mundo que exigia o melhor de cada pessoa.

Aqui existiu uma ponte,  
Um bêbado caiu de cima dela.

O que é isso diria ele dando risadas. Minha mulher deu para falar sozinha? Venha assentar-se em meus joelhos.

Uma ponte existiu aqui.  
Debaixo dela mora uma mulher desabrigada.

Por um momento suas conclusões eram amargamente simples. Quer que lhe faça cavalo-de-pau? Assim poderá recordar-se da sua infância.

### Infância infância infâmia

Sua mãe, que agora parecia ter embranquecido os cabelos, corria para perto de você a cochichar alguma coisa e depois como se estivesse num palco daria largas passadas procurando alguém para contracenar depois daria grandes risadas. O marido riria também achando que essa improvisação era o lado cômico da vida. Todos deviam provar sua existência. Ele, por exemplo, provava sua existência comendo e bebendo. Exigia bons pratos e bons vinhos e, de vez em quando, bons atores para fazer-lhe risos. A sogra, por certo, era uma excelente atriz. Ninguém diria que ela não pisara a ribalta.

Uma ponte existiu aqui  
E debaixo de'a moram dois indiozinhos.

Você está alegre, minha gatinha, o marido dava-lhe tapinhas no traseiro. Náuseas. Cansaço. Vontade de levantar-se. Espero? Vou para meu quarto? Nunca mais poderia escapar. Nunca mais seria a mesma. A roda social girava sem parar e seu nome figuraria sempre em destaque. Elegância. Charme. Sorrisos. Festas. Uma. Duas. Três. Viro uma estrela? Sou um cometa? Um planeta? Uma árvore? Uma brisa. Brisagem. Miragem. Reluz. Reduz. Seduz. Seu marido ostentaria um orgulho velado. Certo dia a mãe falou: Gostaria de ir com vocês, gostaria mesmo, mas me sinto velha e cansada. Você vai estar linda, minha filha. E logo a mãe viria com o vestido novo feito especialmente para ir ao desfile de modas, que se realizaria em benefício da Casa da Mãe Solteira. A governanta traria a peruca e os óculos e os cílios postiços. Você suportaria com coragem toda aquela transformação, olhando o prato vazio sobre a mesa, e pensando como poderia exibir tanta brancura fria. Uma boneca. Nossa rosa chinesa está desabrochando, diria a mãe, uma frase decorada do livro. Seu marido sorria feliz. Você não sabia o que fazer com as mãos.

Havia, isso sim, um mundo diferente naquele momento. Alguns relâmpagos. Alguns pingos de chuva levantando a noite. Havia, isso sim, alguns meninos esperando lá fora, com o rosto manchado de ferrugem. Havia, isso sim, outros meninos chegando com o rosto igualmente manchado, mas alegres e esperançosos, e que corriam na chuva, lutavam contra a chuva, riam com a chuva.

Os olhos grandes na vidraça  
A chuva uma grande ameaça  
A luz do dia apagada  
A noite mal assombrada.

Fina chuva  
Chuva fina  
É como ir à missa todos os domingos  
Ou comungar na páscoa  
Ou esperar pela ação de graças.  
Os olhos grandes na vidraça.  
A chuva uma grande ameaça.

Havia, isso sim, o desejo de sair correndo, misturar-se à chuva, à lama, aos meninos. Melhor do que tomar parte nesta conversa formal, de formas e fatos. Você tinha razão, Irene. Vai chover. Mas, por que não deverei sair? É tão fácil passar pelo muro. Sim, sou eu quem está falando. Essa é minha voz. E eu estou presente. Eu amo esse tempo. Essa negritude. Sim, sou eu quem está falando e é você quem está me ouvindo. De qualquer maneira desejo sentir o vento no rosto, o rosto como uma vidraça. Não, não haverá cansaço. Vou iniciar esta subida e esta descida sozinha, puxando o fôlego, o frio, com a capa colada ao corpo. O corpo ocupando algum lugar em determinado espaço. Havia, isso sim, os jornalistas. Mas, que teriam eles para dizer?

Os olhos grandes na vidraça.  
A chuva caindo sem graça.  
A mão na goteira  
Plac plac plac plec caindo na bacia.  
Barquinhos de papel  
Perdendo e achando-se  
Barquinho sem rumo.  
Espirro trovoada risada  
Choro vela  
Criança na enxurrada.  
O barquinho passa.  
Barquinho vá buscar meu amorzinho  
Um menino  
Um pássaro molhado  
Uma pomba dourada  
Mãos no corpo molhado  
Mãos de cheiro adocicado.  
Mãos nas mãos.

A chuva grudada ao corpo.  
Besouros borboletas  
Pedacos de madeira  
Pedacos de areia  
Pedacos de flores.  
O pássaro molhado.  
A imobilidade.  
A janela.  
A goteira plac plac plác.  
A boneca.  
O nariz achatado na vidraça.

Em determinado momento você estaria ao telefone contracenando com sua melhor amiga. É você, querida? Bem, a categoria é de luxo. Seria impossível descrevê-lo por telefone. Modelo exclusivo. O preço não se conta. É demais. Em cada explicação sucessiva, você iria sentir que o modelo do vestido, da jóia, do chapéu, do sapato, era igual ao seu. Ao final, você se veria algemada por aquela conversa de telefone, salpicada de alegria, ironia, razão e derrota, e aos poucos, e sem querer, deixaria de ouvi-la. A Madalena. E seu comportamento foi também de razão e de derrota. E de alegria. E de ironia. Como parecia estar tonta, totalmente imbecilizada.

- Então?
- Então o quê?
- Não diz nada?
- Que devo dizer?
- Alguma coisa.
- Prefiro estudar a disposição da chuva que cai. Chuva oblíqua.
- Ou ficar fumando na janela. Tem um fósforo?
- Tenho.
- Acenda meu cigarro.
- Fumaremos juntos.
- Assim não se perde tempo.
- O tempo é importante.
- Sim, é muito importante e a essa hora costumo encher-me de pensamentos alheios.
- Quer que eu lhe conte uma história?
- Não me fará adormecer.
- Vai novamente para a janela?
- Continuam ainda.
- Ainda?
- Continuarão por muito tempo mais.
- Estão na Praça?
- Percorrem as ruas.
- Que rua?
- Aquela rua estreita e mal iluminada.
- Foi lá que nos vimos.
- Acho que nos vimos anteriormente.
- Onde?

- Em Viena, talvez Paris ou Londres...
- Ou no espaço.
- Ou no céu.
- Ou no inferno.
- O certo é que nos conhecemos há longo tempo.
- Sofre muito com o barulho?
- Sinto-me envelhecer.
- Pode-se viver muito em um minuto ou ser um zero aos 90 anos.
- E aquelas pessoas, será que elas vivem?
- Provavelmente.
- Se digladiam.
- De acordo.
- Estão a lutar sempre.
- Para quê?
- Para existir.
- Vou tentar dormir.
- Vai mesmo?
- Acredite.
- Pode ficar tranqüila.
- Está ouvindo?
- Estou.
- Expulsam alguém do hotel.
- Um homem certamente.
- O que terá ele feito?
- Nada de importante posso lhe assegurar.
- Devia estar incomodando alguém.
- Me parece jovem demais para isso.
- Chamaram a polícia.
- Não deviam ter feito isso.
- O que acontecerá a ele?
- Quem poderá saber?



Não sabia por que andava sem parar, como o tempo, como a máquina de costura. Andava. Entrava e saía de uma porta a outra. Mas, isso longe de a irritar, alegrava-a. A única coisa que a perturbava era o pequeno espaço. Era difícil explicar isso à mãe. Era bastante divertido ficar assim, parada, olhando-a no vai e vem da máquina, querendo fazer com que aqueles movimentos se tornassem mais leves, e que ela fechasse a boca para respirar. Teve então, um momento de paz, quando a mãe, lhe falou: Viva. Viva, minha filha. Você é bonita. Daqui a alguns anos você estará em condição de escolher, um homem bem rico. Bem rico.

A gaveta da máquina  
Botões coloridos  
A mãe a falar  
O pai a intrigar  
A busca do nada.  
Uma cor.  
Alguma coisa.  
Botões madreperla  
Botões doces  
Carretéis de linha  
Tubos. Retrós.  
Pequenos segredos de uma gaveta de máquina.

Não, querido, não. Agora é a sua hora de adormecer. Ter os olhos pesados e eu a beijá-los a cada dez minutos. Não, meu nenem, não tenho versos para adormecê-lo. Nunca tive o ventre aberto. Nem a veneração pelos pequenos. Redonda, redonda, ronda, sonda, sonda, sonha. Ficou só no sonho. Permaneci a mulher do ventre chato. Liso. O que quer que fosse preciso, eu faria. Mas, não precisou fazer nada. Com seus olhos lúgubres a mãe dele me via tecer lindas camisinhas, fraldas, pagãzinhas. E por uma antevisão, que ela gabolava de ter, disse-me ser tempo perdido. Dorme, meu nenem, assim poderei beijá-lo a cada dez minutos. Boca contra boca. Ter minhas mãos coladas ao seu corpo, que o tempo já não se move, e eu serei a mais bela das mães. Divina e humana. Dorme, meu nenem, que nossa história poderia ter sido comum: dois desconhecidos num quarto de hotel. Assim pois, olharíamos para o termo final que é o fim da noite. Dorme, meu nenem, conta-me sua história, através desses olhos fechados, e eu ficarei contente, e perguntarei seu nome e o nome de seus filhos, e talvez, perceberei a sua tristeza. Ai, contar-lhe-ei toda minha história, sem dor e sem sabedoria. Lá está você, direi eu, na mesma posição, e uma mosca sobrevoa o tempo e a espera para o derradeiro pouso. Lá está você, direi eu, e arriscarei um nome para tirá-lo do sonho, que se ergue como uma muralha, e o faz atravessar o mar em pequeno veleiro. Então a gente vai ouvir esse ruído de descarga saindo de dentro da parede, enquanto risadas histéricas buscam o mesmo caminho e nos dão a impressão de que seguem para cá. Agora há alguém que tosse junto à parede, e há uma gota não terminada sobre uma panela: plin, plon, plon, plec.

Um outro alguém abriria sua consciência para a noite e gritaria que ia morrer e que queria alguns convidados para a cerimônia, e no quarto vizinho, alguém bateria à porta oferecendo a morte em prestação, dizendo ser dono de uma associação de luto, e que cada família, principalmente as numerosas, deveriam participar.

- Ficarão tudo nos eixos. Três cruzeiros ao mês. Uma sociedade para amigos.
- Pensem bem, diria um outro.
- Qual é a opinião da mãe?
- Apenas três cruzeiros por mês para um enterro de primeira.
- Qual é a opinião do chefe da família? Aceitam não é verdade? Eu sabia que o senhor ia usar o bom senso.

Acorda meu nenen para ele saber que estamos vivos. Acorda que é primavera, e teremos uma longa veste de flores. Acorda, que dentro das cavernas existem centenas de ninhos e de olhos.

Sempre a primavera  
A primeira primavera  
Corpo de flores  
Corpo de vento  
Como uma chama azulada.  
Sempre a primavera.  
O sol  
Sol vento  
A chuva  
Chuva vento  
E o sangue correndo azulado.

Era impossível resistir às lembranças, mesmo quando ele, abrindo os olhos, puxava-a pelos cabelos e ao beijar-lhe o pescoço, dizia: Pode contar-me seus aborrecimentos? É um favor que você me faz. Não parecia que você queria falar. Fala e brindaremos à sua saúde. E assim falando, e assim olhando o doce adormecer de seus membros, ele pesou o corpo sobre o seu, quase num ímpeto, e era recompensa. Tudo tão doce agora. Essa mistura adocicada de pele e saliva e cabelo e carícias. Ah! não diga nada. Eu estava querendo ouvir sua voz e sua história e nem ao menos sabia que sua história existe somente neste momento. Tudo tão doce. Essa escuridão, e os olhos dele cintilantes. E então, era a vez dele surgir como uma criatura divina. Mas, dentro em pouco sua cabeça penderia para um outro ângulo e a parede surgiria com suas flores brancas e algumas folhas verdes, num fundo rosa. E aí então, por trás das flores brancas e das folhas verdes, em sua nitidez, surgiria o marido falando alguma coisa como lembrete, florete, falsete, banquete, que você não entenderia bem, mas se via, em meio à escada, a sentir os passos com seu vestido flu-flu e os saltos altos. Gosta? Você se exibia virando e revirando-se nos lances da escada. De modo que ele pararia de falar e olharia seus movimentos como a um cão atendendo aos apelos do dono. Em segundo plano apareceria a mãe dizendo alguma palavra como princesa, rainha, colibri. E depois ela ficaria espiando o carro se afastar dando adeusinho, adeusinho. Seu marido pediria a você para se portar bem com os Souza Freire, pois os queria como clientes do Banco. Estamos bastante interessados em tê-los pelo laço. Eles atrairão novos e ricos clientes, é uma engrenagem segura, você

não deve entender bem dessas coisas, mas seria como ter um cão-lobo nas nossas fileiras. Bem, ainda não lhe falei da deliciosa casa dos Souza Freire, montada com toda a engrenagem moderna, que até os garçons parecem máquinas. Você estava sendo apresentada aos Souza Freire. Ambos pareciam sorrir, mas seus movimentos cheiravam a robôs. O que poderia você falar naquela casa? Lá no fundo algumas pessoas conversavam, e você poderia ter ouvido sons, e uma moça que se afastava, quase levada por uma senhora, para os fundos do jardim, e que sumiam entre arvoredos e plantas exóticas, como se por ali existisse um porão, ou uma passagem secreta. Por isso você também caminharia por entre o jardim e acabaria por esbarrar no aquário, mas os peixes não se moviam, tinham os olhos saltados para fora como a buscar alguma coisa perdida fora da água. Não podiam esses peixes nadar? Você se afasta um pouco mais e logo esbarrará numa luxuosa piscina. A água tinha a consistência de uma gelatina verde. Mas, já a orquestra dava o sinal de vida com seus acordes e os músicos moviam os braços e as bocas iluminando sons e som. A senhora espera pelo Príncipe? A mulher se aproxima mais e continuava a falar. Bem, é que ele ainda está para Londres. Ontem deu na coluna social. Falaram que ele estava navegando, mas deve estar mesmo é jogando cartas, dormindo com grã-finhas, bebendo champanhe à custa delas. É o que é. Pois é, como dizia agora mesmo, antigamente havia mais coisas nesta casa, já não se vê as fontes sonoras, os cavalos e os cães de raça, e isso me parece decadência, você não acha? Acha sim. Oh, minha querida, só agora estou reparando como seu vestido é belo e você toda é bela também. O Príncipe faria gosto em conhecê-la. Eu estou vestida com simplicidade, como você bem pode notar, mas com extremo bom gosto. Veja minhas jóias, são legítimas. Chega perto, vou contar-lhe um segredo: passo fome mas não fico sem minhas jóias. Bem, bem, é melhor não se entusiasmar muito com esta festa, não me parece agradável, pois é como lhe dizia, falta muita coisa e eu costumava exibir minha voz no final, depois saía acompanhada por cavalheiros e a noite continuaria como deve ser continuada. Mas, enfim, eu sei esperar. Por instante e você, novamente, se aproximava da multidão. E enquanto seu marido conversava com o pequeno homem gordo e vermelho, alguns cavalheiros pediam para anotar seus nomes para as próximas danças. E enquanto você dançava apertada por braços, algumas mulheres teciam comentários, certamente sobre o cavalheiro que se debruçava sobre seu perfume. Você daria tudo para estar longe dali, possivelmente na rua, ou trancada em

seu quarto, sem aquele vestido e aqueles sapatos, ou estar olhando através da janela. Eis que agora estava sendo apertada por outro corpo. O rapaz rodopiou. Rodou. E parou. Tomamos uma champanhe? Você está de azul e o azul traz sorte. Vamos tentar a sorte juntos essa noite? Você gostaria de dizer que seu vestido era preto, mas se calou. A pálida luz da sala que ficava ao lado do grande salão caía sobre seus rostos. Você é estúpida. Onde esteve todo esse tempo? Ele falaria com ternurinha na voz e tentava roubar um estranho beijo que você mal pôde sentir. E ele rodava o braço em volta de sua cintura. Então, veio pelos ares um sinal da orquestra, que pelo jeito seria o acontecimento da noite. E então foi anunciado que a dona da casa iria brindar os convidados com sua voz. Todos se ocuparam de seus lugares e por instantes se tornavam rígidos em suas vestimentas. O maestro deu o sinal e a orquestra atacou sonora. Você ficaria cismando se aquela mulher que cantava a todo vapor não era a mesma que conversara a respeito da casa e do tal de Príncipe. A mulher tirava agudos de espantar e a assistência aplaudia. Ela curvaria ligeiramente, e com os olhos procurava alguém no salão. Você enrubesceu novamente. Seu marido perguntaria que tal, e você diria que assim, assim. Ele entraria em detalhes e você divagaria, mencionando as flores exóticas do salão de jantar, as folhas gigantescas, quase aterradoras. Ele mencionaria nomes importantes, gente bem, perdendo-se depois entre as inúmeras marcas de vinho, e acabaria por dizer-se satisfeito com seu bem sucedido plano junto aos Souza Freire. Agora ele parou de falar. No entanto, o carro rodava pela estrada. O sol vinha ao seu encontro. Você tentaria senti-lo, mas lhe era de todo impossível.

Seu marido tinha dor na voz e duas lágrimas lhe corriam pelo rosto. O que foi? Você perguntaria. Depois olharia para ele tentando ver a alma e o sapato. Me dói a cabeça. Assim você pegaria o volante, enquanto ele começava a gemer baixinho e depois um pouco alto, e acabaria por enroscar-se todo como uma cobra. Com o correr das horas tudo iria piorar. A mãe dele estaria em volta da cama a questionar o médico, e a rodear você com perguntas, querendo saber a que horas saíram da festa, a que horas surgiu o primeiro sintoma a que horas as dores se intensificaram, e se lamentava muito, e acabava por concluir que a culpa era do sol sobre o asfalto, o reflexo, os olhos pesados. No entanto, ele ficaria cada vez mais agitado, e você insistiria na única frase cabível: Sente-se melhor? A mãe dele rezava baixinho, agitando-se nervosamente, rainha dos aflitos, dos necessitados, rainha das rainhas, rainha do sacratíssimo, rainha do ro-



sário. Certamente ela faria um grande sacrifício naquele dia em favor do filho. Cada esforço seu para penetrar naquele amor de mãe e filho era repellido com dignidade. Você estava ausente, sentada ao lado dele, olhando de um lado para outro, como se acompanhasse uma bola imaginária, que batia na vidraça e vinha por sobre a cama, e tornava a voltar ao ponto de partida. A mãe tentava compreender os mínimos gestos dele e repetia quase mecânicamente para as enfermeiras tudo o que o filho sentia. Sente-se melhor? Você tornaria a perguntar. Sua mão sobre a mão dele. No entanto, ele não existia como vida, era apenas um depósito de veias azuladas, mole como uma lesma. De modo que sua calma sofreria um pequeno abalo e aumentaria quando a ambulância veio para transportá-lo. Não, não, isso não, ele iria dizer, mas os dois enfermeiros já o haviam colocado sobre a maca, enquanto a mãe dele repetia sem parar: coração meu. Coração meu. Ele olharia para você como para dizer: Não vem para me ajudar? O dia distanciava-se. Os olhos dele também. E estava sobre a cama. E logo vinha a mãe, e ela se inclinava para beijá-lo, dizendo não ser nada. O médico, a enfermeira e as primeiras injeções. E tudo parecia desaparecer num repente. Menos o grito dele. Menos um cheiro estranho que permanecia no ar. E já não era o homem de seu todo divino. Apenas a respiração mantinha-se suspensa, quase aflita. A cabeça estirada para trás como a buscar a visão completa do passado. Sangue, sangue, preciso de sangue. Os olhos da mãe estavam esclerosados, mas seus pés moviam-se com agilidade. Ela não podia resistir àquela visão. O médico a tranqüilizava. Uma simples questão de transfusão. Ela teria gritado com ele, se a voz do filho não surgisse novamente: Sangue. Quero muito sangue. Você iria acariciar os cabelos dele.

Ele sorria por alguns momentos e você pensaria numa manhãzinha de neném. Mas agora a voz se fundia no ar: Sangue, preciso de sangue, quero mais sangue. A mãe se levantou e bateu à porta. Dentro em breve haveria uma reunião de médicos. Trocariam opiniões. Examinariam. Se consultariam. Dentro em breve anunciariam uma nova transfusão.

O sangue caindo na veia.  
A veia a vida o frasco.  
Um doador de urgência  
Um rapaz de certa clemência.  
Os olhos dentro da gota  
A gota dentro do plástico  
Passando lentamente.



A mãe olhava para ele enquanto as gotas caíam lentamente. Pobre filho. Você vira-lhe as costas e sai mansamente. Teria que aliviar-se, respirar um pouco de vida cá fora. A voz dele vinha pelas paredes: Sangue. Quero sangue. Preciso de muito sangue. Veria, então, um rapaz sendo carregado com o corpo perfurado, algumas feridas abertas no peito. Os homens que o transportavam diziam: Depressa. Depressa. A voz do seu marido chegava pelas paredes: Sangue. Sangue. Quero muito sangue.

- Não vai dizer nada?
- Olha a chuva na vidraça.
- Ainda não disse uma palavra que a identificasse.
- Às vezes me pergunto por que estou aqui.
- E por que não haveria de estar?
- Vê como não digo coisa com coisa.
- E daí? O sentido é que importa.
- Talvez.
- O que deveria ser bem importante para nós?
- Não sei, talvez a noite.
- Você não deveria deixar-me nunca.
- Poderia ser bem assim.
- E por que não?
- Quem sabe faremos essa noite eterna.
- De vez que a eternidade não nos aborreça.
- Hum hum.
- Vai calar novamente?
- É que observo aquele cão.
- O que tem ele?
- Está percorrendo a rua de um modo diferente. Veja como ele pára em todas as partes.
- Isso é extraordinário?
- Ele faz o reconhecimento do lugar.
- Como um guerrilheiro?
- Como um cão.
- Sim?
- Sim. É como um aviso para os outros cães.
- Certamente.

- Ele faz um comunicado que o bairro lhe pertence.
- Verdade?
- Não acredita?
- É que eu nunca poderia supor que você fosse entendida em cães. E os outros?
- Os outros obedecem e respeitam.
- Um líder?
- Um líder que faz as leis. Veja como aquele outro passa com o rabo entre as pernas.
- É um pobre coitado.
- Isso é o sinal de que ele acatou a decisão do outro.
- E nunca brigam?
- Certamente, quando há desrespeito pelo código.
- São organizados então!
- São humildes.
- Isso tudo é muito interessante.
- As vezes a humildade me irrita.
- Na verdade não gostamos muito dos humildes.
- Isso é difícil de reconhecer.
- Agora basta. Venha para a cama.
- Não é preciso muita coragem para isso.
- Venha então.
- Estou indo.
- Gostaria de conhecer sua história.

Um desejo de fazê-lo sorrir. Mas a mãe dele estava alta como uma sombra, sentada ali, bem perto, tendo as mãos dele entre as suas. E outro lado beltrano, abano, barbusano, babano, calomelano, carcamano, aciano, Damiano, Abelino. Alto conselho. E a mestra achava de dizer que ele estava-se recuperando rapidamente, que tudo andava bem, que dentro de poucos dias deixaria o leito e recomeçaria o trabalho na agência bancária. Um desejo de fazê-lo sorrir. Houve então um leve prenúncio de piada e todos riram. A mestra cochichou no ouvido dele, mas em verdade não passou de palavras cochichadas ao ouvido, porque os lábios dele se moveram. Ela, então, jurava que era sério com piadas e que quase nunca achava graça mesmo, mas que estava ótimo e andava bem equilibrado. E falando assim, tentava atingir sua presença, que ficara muito atrás em uma cadeira. Você queria ajeitar a coberta sobre os joelhos dele, pedir que parassem com a conversa, fazê-lo sentir a vida de outra maneira. Mas, era o medo. O fantasma da presença do ciciano e da mestra. Estava sendo vencida pelo silêncio. E ele trazia a amargura nos olhos. A boca fechada. Os olhos abertos. A mão pálida. A gota a gotejar sangue. E estava manso e indefeso como um bebê. E, no entanto, forcejava algumas palavras, movimentava aquela aridez dos lábios, quase num sussurro. E ainda era ela quem se curvava solícita para ouvi-lo, muito embora os olhos dele estariam postos em você. Ouvira alguma coisa ou não ouvira? Ele continuava tentando falar, falar, falar. E assim, conforme a mulher faz com o marido, você se levantou e se colocou bem perto dele e pôde entender alguma coisa como árvore, sol, flores, rua, casa, e já corria a abrir a janela de par a par, e o sol

entrava rápido, e se via uma árvore toda inteira, e se via um pássaro pousado nela com todos seus movimentos, e se via que o sol brilhava de um lado e a chuva caía de outro, e se via o áspero verde das folhas e o vermelho das flores, e se via que a mãe dele veio correndo fechar a janela, dizendo ser loucura, que o sol magoava os olhos dele, que a brisa lhe fazia esfriar. Então não se sabia para que lado olhar, se para as gotas caindo vermelhas ou para o rosto dele se apagando, ou se para os olhos dele, agora fixados no tubo de borracha, e logo se ouviria um barulho, uma coisa quase que sobrenatural, e a voz dele cairia como uma descarga elétrica dizendo palavras desconexas e conexas: Sangue, quero sangue, sangue é vida, muito sangue. Quero sangue. Sangue. Sangue.

- Não se fala mais?
- O silêncio diz muito.
- Não vale. É frase feita.
- Tento representar uma comédia.
- Com risos?
- Isso mesmo. Vamos rir?
- Está pensando em algo engraçado?
- Vejo-me projetada naquela parede.
- Acho que posso ver também. Você é menina.
- Franzina.
- Franzina e meiga.
- Estou triste.
- Porque guarda um segredo.
- Certo.
- Já não guarda mais o segredo e conta para a mãe.
- Repita novamente, dizia a mãe.
- Seu pai achava que você mentia.
- As tias também.
- Mas sua avó acreditou em você.
- O pai castigava-me.
- Você era humildezinha por isso não se defendia.
- Chorava e pedia para morrer.
- Mas você não morreu.
- Não.
- No fundo, queria mesmo era ser acreditada.
- Quería.
- Ouvia vozes estranhas falando ao seu ouvido.
- Ouvia.

- Resolveram provar a verdade e seguiram com você pelo bosque, e lá no alto de uma colina, por onde corria um riacho você parou e disse que era ali que vira a santa chorar.
- Ficaram espantados.
- Logo caíam de joelhos gritando milagre, milagre, pois um cego recobrava a visão e um aleijado andava sem muletas.
- A notícia se espalhou.
- Seguiu-se uma romaria, varando dias e noites.
- Estabelecia-se comércio. Compra e venda.
- A aldeia se transformava.
- Vários hotéis se abriam do dia para a noite.
- Do chão brotava uma fonte jorrando água cristalina.
- A Fonte dos Milagres.
- Gente chegando em caminhões.
- A pé.
- Em carroças e carros.
- Todos queriam conhecer a menina que permanecia escondida.
- Jornalistas.
- Radialistas.
- Homens de Televisão.
- Do cinema.
- A família saindo em retratos nos jornais.
- A cidade criava fama.
- A menina permanecia escondida.
- Agora tudo está desaparecendo.
- A parede volta a ser parede novamente com suas flores brancas.
- No entanto, você continua a rir como louca.



Olhava para as mãos dele como sempre. Havia o cansaço das veias. E o corpo caía num abandono. Havia alegria naquele rosto. Um riso iluminado como se estivesse disponível para qualquer coisa. Brincar de rodas, ou colher flores, ou ter medo de pássaros. Tinha-se a impressão de que ele nos fazia cair em sucessivos enganos. Estaria bom? Já não gritava mais. Nem tentava mover os dedos. De repente, você achou que devia aproximar-se dele e tocá-lo. A boca um tanto aberta, os olhos quase fechados. Parados. A pele um tanto quanto esbranquiçada. As veias azuladas deixando visíveis os pontinhos pretos. Você abriu a boca para chamá-lo e estava chamando-o. Mas afinal, a verdade era aquela. Não podia escondê-la. Abrir a boca para gritar, mas a mãe dele colocaria a mão sobre seus lábios dizendo: Está dormindo. Dormiu agora pouco, deixe-o descansar. Essa interrupção perturbou todos os seus sentimentos, e se quisesse dizer mais alguma coisa, ela não consentiria. No olhar dela não havia dúvidas, só certezas. Sim, ele dorme. Deixe-o em paz. Ela esperava que você risse ou mesmo gritasse. Mas, tudo quanto pôde fazer foi reprimir um soluço. Chegou para junto da janela desejando abri-la, mas ela lhe dizia: Não se pode abrir a janela. A corrente de ar certamente não lhe fará bem. E mais uma vez, o rosto dele transmitia um riso diferente. As primeiras moscas chegavam brejeiras, e não se fazia um gesto para espantá-las. Foi então, que o telefone tocou e você iria segurá-lo sem saber ao certo o que responder, mas a senhora já dizia satisfeita: Ele está bom, vai passando muito bem. Você contemplava aquele rosto que parecia sorrir. E as horas iam passando e a cor dele mudava do amarelo para o branco, o nariz afilava, as veias

se neutralizavam. Outras moscas chegavam e agora faziam pouxada no corpo. Enquanto isso a mãe atendia à porta dizendo que ele passava bem. Você queria se livrar do frio que lhe percorria a espinha. Tentou uma bebida ou um café, mas ela apontava-lhe a cadeira. Assim, as duas, uma defronte da outra, olhavam por sobre o corpo estendido na cama. As palavras não tinham sentido. Você pensaria que na família devia haver uma secreta loucura. Mas, ela parecia dona de uma razão inquebrantável, e por pouco você não seria levada a crer que ele dormia simplesmente. Nada existia além do corpo decompondo-se a cada minuto. É preciso avisar a funerária, você diria reunindo coragem. Daqui a pouco começaria a feder. A mãe fingiu não ouvi-la, e erguendo-se com o peso de sua dignidade começou a contar histórias do filho. Enquanto ela falava você imaginava-o crescendo ao lado daquela mulher e o rosto dele parecia alegre, triste, infeliz. Sua existência estaria resumida em obedecer. Figurava ao lado dela como sombra. Ele era um menino vivo demais. Deixava as professoras embaraçadas. Fique calada, minha querida, não me interrompa. Cresceu ao meu lado. De repente, estava moço, forte e bonito. E achou você. É tão engraçado, no meio de tantas, achar logo você. Fique calma, minha querida, do contrário poderemos despertá-lo. Ele está morto. A senhora poderá compreender isso? Ele morreu. Foi pena ele ter que assinar os papéis do casamento. Eu bem que lhe abri os olhos, pobre filho. Ela fazia ainda com paixão. Recordava-o em todos os sentidos. Falava do sarampo dele, e da caxumba, que dera trabalho dobrado. Você ia despertando aos poucos com uma música instalada nas narinas. Fedia então. O corpo dele começava a exalar um cheiro terrível e a impregnar o quarto, a cama, os objetos. Apanhe o vidro de perfume, ordenaria ela, e você obedeceria. Agora havia predominância de perfume, mas de vez em quando um odor quente entrava pelas narinas. Algumas pessoas passavam pelo corredor como a procurar alguma coisa. Você esperava que batessem à porta. Correu a abri-la. A senhora nos desculpe, mas estamos sentindo um cheiro horrível. A mãe, sem maiores explicações gritaria, fora, fora, vocês não sabem de nada, querem saber mais do que eu? Ele está dormindo, vão acordá-lo com suas vozes nojentas. Mas, alguém já tocava o telefone, e outro alguém chamava na campainha, e dois enfermeiros acompanhados de dois outros homens entraram no quarto. Ela gritava ainda: fora, fora, tirem as mãos do meu filho, ele está dormindo.

- Que vai fazer?
- Abrir as janelas.
- Está sentindo calor?
- Você ouviu, não ouviu?
- Não me recordo muito bem.
- São os ruídos novamente.
- Possivelmente o gerente do hotel.
- Não, estes ruídos vêm lá da rua.
- Sente-se, e espere um momento.
- Não consigo.
- Você não repousa nunca?
- É que eu não contava com isso.
- Com isso o quê?
- Com essa noite.
- Não haverá nada além dessa noite?
- Havia uma mulher e um homem e um menino e uma casa e eu.
- Bravos, até que enfim vou ouvir sua história.
- É a história de todos.
- É estranho, mas é a verdade. A história de todos.
- Exatamente. E daqui a pouco estaremos afastados um do outro.
- Também isso é verdadeiro.
- E tudo voltará ao normal.
- E se ficássemos juntos?
- Nada nos liga a não ser esta noite. E no entanto eu gostaria de viver ao seu lado.
- Podemos discutir o assunto.

- Não haveria argumento. Tudo iria por terra.
- Não há necessidade de responder imediatamente.
- Não pensar o que dizer, eis a questão.
- Você deveria dizer algo importante de sua vida. Alguma coisa que ficasse comigo.
- Vou abrir a janela é preciso ver a noite e sentir o ar lá fora.

Todas essas pessoas cada uma delas numa farsa algumas estão sentadas outras observam sempre cuidam das flores das lágrimas dos gritos amanhã não haverá mais lágrimas trago agora o coração aberto embora todos olhem de esquelha e a mãe dele me dita normas de conduta a todo instante vou abrir essas janelas de par também esta casa todos os cômodos vou abri-los sem olhar para trás e sem dar satisfação desejo sentir o sol muito sol e muitas cores e muita luz mas o que é uma vida afinal mas o que é a morte afinal e agora todos conversam e comem e tomam café com bolachas e falam de negócios das cotações da bolsa de valores e os clientes do banco começaram a chegar e olham e espreitam e se dizem pesarosos e falam logo em seguida de cheques e contracheques e eu estou no meio dessa massa anônima que se assemelha a um amontoado de ratazanas mal nascidas e amanhã não mais existirei para eles e a mãe dele chora e tem um leve desmaio e todos a acalentam e oferecem-lhe chá com uma droga para acalmar e a confortam com palavras e ela sempre a me devolver o olhar como a pedir minhas lágrimas e minha revolta e no entanto me vem a vontade de rir e estou rindo mesmo até rolar pelo chão e agora me acodem também como se precisasse de médico e me levam para a cama e quando me carregam um dos rapazes aproveita para passar a mão pelas minhas pernas e me volta novamente a vontade de rir de continuar rindo até me desfazer e assim eles iriam observando esta agonia dissipar-se lentamente enquanto a mãe dele se transforma numa centelha viva de lamentações arrebanhando para seu lado um grupo de mulheres austeras que daí em diante passariam a me olhar com severidade e a proferir

palavras de reprovação e eu não iria suportar por muito tempo essa espécie de sorte assim enquanto as pessoas se punham em fila para dar os pêsames eu escancararia a porta de par a par acenderia as luzes dando um urro ou um uivo ou um grito perdido para além da cidade e aí então me sentia como uma atriz representando papel para uma platéia apatetada e feliz ao mesmo tempo em que atirava a primeira pedra e já a mãe tapava-me a boca e as outras mulheres me seguravam pelos braços e pernas e me levavam para o andar superior e me mantinham encerrada e eu ficava pensando que isso era impossível e a história se repetia como os dias de muito ciúme do meu marido quando ele me deixava presa no quarto e eu ficava na mesma posição até a volta dele e ele não acreditava em mim e revirava o quarto de cabeça para baixo em busca de alguma prova que me condenasse e eu mantinha a cabeça levemente jogada para trás e os cabelos caíam pelos ombros e nem mesmo essa atitude de santa conseguia devolver-lhe a calma às vezes me deixava com um único vestido velho e uma capa de chuva e era uma delícia sair na chuva só com a capa por cima da pele e ter os cabelos molhados e um jeito de me mostrar quase nua e reparar como os homens me olhavam com um ar de prazer e de cobiça e de mofa e assim eu andava feliz olhando a natureza e os carros diminuía a marcha e quase paravam e eu ouvia convites os mais diversos desde os mais delicados até os mais grosseiros e eu observava que a maioria dos homens eram clientes do banco e não me conheciam naquele momento ou fingiam não me reconhecer e já no outro dia e em outra festa beijavam minha mão com muita suavidade como a pedir desculpas pelo beijo e me olhavam com muito respeito só por causa do meu penteado do meu vestido longo e de minhas jóias e eu tinha vontade de rir mas passava por eles dizendo baixinho as mesmas palavras que eles me disseram como pobre passarinho molhado de chuva quer meu agasalho ou venha se esquentar comigo na cama ou deixa-me enxugá-la com minha língua e meu fogo mas meu marido sempre muito sério e se fazia acompanhar de um senhor gordo de bochechas rosadas que falava sempre na alta e na baixa do dólar das últimas cotações que tinha tido noites de insônia nesses últimos dias mas continuava a comer sempre empurrando com a mão pedaços que sobravam pelos cantos da boca e eu procurava ver de uma janela novas paisagens mas não havia nada para se ver a não ser pedaços de outros edifícios e muito distante umas casinhas que se perdiam de vista e eu pedi um binóculo mas continuava a não ver nada de especial a não ser homens mulheres e crianças parados na porta das casas quase

sem poder entrar por causa do calor e não se notava alegria nem tristeza nem mesmo o mover dos lábios por isso mesmo não se tinha a certeza se conversavam ou não uma senhora muito gorda e muito esperta procurava lembrar uma história interessante para me contar e eu achava mesmo que era a história da vida dela e tinha sempre uma pena dela mesma por ser viúva e fiel e fugia às tentações mas acabava por me revelar um lugar discreto frequentado só por pessoas da alta e que o nome dela estava em jogo e que reputação não era coisa de se jogar fora assim sem mais nem menos mas o que estou fazendo eu presa neste quarto lá em baixo um cortejo se forma e a mãe dele grita desesperadamente e o carro começa a movimentar-se e posso notar que muitas pessoas discretamente tapam o nariz com a mão e algumas usam o lenço e outras chegam mesmo a esconder o rosto na gola do vestido ou do paletó e eu esmurro esta porta e peço para sair e ninguém me ouve o cortejo começa a sair e os carros desfilam lentamente alguém olha para trás e me vê na janela e aponta com o dedo e conversa com outras pessoas mas depois entram no carro e se vão e era a mãe dele quem dizia que depois que eu me casei me tornei outra que a ovelha mostrava as garras e que seu filho pobre inocente fizera de mim o que não merecia e agora ela é bem capaz de dizer que fui eu quem lhe causou a tal doença e me lembro que logo nos primeiros dias de casados ela veio me propor para dormirmos em quarto separados que seu filho poderia fazer as visitas noturnas três vezes por semana e que ele estava acostumado a ser tratado por ela e não gostava de ser incomodado à noite e eu fazia de conta que não entendia muito bem o que ela estava dizendo e ela se roía de ódio e me dizia uma porção de desaforos e batia a porta com muita força e quando me dava na veneta eu colocava uma roupa de dormir e dançava ali bem em frente os olhos dela e do filho e rodopiava erguendo a camisola e me punha na ponta dos pés e corria para cá e para lá e ela ficava espumando pelos cantos da boca e dos olhos e me chamava de desavergonhada mas ele dava risadas e dizia que se tratava de uma criança caprichosa e então eu subia em cima da mesa e fazia pose de Messalina e me punha muito lânguida e muito séxi e corria em seguida para o quarto e o esperava na cama e quando finalmente ele chegava eu estava fria e incomunicável e ele começava naquele lambe-lambe e aí eu tinha a certeza de que ela estava atrás da porta tentando ouvir alguma coisa e então eu rosnava como uma gata no cio e uivava e me agarrava a ele e ele dava risadas e roncava como um porco e rolava pela cama e no dia seguinte a mãe dele tinha ares de



quem passara mal à noite os olhos muito abertos e com olheiras bem visíveis e eu lhe dava os bons dias radiante de luminosidade e ela fingia responder e entrava no meu quarto e examinava a cama e os lençóis e dizia que ela mesma iria ocupar-se da arrumação do quarto dispensando a criada e eu ficava sentindo o cheiro dela cheiro de mulher limpa misturado com um perfume que exalava sua pele e no rosto podia-se notar uma estranha máscara feita de cremes e tinha os dentes muito brancos e afiados como se estivesse prestes a me morder e por uma ou duas vezes tive a impressão de que iria fazê-lo mas agora depois da morte dele ela causava-me a impressão de um girassol murcho e digo isso porque a vejo entrar por essa porta e me ordenar que vista o vestido preto que ela trouxe e que ela iria cuidar de tudo que eu me mantivesse o mais afastada possível e que achava estranho que eu não emagrecera nem uma grama e que meu rosto continuava formoso e não demonstrava o menor sinal de fadiga nem de sofrimento e ela me fitava de longe como se eu fosse atacada repentinamente por uma estranha doença e se afastava nuns passos tão rápidos que provocou uma deslocação de ar dentro do quarto derrubando uma estatueta que estava por sobre o criado e no dia seguinte ela iria voltar para dizer que eu deveria me confessar para a comunhão no dia da missa do sétimo dia que ela já havia falado com o Padre Pedro e que ele achava a idéia excelente e eu fui dizendo logo que detestava essa história de estar contando fatos e boatos no ouvido do padre e até achava isso um tanto de cretinice da parte dos outros e ela me olhava cada vez mais distante com enorme desprezo e dizia que eu não tinha o direito de fazer o que dava na minha cabeça e que era bem melhor obedecer às ordens dela e eu notava pelo mover de seus lábios que era coisa séria por que aquela tal espuma começava a aparecer no canto dos lábios e ela falava nos antepassados fazendo levantar do túmulo parente por parente e apresentava-os num ritual estranho como se eu nunca tivesse ouvido falar no nome deles e eles me apareciam como fantasmas vestindo estranhas vestimentas com os olhos muito grandes e a face muito pálida e cantavam uma canção estranha como a me advertirem sobre o nome da família e repetiam sempre o nome da família e dançavam e me rodeavam e me faziam ver que era uma bênção carregar esse ilustre nome nas costas e passavam as mãos pelo meu rosto pelo pescoço e acabavam percorrendo o corpo todo e eu tremia de frio e pavor e eles gargalhavam e davam voltas à maneira dos índios e formavam fila e davam as mãos e me deixavam no centro da roda e a mãe dele ria muito do meu pavor e falava cada vez mais

alto deixando-me completamente atormentada mas de uma coisa ela tinha certeza é de que nunca me faria um deles de maneira que ela repetia mil vezes o nome da família e mil vezes eu me negava a recebê-lo para mim tinha pouco valor e agora que os mortos voltaram para suas tumbas eu deixei que do meu corpo exalasse aquele cheiro horrível mas nas narinas ainda ficavam um fedor de doer até os ossos mas não deixei cair de meus olhos sequer uma lágrima para o espanto dela e ela antes de se despedir me jogou na cara o que estava dentro de sua garganta inchando seu pescoço de bruxa agourenta e já eram quase duas da madrugada e meu vestido estava sendo levantado pelo vento e era um desses vestidos finos e foi que ela olhou para o pedaço de perna que estava aparecendo e disse à viva-voz que ia me transformar numa puta é o que ela estava achando e que tinha esse direito de achar e que do túmulo o seu filho e os parentes haveriam de me deitar uma maldição e que eu já deveria ser puta antes mesmo do casamento e me olhava de longe como se temesse uma contaminação e repetia pobre filho pobre filho casar com uma puta uma puta uma puta.

- Você está dizendo alguma coisa?
- Nada de importante. Acho que sonhei um pouco.
- Sonhar faz bem.
- Não sei, às vezes me repugna.
- Está triste?
- Não creio. Estamos vivendo bons momentos.
- Gostaria de revivê-los sempre.
- Basta voltar a esse apartamento de vez em quando.
- Como farei para encontrá-la?
- Estarei em cada face desses objetos. Dentro da jarra, debaixo do tapete.
- Terei então uma boa razão para voltar aqui.
- Você está anunciando o fim do nosso encontro.
- Já entramos num novo dia.
- As ruas estão mortas.
- Vão renascendo devagar.
- Certamente.
- Eles já foram embora?
- Só as crianças e os velhos. Os mais novos perambulam por aí.
- Agüentarão por muito tempo ainda?
- Não creio.
- Por quê?
- Perderam a voz e o entusiasmo.
- Certamente não crêem muito em suas pregações.
- Certamente.
- Deixaram bastante sujeira por onde passaram.

- Não tarda muito e os garis virão varrê-las.
- É tarefa para os garis.
- Eles compreendem o papel das elites.
- E não reclamam.
- Nem fazem greve.
- Veja, lá estão alguns dos rapazes.
- Continuam mudos.
- Parecem fatigados.
- Desiludidos.
- É o fim da festa.
- O fim.
- Eu também deverei regressar.
- Irei dizer-lhe adeus na estação.
- Talvez no aeroporto.
- Haveremos de nos ver novamente.
- É bom ter essa certeza.
- Chega-se a mim, você está tremendo.
- Sinto frio.
- Começa a chover.
- Sinto-me bem na chuva.
- Você me lembra um pássaro molhado. Esse cheiro em sua nuca, em seus cabelos.
- Um pássaro na chuva.

Sou eu e ele. Sou eu e ele. Sou ele e eu. Ele é pequeno. Pequeno e tem as penas molhadas. Trago-o na palma da mão, com cuidado, um tanto fechada como uma concha, uma leve pressão sobre o corpinho dele, que treme todo. Ele e eu. Eu e ele. Os dois molhados de chuva. Corpos de pano e pena e verde. Corpos caídos. Molhados. Eu e ele entrando na casa, passando pela sala, deixando um rastro de chuva por sobre as escadas, o tapete. Ele e eu aquecidos por toalhas limpas. Lisas. Eu e ele conversando. Ele abrindo o bico para não ficar mudo. Ele e eu descendo novamente as escadas, juntinhos. Ele e eu e a mãe e o marido. A criada anunciando o jantar. As risadas do marido. A voz dele enchia o ambiente naquele momento, falava de um canário belga que mandaria buscar, que aquele pássaro era comum demais, sem graça demais, que o canário belga viria para alegrar a casa. Eu e ele. Ele dentro da gaiola, um tanto triste, um tanto preguiçoso, um tanto medroso por causa dos gatos que rondavam o ambiente. Ele e eu. Cobri a gaiola com um pano verde por causa da claridade e por causa dos gatos. A mãe dele olhava tudo dentro de um silêncio, só dela. Que loucura, molhados de chuva. faz mal e o pássaro é um capricho de menina pobre. Que loucura. Eu e ele. Dava-lhe comida no bico. Eu e ele. Beijava-o nas asas, no bico. A risada forçada da mãe dele contando um caso da última reunião social. Ela faria o sacrifício de tolerar fulana de tal o marido dela, a mãe e os parentes. Mas, havia sempre uma questão a desvendar. Ele seria casado mesmo com ela? A risada forçada da mãe dele dentro da sala. O marido repetindo a tal história do canário belga. Ele e eu dentro da gaiola.

Você e o pássaro verde  
Você e o cinzaverde  
Você e o pássaro  
O olho na gaiola  
A vida lá fora  
O verde lá dentro  
O amarelo cá fora  
A vertiginosa existência.  
Você e o pássaro  
Passam.

Você sabia apenas que gostava daquele pássaro. Tratava-o com cuidado. Fazia tudo para vê-lo alegre. Mas o marido repetia sempre a história do canário belga, e a mãe fazia cochichos na orelha dele, e ele dava risadas. "Que há mais por dizer?" dizia ela olhando para dentro de si mesma. "Não lhe faça caso, filho". Talvez o pássaro seria algo sério na vida deles, assim como um ser estranho que crescesse em alguma parte do corpo sem pedir licença. Um pássaro crescendo dentro do corpo deles, deveria ser essa a razão. Talvez essa realidade lhes fugisse pelos olhos, mas ela existia. Como imaginar de outra maneira? O olhar da velha, a risada do marido. Eu e o pássaro. Poderia ser um jogo a quatro. Alguma coisa séria. Podia-se pensar. De repente, zás. A escuridão. Absorvente. Convicente. Confidente. A brandura do boa-noite, passar-bem. O quarto. A cama. O jogo do amor. Mas alguma coisa estranha pairava pelo ar. Era como se você gritasse gritasse e se visse suja de lama e sangue. Um pesadelo. O pássaro. Você se lembraria logo dele e correria pelas escadas, os pés nus, a cabeça inclinada. A princípio foi a gaiola vazia, a portinhola aberta, o pano verde jogado a um canto. Alguma coisa voava pelo ar. Algumas penas. Outras no chão. Outras mais adiante. Uma aqui, outra ali, outra além. E você tremia por todo o corpo e seu rosto tinha uma cor estranha, e o corpinho dele estava ali e você tinha uma visão completa da cabeça que fora decepada e que estava ao lado, como uma peça incompleta, agora que lhe faltavam os olhos. Você teria gritado ansiosa, quase estrangulando a própria voz. Ou teria sido de outra maneira: Ninguém poderia dizer-lhe nada ao contrário. Era como ter certeza. O sonho. O som que anuncia



desgraça. Você correndo, seminua, pelo corredor, descendo as escadas, gritando pelo pássaro. Era um grito de amor de menina-moça. De repente, começaria a olhar. A gaiola vazia. Olhava. Continuou olhando. Procuraria sempre. Teria fugido certamente, o ingrato. E então, a descoberta da primeira pena, de outras mais, e mais adiante, o corpo inteiro, frio como uma estátua de gesso. Os olhos fechados, o bico aberto, a cabeça ensangüentada. "Pobre pássaro". Você diria baixinho. "Pobre pássaro". Ou teria sido ainda de um outro modo: Você acordaria no meio da noite. Tinha o rosto contraído e um enorme pavor dentro do peito. Olharia para seu marido que dormia, para os móveis, os objetos, via monstros por todos os lados. Tentaria acordar o marido, puxando o braço dele, mas era inútil. Levantar-se-ia num ímpeto. Andaria dentro do quarto sem ter coragem para sair. Alguém teria batido à porta? Ou fora imaginação sua? Sim, agora tinha certeza. Leves pancadas. Três leves pancadas à porta. Passos rápidos que se afastam. Depois, tudo era silêncio. Ruídos novamente. Roedores ou gente? Pés leves. Lépidos. Ligeiros. Três batidas. Você deveria ir abrir a porta e já o estava fazendo. Você se retesou inteirinha. Seu olhar encontrou o pássaro estrangulado por um barbante. Você gritaria. Gritaria. E continuaria a gritar por muito tempo ainda.

- Alguém está subindo a escada.
- Deve ser o gerente.
- Vem-nos avisar que nosso tempo terminou.
- Fingiremos não ouvi-lo.
- Estamos dormindo.
- Ele deixará de nos amolar.
- Quererá cobrar o restante das horas.
- É bem possível.
- Ele continua batendo.
- Não estamos ouvindo.
- Agora se retira .
- Deve estar indignado.
- Ficaré contente quando receber mais dinheiro.
- Dinheiro.
- Quem sabe ele nos ouve atrás da porta.
- Nesse caso vamos falar mais alto.
- Ele se cansará logo.
- Talvez fosse melhor a gente falar baixinho.
- Não adianta. Ele ouvirá da mesma maneira. Esse velho tem um enorme poder de audição.
- É uma coisa terrível.
- Mas é a verdade.
- Agora ele se retira.
- Com a certeza da vitória.
- Haverá de receber seu dinheiro.
- Ele deve ser o portador da chave.
- Quererá recebê-la de volta.
- Afinal, tudo se reduz a isso.

- Me parece que havíamos sonhado.
- Você sonhou.
- Sim?
- Gostaria de conhecer seu sonho.
- Foi um pesadelo. A chave não virava na fechadura. Era grande demais, fora de época, e nós dois ficamos do lado de fora.
- A luz havia-se apagado. A cidade agitava-se.
- Os gritos continuavam.
- E nós com uma chave encrencada na porta.
- E o velho correndo a nos cobrar o horário do hotel.
- Parou assustado quando nos viu tentando abrir a porta.
- Mas ficou de longe dando pancadas na parede.
- Para nos chamar à atenção.
- Apontava sempre para o relógio no pulso.
- Era um enorme relógio.
- Um relógio incrível.
- Isso mesmo, depois se foi.
- Mas antes nos jogou outra chave.
- Finalmente entramos.
- Mas ele continuou a rondar por perto.
- Será que nos ouviu?
- Certamente.
- Deve ter ouvido de radar, esse danado.
- Sobe as escadas novamente.
- Deve estar vencendo o segundo horário.
- Fique quieta. Estamos dormindo.
- Nada ouviremos.
- Vai começar a bater na porta.
- Três pancadas de leve.

Sentia a noite mais que a cidade. Não a noite de todos. Mas uma noite que somente você entenderia. A essa mesma hora a mãe dele costumava chamá-la para o chá da noite, a doce criatura, e ficava por ali, rondando, numa contemplação beatífica, como se você tivesse vindo do mundo dos mortos. Mas a sua noite tinha um gosto de mofo. Tudo azedava ao seu redor. Cautelosamente, ela dirigia-lhe a palavra: Você está maravilhosa. Esperaria ainda um minuto antes de se levantar e correr para o jardim, agitando a casa e os cabelos e as gargalhadas dela. Você respirava as estrelas e o cheiro de terra úmida. Corria ainda uma vez e parava para arranhar a terra molhada. A mão no nariz. A terra sobre o nariz. Respirar. Lambuzar-se de terra como o urso velho do zoológico. E novamente voltava seu sonho. O sonho da sua noite. A noite inteiramente sua. Não era propriamente um sonho. Havia uma aura que se formava em volta de si mesma. A realidade onde começaria? E no entanto, entretanto, adentrando a uma outra realidade. Tão distante. Distanciada. Sua mesma alma. Seu mesmo rosto. O mesmo quarto de dormir. A casa onde habitava. O quarto de dormir apresentava-se todo por inteiro, com suas paredes nuas manchadas de sombras que você identificava como animais estranhos e fantasmas, e aquela janela que se abria para o quintal de folhas verdes. O cheiro de mijo. O seu cheiro ou o do quarto? Você está acordada no meio da noite. Os olhos abertos para os fantasmas que saíam das paredes, debaixo da cama, do teto. E enquanto o medo paralisava suas pernas, sua mão buscava comunicar-se com a mãe. Aquela busca tinha o tempo da eternidade. Onde estaria ela? Você ficava pensando em encontrar logo a mãe e contar-

lhe dos fantasmas. Mas onde estaria ela? Vazio. O lugar vazio. Frio. Colocava, agora, a mão entre as pernas fazendo um enorme esforço para segurar o mijo. E no entanto, e entretanto, ouviu ruídos. Gemidos. Estaria sua mãe com medo? Com muito esforço e com aquela chamazinha de voz falou: "mãe". A mãe continuava gemendo. "mãe". E então veio pelos ares o som da voz do pai, tão distante, tão perto, tão estranha: Vire para lá e durma, menina. Os gemidos continuariam por algum tempo ainda, mesmo quando o mijo descia apressado por entre suas pernas. E agora, as vozes desapareciam, e restava apenas a sua. Você podia correr como uma louca ou simplesmente ficar sentada numa poltrona. Fitou a porta e alguma coisa irrompeu dela. Acendeu todas as luzes ao mesmo tempo que soltava um grito dirigido para o lado das grandes chaminés. Com muito carinho tirava o vestido preto e vestia um outro de seda e com flores. Você sairia pelas ruas, examinando os próprios pés, descalços, como se fosse necessário examiná-los. Chove, disse alguém que passava. Mas, o que seria a chuva? Outra pessoa diria: É domingo, mas que importância teria o domingo para os outros? Para você havia uma festa. Não olhou para os lados quando entrou numa rua. Gente debaixo das marquises. Essa gente! Então essa gente tem medo de chuva? E se amontoavam e não conversavam e olhavam a água escorrendo do telhado. Eles ficavam de espectadores. Braços cruzados. Bocas fechadas. Veja! Parou de chover. Voltavam a correr apressados. Alguns paravam nas bancas e compravam jornais e revistas. Andavam novamente, davam esbarrões, se desculpavam. Todos estavam com uma desordem costumeira. Seria segunda-feira? Era você mesma quem estava parada no meio da rua olhando para um rapaz de cabelos compridos e olhos de Cristo. Então o rosto dele era sereno. Ele bem que poderia ser um pássaro. Mas, com os pássaros você sempre sabia dizer as coisas. O que dizer agora? As horas. Por favor, as horas. Vou dar uma festa em minha casa você quer vir?

- Ei, não vai dizer nada?
- O velho já se foi?
- Já.
- Mas voltará.
- Certamente.
- Então, já teremos decidido partir.
- Deixar esse quarto.
- Você é muito sensível.
- Creio que sim.
- Acredita na alma?
- Que importância tem isso?
- É que pensei que a felicidade estivesse ligada a ela.
- Ter alma ou não pouco importa.
- É que você me deu momentos de felicidade.
- Melhor seria que a alma não existisse.
- Por quê?
- Seria uma preocupação a menos.
- É verdade.
- Que importância poderia ter a alma para o homem que passa a vida toda sofrendo misérias?
- Pensei que você jamais pudesse raciocinar dessa maneira.
- E por que não? Temos que despertar dos sonhos uma vez ou outra.
- Claro. Não vale a pena estar sempre dormindo.
- Nós estamos bem acordados agora.
- Estamos.

- Então conta-me sua história.
- Oh, não. Não lhe vai interessar em nada.
- Provavelmente.
- Então esqueça.
- Estou esperando.
- Não me recordo de mais nada.
- Foi casada uma vez?
- Sim, casada.
- Cuidava da casa?
- Não era preciso. Havia criadas.
- Qual era seu temperamento em família?
- O de todas as mulheres. Regido pelo ciclo menstrual.
- Enfim, era preciso ter outras atividades.
- Enfim, era preciso acabar com esse interrogatório.



Por que tenho vontade de fazer isso? É como se eu procurasse conservar essa forma que está ao meu lado. Não entendo bem o que fazer. É um jogo e uma luta. Um impulso. E deixo-me guiar por ele, e minha mão se move, e já estou viajando, com os dedos, por este corpo adormecido. É minha maneira de reconhecê-lo. Não tenho idéias muito claras, estou um pouco confusa, por isso começo pelos pés. Enormes pés que parecem reconhecer lindos caminhos. Sigo agora pelo emaranhado de cabelos: Finos fios implantados em duas pernas sólidas. Tenho vontade de recomeçar tudo novamente e recomeço. Os pés enormes e chatos. As pernas com os fios finos. Percorro o ventre e sinto que tem algo de eletricidade. Dá-me maior gosto de vê-lo assim mover-se como em ondas elétricas. Aplico então outro sistema inventado pelos meus dedos e faço desenhos estranhos e quase que consigo uma forma definitiva para eles. Sinto o arripiar da pele. Sinto também que os bichos desenhados ganharam forma definida e saltam para dentro do quarto, e sobem pelas paredes. Apenas uma pequena lagartixa permanece indecisa e esbranquiçada. Faço um pequeno contorno em volta do umbigo. Demoro mais. Sinto vontade de percorrer aquele mesmo caminho e já o estou percorrendo. Pés. Pernas. Ventre. Pelos. Pele fina. Uma estranha geografia que ao final compõe uma admirável máquina. Aprofundo mais e mais no reconhecimento. Descubro dois pontinhos, que são como duas manchas, e brinco com e'les e parece que tudo nascia novamente no corpo dele. Sinto vontade de fazer novamente e já estou fazendo. Descubro que o pescoço é uma estranha região onde passeiam as mais terríveis dúvidas. É como uma praia aonde a onda vai deter-se e

sempre volta, e vai e vem e fica. Tento analisar aquela região de canais e pulsações e encontro um mistério pela frente. Mas, é o rosto que me detém e me atrai. Faço o contorno da boca, do nariz e sinto vontade de recomeçar tudo novamente como se alguém tivesse apagado meu desenho. Contorno com os dedos os lábios que se abrem. Volto à curva do nariz. Sinto-a dilatar. Faço mil desenhos entre os olhos e a sobrancelha. Agora me aproximo cada vez mais daquele rosto. Estou bem perto da boca novamente. Empreendo uma fuga e vou descobrir o labirinto das orelhas. Estranha concha. Tenho vontade de gritar lá dentro. Mas me contendo. Olho de perto aquele rosto estranho. Agora é o jogo puro. Não há gritos nem lamentações. Somente o prazer de estar ali, com as mãos perdidas nos cabelos dele, e penetro cada vez mais como se buscasse descobrir o abismo. Sinto o perfume que vem de longe. Agarro mais fortemente aqueles cabelos. Agora ele estava acordado e as coisas estavam em seus devidos lugares. Somente nossos corpos se incendiavam. Há uma luta que começa entre as línguas e tudo se funde e se confunde. O peso, o odor, os gemidos, a cama, o lençol, os murmúrios, a agitação incrível.

Boca contra boca  
Não havia a menor resistência.  
Corpo contra corpo  
Melhor que honras e presentes.  
Nada mais aborrecido que um leito vazio.

- Então, não tem nada para me dizer?
- Sinto-me indefesa.
- Não queria ir embora sem conhecer um pouco de sua vida.
- Minha vida cheira a mofo.
- Sinto cheiro de café.
- Deve ser de alguma fábrica.
- Tem fome?
- Esta noite não.
- E se pedíssemos uma bebida?
- Um bom vinho?
- Ou uma boa cerveja.
- Seria uma boa maneira de coroar a noite.
- Uma maneira de nos encontrarmos em um ponto.
- Você acredita mesmo nisso?
- Acredito.
- De qualquer forma seria uma realidade.
- A melhor realidade é nós estarmos neste quarto, nesta noite.
- Isso basta para nós. E os outros lá fora?
- Eles também terão a sua realidade.
- Não é tão fácil assim.
- Isso nos causa insegurança.
- Estamos seguros aqui, entre essas quatro paredes, por mais uma ou duas horas. Depois nossa realidade cairá dentro de um final.
- E tudo será passado.
- Tenho medo do passado.

- Você não deve ter.
- Como será o nosso presente?
- Há muita dúvida nisso tudo.
- Vamos entrar em outra roda-viva e sair não sei onde.
- Promete uma coisa.
- Prometo.
- Que nos encontraremos um dia.
- Seria uma nova realidade. Uma forma de manter viva a vida.
- Promete então?
- Prometo.

Estava ajustando as sandálias aos pés, quando ela falou: Vamos logo, antes que o dia chegue. Alegria foi o que senti. Ou era angústia? Não sei explicar. Não tem explicação. Na rua me sentia com a neblina caminhando comigo e com o vento batendo nos meus cabelos. Caminhávamos juntas. De vez em quando ela falava: Vamos apanhar muitos sirís. Vou levando um bom pedaço de carne. Eles gostam. Bichos danados. Já estávamos saindo do cinza e entrando no amanhecer. Aquela beleza toda que precede o nascer do sol. Caminhávamos ainda, mas já se podia perceber o cheiro da maresia. Mar manso mar. Mar bravo mar. Mar verde mar. Mar como vou te amar ou temer ou tremer.

Mar manso mar.  
Mar bravo mar.  
Mar verde mar.  
Mar como vou te amar.  
Ou temer ou tremer.

E então, era essa a sensação que me vinha dele. O mar. Depois me vinha o desejo de correr para dentro dele, ir me aprofundando, andando, sumir entre o sal, o sol e o céu. Mar manso. E aí me vinha o vômito e era como esta sensação do sonho ou semi-sonho. Não era bem o mar, talvez o horizonte, ou o sol que nascia longe demais, ou a neblina que peneirava sobre nossas cabeças ou o andar ondulante das ondas. O esplendor das espumas. Ela nem se sentava para descansar. Molhou as mãos na água e se benzeu e me mandou benzer também. Depois olhou longe como se sentisse horror daquele sol que estava cres-

cendo. Vamos apanhar siris, foi para isso que viemos. Vê se não se perde por aí a conversar com fantasmas. Estava ajustando as sandálias outra vez. Pés de areia, um ploc ploc constante. Foi então que o assovio veio, como das outras vezes, saído do mar, das ondas, da areia, da praia, do céu ou vento? O velho pescador. Ele me esperava. Ele veio. E eu já o avistava, longe, sentado como sempre entre uma barca bela, velha. Era como um adeus, e me esperava. Minhas sandálias pisavam agora uma outra matéria. Parecia de neve e não se derretia. Ele me esperava. O velho pescador. A barca bela. Velha. As mãos dele me amparavam, e pareciam endurecidas pelo tempo e pelos cortes. A barca bela. Velha. Via-se apenas a metade dela saindo em meio da neblina. Era o começo de uma vida, de uma outra vida feita de magias e mistérios. Mar. Verde. Verdoso. Mar de delícias. Mar de encanto.

Mar. Verde.  
Verdoso. Verdolengo.  
Algo.  
Mar de delícias.  
Mar de encanto.  
Mar de danças e canto.

Histórias do mar. Dos peixes. De luta. De paz. As gaivotas gaivotando. Gaivando. Grasnando. O velho pescador fez um gesto como se fosse um velho peixe. Sentei-me ao seu lado. Podia se ver longe as primeiras barcas e os primeiros pescadores mar adentro. As primeiras redes de malhas. Arrastão. Cantando, cantavam, caçavam as pontas das malhas e ajeitavam a rede. O remo. Remavam. As ondas andavam. A travessia. Maresia. Aguardar. A busca dos peixes. A isca. O ir e vir. O velho pescador falava: A casa deles assemelha-se à minha. Cheia de sol e sal. O corpo deles é como o meu. Nossas mãos são iguais. Cortadas. Marcadas de linha e luta. Endurecidas. Somos o mar. Ele falava e era como se não falasse. Sua voz sumia entre as ondas. As gaivotas silenciavam. Somente o canto dos pescadores permanecia. Eu estava perplexa e não sei bem por que falei: Gostaria de voar alto como as gaivotas. Então ele falou: É preciso fazê-lo. De qualquer modo é preciso voar para se estar inteiramente livre. Talvez meu espanto o perturbasse, ou, quem sabe, minha inocência, ou meu desejo de conhecer a vida do mar, dos peixes. Era algo excitante esperar pela voz dele. Vi seu riso complacente e senti sua mão pesar sobre a minha cabeça, e era como ouvir notas musicais. A música do mar. Eu tive dificuldade em começar a falar. A angústia nos meus olhos. Pouco a pouco,

quase sem me olhar, ele começou a falar, mansamente, como o vôo recurvo dos pássaros. É um mundo distante o mundo mar, minha menina. E eu vivo nele, como um cavalo marinho, modificado pelo tempo. Tenho, contudo, minha cauda presa no fundo do mar. Ele se levantou e eu me senti pequenina demais. Venha, disse ele. Vamos subir. Eu estava trêmula. A barca bela, velha. Entre, disse ele. Não se assuste. Eu via somente a parte primeira da barca e era quase uma coisa sagrada. Alguma coisa poderosa como um tesouro. Dourada. E ela subia e parecia que estávamos perto do céu. Passava entre a neblina. O azul. E não se podia tocá-lo com a mão. A barca bela. Agora parecia que estávamos parando. Onde? Em que lugar? O que procurava? Veja, disse-me ele. E me apontava o mar e o mar começava a crescer, as ondas a subir e a um gesto seu formava-se uma camada de água azul e se tornava transparente e se entrelaçavam e formavam-se círculos em ondas como uma dança e parecia que estavam sendo regidos por mão invisível. Era um estranho bailado que se iniciava no fundo do mar. São eles. Os cavalos-marinhos iniciando, entre as algas, sua dança nupcial. As algas pareciam que cantavam e aplaudiam a abertura da dança, e faziam medidas recurvas. Veja! Os machos e as fêmeas! Eu ouvia o som de uma valsa, divina, soprando de leve sobre as ondas. E eles, as divinas criaturas, valsavam lentamente como se fossem animados por invisíveis fios. Ele continuava a falar: Machos e fêmeas balançam-se maciamente e descrevem ligeiros hemicírculos, olham-se mutuamente, com seus olhos redondos e arregalados, e se movem, um independente do outro e mantêm a fisionomia imutável, dura, como se pequena carantonha equina fosse talhada de bronze. Agora, eu via que alguns pares dançavam de calda enlaçadas, outros permaneciam isolados, como se esperassem ser escolhidos também. A valsa nupcial dura às vezes cerca de duas horas, até que a fêmea aceita ou escolhe o dançarino que mais lhe agradou e então deixa cair no amplo saco ovígeno, que o macho possui no extremo do abdômen, uma porção de ovos, duzentos a quatrocentos. As pregas da bolsa do macho ficam coladas, salvo na frente, onde se afastam deixando uma abertura em forma de coração. Quantos ovos! Como se pode agüentar tanto. Veja! aquele macho está executando uma série de torções em hélice para receber os primeiros ovos, que irão ficar na parte posterior da bolsa. Então é ele que vai dar à luz? Certo. Que coisa estranha. Nunca pensei nisso. Vão se passar muitos dias até que o parturiente sinta que a sua hora chegou. Sua bolsa incubadora toma tintas escuras e o pobre mãe sente as torturas da parturição, dando à água três ou qua-



tro centenas de filhotes, que como admirados de nascer de um macho, tomam, logo que nascem, o aspecto de um ponto de interrogação. Era o fim do bailado. As águas se fechavam novamente. Os círculos se concentravam num único ponto. O ponto de uma circunferência. As ondas vinham umas sobre as outras novamente, igual aos gritos da mãe. A mãe chamava.

— Adeus.

— Até outro dia.

— Conta-me novas histórias?

— Certamente.

— Então eu vou voltar.

— Não se esqueça então. Estarei esperando.

— Adeus.

— Adeus não. Até outro dia.

A mãe gritava e seu grito acompanhava o das gaivotas. Ah! exclamava ela. Onde você se meteu? Estava conversando com seus fantasmas? Um minutinho, ou três, não sei, a barca flutuava na neblina e fazia uma curva entre o céu e o mar como um enorme peixe. Ajude-me aqui, disse a mãe. Ei, menina, por que está com essa mão parada no ar? Eu devo ter olhado para ela com um novo encantamento. Você está admirável, mas venha ajudar-me a pegar esses siris. Dois deles estavam agarrados a um só pedaço de carne. E não se soltavam. E disputavam. E brigavam. A mãe inclinou-se um pouco e os jogou dentro do balaio. Pronto! acabou-se a briga. Agora vocês vão pular é na panela. Urubus do mar, pensei. Pobres urubus. Lutando por um pedaço de carniça. Enquanto a mãe trazia uma nova fieira eu os examinava. Só patas. Só garras e carapaça dura. E todo esse conjunto era indissolúvel, como o canto dos pescadores que voltam puxando seu arrastão. Era o canto da morte dos peixes e da vida deles. Podia-se ver o contorno dos músculos do pescoço e dos braços e do rosto. E estavam cheios de orgulho àquela manhã. A rede pesava. Os peixes pulavam. Finos fios muito fortes guarnecidos por duas tralhas, uma de chumbo e outra de cortiça deixavam à mostra o pular de peixes, enquanto uma boa parte deles estavam no ensacador. O azulado do dorso e o reflexo prateado. Um baiacu, alguém gritou. Outra voz respondeu: É baiacu-de-espinho. Várias pessoas correram e espichavam o pescoço para

ver, a rede vinha tremendo, tremida, vencida. Foi um alvoroço. Olha um baiacu-de-espinho. E está com os espinhos eretos. Outra pessoa falou: Coça a barriga dele para ver se ele se arrebenta de verdade. Pobre Baiacu redondo de espinhos e de barriga branca foi cair na rede? Ainda comentavam: Por que lhe botaram uma dentadura nova na boca? A praia pulava de gente e de peixes. Vamos embora, disse a mãe. Já está ficando tarde e o cesto está cheio de siris. Adeus. eu disse baixinho olhando para um lugar que ficava entre o mar e o céu. Adeus não, até um dia respondeu-me o velho pescador, navegando em sua barca bela. Conta-me outras histórias do mar? Certamente. Olhei para as ondas que vinham bailando e indo e voltando e os círculos de uma circunferência e então eu vi os cavalos-marinhos bailando entre as verdes algas. Está vendo fantasmas outra vez? Respondi que não e comecei a andar depressa. O ploc, ploc, da sandália na areia. A mãe andava depressa e estava um tanto séria. Pegamos bastante, não mãe? Eu dizia aquilo só para animá-la. Ele numa hora dessa já deve estar no boteco bebendo sua cachaça. Eu sabia que ela pensava no pai. O silêncio de nossos pés na areia. O ploc, ploc, ploc abafado. O silêncio de nossas bocas e o marulhar de nossos pensamentos. Era bem isso. E era bem assim. O azul. O verde. Um resto de peixe e de ostra. Um sapato abandonado. Uma esteira. Um corpo. Um copo. Um sol. Um peixe no anzol. O dia. A praia. A brisa. Cheiro de mar. Maresia. O sol desponha. Aponta e se amedronta. Confronto de pés. Montes de roupas e de gente. Picolés. Café. Refresco. Bronze. Onze em campo. Areia. A mão que se ergue. A mão que bate. A bola que vai e vem. Vôo. Topada. Amor sem palavra. Um gesto. Resto de bebedeira. Capoeira. Bananeira. Braçadas. Braçadeiras. A mãe e eu prisioneiras de nossos olhos e de nossos passos. Ele não vai estar em casa, tenho certeza. Foi beber outra vez. Ele não mais estava. A cama desfeita, o resto de café na xícara. Não comprou pão, disse ela. Enquanto botava uma panela no fogo. Tomara que venha provar desses siris. Ele gosta tanto! Mas eu e ela, no fundo, sabíamos que ele não viria. A água fervilhava, e um a um, ela jogava os bichos na panela. Agora era a valsa das pernas e dos cascos duros. Subiam e desciam no borbulhar da água. Eu os olhava na dança da morte, e sem que a mãe percebesse fui buscar uma tampa e coloquei-a, com raiva, sobre a panela. E depois, como se os siris gritassem, tapei os ouvidos com as mãos. Eles continuavam a subir e descer no fervilhar da água. Subir e descer. Descer. Descer.

- O que você vai fazer amanhã?
- Amanhã?
- Sim, quando eu tiver partido.
- Dia estranho o amanhã.
- Contudo ele virá.
- Não sei, acho que vou a um concerto.
- Não é uma coisa tola?
- Talvez, do modo em que está sendo colocado.
- Isso nada prova.
- Quero dizer, você se desloca de sua casa e vai para um local estabelecido. Outras tantas pessoas irão também, paga-se um bom preço, a sala fica superlotada, o calor nos sufoca, o violonista entra, recebe os aplausos e toca seu violão muito bem tocado. Recebe novos aplausos de uma platéia contagiada.
- O reino é de bem poucos.
- Não sei se isso me agrada muito.
- Pelo menos é um contato.
- Não sei lhe responder. Acho que ele, o violonista, está lá muito em cima, quase nas nuvens e não desce nunca, mesmo quando toca um prelúdio de Villa Lobos ou a Marselhesa de Lisle.
- Não sei se terei compreendido bem, mas acho que a realidade é outra, é como se de repente você visse todos no mesmo caminho, aplaudindo. Seria como se estivessem movidos por uma corda invisível.
- Creio que é isso. Não existe outro caminho. Nem a esquerda, nem a direita, apenas o centro. E nesse justo

momento, a turma explode em frenesi. E são sempre os mesmos. Não creio que exista uma maneira de se aproximar.

- É como colocar-se de costas e ouvir somente o som irritante de mãos contra mãos. Concordo com você.
- Parece até que você já esteve lá.
- Isso nada prova. Também não vai provar que eu não goste de concertos.
- Não gosto de negar meus sentimentos. Estava analisando a mim mesma. Não sei se você me compreende, acho que não mais vou a esse concerto. Estou me lembrando como era bonito, nos velhos tempos, quando a gente passeava pelas ruas e se instalava num pequeno bar e tomava sorvete, enquanto as outras pessoas bebiam e fumavam. Eram noites quentes, e lá havia apenas duas portas, e uma terceira que ficava em cima, sempre fechada por uma cortina verde. Ainda se conseguia rodear aquele mundo com flores e folhagens, e alguns parasitas que subiam por uma coluna colorida. Não havia diferença. As pessoas se pareciam. E quando chegava o momento a cortina se abria e ele surgia com seu violão. As pessoas, aos poucos, paravam de conversar e pediam músicas e choravam, e ficavam com a pele cor de rosa, lábios vermelhos. E ele dedilhava o violão e sorria. E havia sempre alguém que chorava. E aplaudia. Ele sempre agradecia com um sorriso. Nada mais que isso.

O negro vestido sobre o corpo. É tão suave e cai lentamente. E vai causando impressões novas à medida em que os passos são mudados. E tudo isso é você. Também a fita vermelha no pescoço com uma garra de metal. Você vive esta noite. Não há razão para não acender as luzes, iluminar toda a casa, receber aquelas figuras estranhas e humanas. Você vive esta noite, mostrando pouco a pouco sua elegância. Os jovens pares se embalavam nos jogos de sons delirantes. Vamos, bela senhora, está na hora de servir a cerveja. As cabeças agitavam-se perto uma das outras. Nervos e cabelos colocando-se em luta. Você estaria parada, num canto da sala, defronte ao espelho. Um rapaz aproximou-se, possivelmente tentando entender o seu segredo, e uma dúzia no mínimo de outros pares chegaram e a levavam para o centro da sala.

Ave rainha nossa.  
A bela amada  
De amados touros.  
É um sonho  
Ou é a vida?

E o rapaz continuava a falar: É um sonho ou é a vida? E você teria que penetrar na linguagem deles. Nos sons. As vozes esparramavam-se pelos cantos da sala. Cantavam. E se encontravam nos olhares e nas vozes. Subitamente você andaria pela casa, lentamente, com olhar baço, e ruídos de pássaros e roçar de aves e frifricar de insetos.

O pássaro verde na gaiola  
O pano verde  
As penas verdes  
A cabeça cortada  
O bico preto  
O pescoço preto.

Das portas e janelas voavam pássaros e borboletas e insetos. Outra vez lhe empurravam um líquido xaroposo pela boca. Vem. Um pássaro tentava levantar vôo e caía novamente. Vem. Era noite ou aquele som vinha de dentro de você? Os bichos saindo de dentro dos olhos dele, das orelhas, de todo o corpo. Você voando com a borboleta, indo aito, vindo, rodopiando novamente, longe, perto, subindo, descendo. Vem. Dezenas de braços a queriam. Vem para mim. Aplaudiam também o seu vôo de borboleta. Bravos! Bis! O guitarrista tocava. O misturador de vinho misturava. Outro cantava. Era cantor de voz lenta. Arrastada. Um terceiro queria uma canção infernal. Algumas borboletas batam as asas contra a vidraça e canecões de vinho. Esse vinho faz a gente ficar lerdo, alguém gritava. Querem um Deus melhor? Chose. Alguém pregava uma história, e estava vestido com uma túnica branca, comprida, parecia um Cristo. Ele falava de uma noite passada na cadeia. Jogaram-no em uma cela. Enfrentava, com medo, mais dez presos. Quase animais. Os olhos brilhando de ódio. De qualquer maneira, ele representava, naquele momento a sociedade. Não adiantava chamar pela mãe. Eles já estavam caindo sobre ele, parecia até que o disputavam. Vem. A mesma voz a chamar. O pássaro em seu vôo inseguro caía novamente no meio da sala. Borboletas saíam de dentro dos olhos dele. O cantor continuava melancólico. Vem. O rapaz em cima da mesa fazia contorções. Os insetos indo e vindo sobre a fumaça. Vindo e indo. Zumbindo. O rapaz continuava em seu chamamento. Vem. Você iria com ele e os outros se juntariam com a canção. Tapa. As vozes de todos. A vida de todos. Podes crer. Ele tinha os olhos abertos e vermelhos. Você não se assustava, nem mesmo quando lhe ensinaram a puxar com força a fumaça, retê-la no peito por segundos. Tapa. Era preciso ouvir com requinte o que estavam falando. Tocando. Cantando. Saca. Você teria febre na ponta da língua e na garganta. Tossia. Engasgava. Era preciso achar o caminho certo. Curtição. Uma uma, duas, duas, três três. De novo. Um um, dois dois, três três. Estavam todos amarrados agora nas mesmas cores e no mesmo som. Tudo em volta desaparecia. Uma cor crescia. Se destacava. O verde. O som. A guitarra vinha sozinha a

falar no ouvido. O transporte para longe, longe. O céu agora era bonito. As estrelas. A noite não se chamava noite e estava muito colorida. O verde verde. O amarelo amarelo. A cor sozinha Viva. Vindo e ficando bailando. Pensava-se que a música saía do próprio corpo. O rapaz nu acenava de longe. Era impossível alcançá-lo. Vem. Ele insistia. A voz dele era de hiato. Vem. A guitarra gigante parava o som. Curtição. O duelo de vozes formando única. Palavras, pássaros, borboletas, insetos, bois, água, vozes, vento, folhas, chuva, ruídos, a porta rangendo, caras, olhar, mar, ondas, as andanças, o vermelho, o verde, o azul, o céu, as estrelas, tudo se destacando, vindo e indo, vindo. Aplicação. A sala girando girando girava e parava. O espelho também.

Você dentro do espelho  
O espelho dentro de você  
Você a reter a fumaça  
A intumescer o pescoço  
A salientar as veias  
A tossir, a puxar de novo.  
Mil olhos do espelho a espreitavam.  
Sangue. Quero sangue. Muito sangue.

Vem Ele a levava. Alegria. Alegria é que tem que ser. Você quer ouvir minha história? Você responderia que sim, e no mesmo instante ele a tomaria pelo braço e caminhariam mais alguns passos até chegarem junto a uma poça de água. Seu rosto e o dele dentro da poça. Unidos. De cada vez que procurava mover-se ele a segurava e se impacientava em gestos lamurientos. O reflexo da luz vinha para dentro do rosto dele iluminando-lhe a boca. Olhar, olhar, olhar. Era preciso aprender a curtir o momento. Mas, você não ia me dizer sua história? E daí? na verdade, não queria dizer nada mesmo. Nada que tivesse relação com esse momento. Venha. Pouco a pouco a turma foi-se aproximando. Sentavam pelo chão. Parecia, agora, que todos pintavam os olhos de vermelho. Alguém dava a descarga e saía do banheiro gritando algumas palavras a esmo como viver, voyeur, barato, avanhoé, dizendo ainda que adorava descobrir a intimidade das casas, e que esta intimidade era sempre revelada pelo banheiro, e que aquele banheiro, daquela casa era um grande barato. Você voava num fino fio que se prendia do teto. A vida lhe girava como um pequeno comentário do momento. Um pássaro ensaiando vôo? uma borboleta? Você mesma no alto do fio observava a festa. Borrifo. Cacifo. Grifo. Agitação. Corpos e



cabeças retorcidas. Bica. Barrica. Bexiga. O moço da guitarra puxava enormes acordes. Vem. Vem. Alguém a chamava. O rapaz nu tentava uma imitação de bateria. Você iria percorrer os olhos pela sala e se sobressaltaria. Que bela predestinação! Como era possível? Ela não fora convidada para essa festa. Tinha os cabelos mais grisalhos e a cara mais endurecida. Trazia um pássaro na mão e o estava degolando. Não, primeiro arrancava-lhe as penas do pescoço, como se costumava fazer com as galinhas. Você tremia. Os olhos dela pousados nos seus. O pobre pássaro dividido em dois. Do alto do fio você balançava a cabeça para um lado e para o outro. Ela dava largas passadas e se colocava em baixo, segurando o fio com força. Depois, ergueu as mãos como a pedir atenção. O rapaz nu começou outra vez com a bateria. O dançarino dizia pensar sempre no avô, em seus gestos esquecidos, em sua beatífica. A mãe dele ergueu ainda mais os braços para o alto e ficou um tempo parada como que esquecida do que ia dizer. Enquanto a turma se endireitava ele aparecia vestido com o terno preto, como se tivesse vindo de uma geração da Santa Virgem. Tinha os olhos parados, a pele de cera, e parecia não dar ouvido às palavras da turma. A velha se unira a ele e ambos inclinaram a cabeça em sua direção. Você, do alto do fio, gritaria: Com eles não. Não me deixem com eles. A mãe dele, dizendo isso e aquilo, fez tilintar suas jóias, e por um rogo à sua fé e à sua santidade, ficou suspensa uns dois palmos acima dos demais. O filho se envolveria nas pernas da velha. Os olhos dele permaneceriam fechados por algum tempo e logo se abririam para enfrentar você. Ele parecia um santo. Podia-se ver a auréola rodilhando a cabeça. O seu rosto estava tranqüilo, a barba crescida, as mãos compridas e finas e cerosas. Assim, ele tentaria falar, pelo menos aquela vez, mas a mãe dele o detinha. Tudo cinza novamente. E então, do alto do fio, você iria dizer: Deite-se, Samuel, você está morto. A velha sacudia desesperadamente o fio, tentando derrubá-la: Pare com isso, sua puta. Deixe meu filho em paz. Ele está morto. Pronto! Agora estava contente. Disse algo que tinha vontade de dizer. E a turma aplaudia. Foi então que ele começou a chorar e a gritar que era um nenem, que estava ainda no útero e que não queria sair de lá. E a velha o abraçava e o beijava e o tomava ao colo. Para onde caminhar? Você tinha a impressão de que ia cair daquele fio. Sua cabeça rodava com toda a turma dentro. Vem. O moço nu levava-a pela mão. Vê? Eu não lhe dizia? O importante é a gente descobrir o mar. Está ouvindo? Somente vocês dois ouviam o murmurejar das ondas. Perto. Longe. Mais perto ainda. Era exatamente como eu dizia: Esta-

mos à beira-mar. Vamos andar e saber aonde nos levam todas essas marcas na areia. O rugir do mar. Ele querendo achar uma ilha ou uma caverna. Essa era uma tarefa importantíssima. Será noite? Ele sorria e se esparramava na areia, de comprido, o ouvido no chão a imitar um índio. Vem! Areia. Mar. Onda. Sol. A paz. Um pouco de luz. Não vejo uma estrela. Bem que poderia vê-la. O mar cantando. Ele cantando. O vento cantando em seus cabelos. As orelhas como conchas abertas para o som. O sangue a cantar. Você a cantar. Ah! como é, sua puta? A velha. Era exatamente ela. Vinha com o vento e trazia o filho preso ao pescoço. Corriam com as nuvens. Era necessário correr. Afastar-se rapidamente. Que selvageria, eles diziam? Bem, que você poderia ser uma fada e inventar mágica com varinha de condão. Pronto! Ilusão de ótica? Miragem. Mas lá estava uma enorme cerca de arame farpado. O rosto da mãe e do filho atrás da cerca. Cercados. O arame farpado cercando mãe e filho. Vocês indo longe, dançando na relva uma valsa imaginária. A velha a soltar fogo pelo nariz. Vocês rolando pela relva. Verde. Verde.

Seu corpo no corpo dele  
O corpo dele no seu corpo  
Dois corpos tombados na areia  
O sol o som o mar  
O mar o humor o amor  
Corpo no corpo  
Voz na voz  
Dança na dança  
Ginga na ginga  
Areia areia areia  
Onda onda onda  
Noite noite noite  
Corpo corpo corpo

Havia a música das ondas andando. Areia. Chuva. Acordes. Vozes saídas das sombras. O penoso cansaço no vôo da gaivota. O peixe no bico. Pedacos de navios. Cascos de barcos. Embarcações. Alguém dormindo no cais. Alguém cantando no cais. Alguém caindo no cais. Um pássaro caindo do ninho. Um gato comendo o pássaro. Você pensava nesses objetos, nessas coisas que aparecem de repente e se vão e voltam sempre. Era como sonhar ou se aproximar do que somos. Ou sonhamos. A nostalgia vinha lenta e se ia lentamente. Ele dormia. Um pouco de luz ainda. Música? Ou era a volta dos pescadores? Os peixes brilhando como lâminas. Eles parecem nos ver e vêm nessa

direção. Pensam que somos alguma árvore ou uns morcegos da noite. Vejo agora que trazem nas mãos pequenas redes de caçar insetos. E não são pescadores. São homens pequenos, cor de castanha. Certamente acreditam que somos insetos de uma espécie rara. Corro, assustada, pela areia. O que é? O rapaz grita grita e corre também. Nossos pés na areia. Nossos olhos na areia. Nosso corpo na areia. Nossa voz na areia. Corremos mais e mais. Lá está uma casa. Casinha. Com luz e tudo. Parece mais um navio ou metade dele. Quem está voando por aí? Alguém pergunta sem abrir a porta. Não importa. Entro assim mesmo. O rapaz me segue. Um dez pessoas nos olham assustadas. O velho torna a perguntar: Quem está voando por aí a estas horas da noite? Nos olham ainda. Procuro uma cama e me escondo debaixo dela. Chamo pelo rapaz. A cama e a escuridão. Melhor ficarmos quietos. Os homens miúdos acabam de entrar na casa, pois escuto o velho perguntar: Quem está voando numa noite como esta? Eles passam pelo mesmo caminho e revistam a casa e me descobrem debaixo da cama e me puxam pelo braço e me arrastam, muito embora eu morda no braço e na mão deles. Eu grito ainda, mas eles me sufocam e me levam pelos cabelos, batem-me com força, com uma corda, pelo corpo todo, me deixam extenuada. Batem sempre e me magoam as partes íntimas e o sangue vai misturando-se com a areia. Agora eles se afastam. E são minúsculos. E são homens. E os rostos deles cresciam dentro da noite.

- Então?
- Então?
- Não se conversa mais essa noite?
- O silêncio também tem voz.
- Você se esquece do poder da palavra?
- É uma coisa que não se pode esquecer. Ainda estamos vivos.
- Vivendo o presente.
- O presente também poderá ser a morte.
- Se se pudesse explicar essa razão.
- Eu estava nela há poucos instantes.
- Certamente estava nela há poucos instantes.
- Certamente era sua maneira de estar viva.
- Pode ser. Não sei.
- Seria pelo fato de estar misturando recordações dentro do silêncio.
- Você está contribuindo para minha desorganização interior.
- Está se sentindo encurralada?
- Não sei bem.
- Vamos recomeçar?
- Tudo novamente?
- Tudo.
- Lembra-se do início?
- É muito difícil voltar ao início.
- Posso ajudá-la?
- Quem sabe? Talvez fosse o preço desta noite.
- Um preço módico certamente.

- Não tenha tanta certeza.
- Pronta então?
- Estou.
- Vamos lá. Você está dizendo para um garoto: Estive à sua espera o tempo todo.
- É verdade. Esperava-o no quintal. Havia bananeiras. Lá, bem no meio delas ninguém poderia nos ver. Ele era quase loiro e meigo.
- Na sua casa e na dele havia muita gente.
- Havia.
- Ele a está convidando para ser a porta-estandarte do seu bloco de carnaval.
- Sim. Ele levava isso muito a sério.
- Você não sabia se aceitaria ou não.
- No fundo, tinha medo. A fantasia iria ficar cara. Não sei se a mãe iria concordar.
- Ele dizia que tinha que ser você.
- Chegou a desenhar minha fantasia.
- Você, aos poucos, ia ficando contagiada.
- Estava contente.
- Ele a via muito bonita em sua colombina.
- Sim. Iríamos os dois, abrindo alas, encantando a multidão com nossos passos marcados pelo ritmo da marcha-rancho que estava sendo ensaiada.
- A noite haveria uma reunião com a turma e ele anunciaria a nova porta-estandarte do bloco.
- Era isso mesmo. Eu fiquei de muitas cores.
- A princípio achariam que ele estava ruim do juízo, que você era pequena demais para uma responsabilidade tão grande.
- Eu fiquei mais encabulada ainda. Quase chorei.
- Ele se manteria firme
- Suponho que sim.
- No final das contas você seria aceita pelo bloco, com exceção de algumas meninas.
- Elas se sentiram ofendidas. Eu era mais nova que elas.
- Por que vocês estão procurando explicações? diria ele.
- Ela será a porta-estandarte. Vamos ensaiar a marcha-rancho.
- Ele deu o apito. A cadência marcada dos instrumentos.
- A composição era dele também.
- Era.
- O ensaio iria até perto de meia-noite.
- Senti medo quando terminou.

- Ele a levaria até a porta de sua casa.
- Andamos bem devagarinho. Quase juntos.
- Ele segurou sua mão.
- Foi um tremendo choque. Quis retirá-la. Mas ele a reteve com força.
- Ele pensou num beijo por despedida.
- Um beijo?
- Sim, por que não um beijo?
- No sábado de carnaval a cidade parou para ver o bloco passar.
- Foi o nosso dia de glória.
- Você era a mais linda porta-estandarte que a cidade já mais vira.
- Ele estava sempre ao meu lado.
- A cidade aplaudia. E os aplausos eram mais para vocês dois.
- Depois seguimos em carro aberto para o clube.
- O silêncio extraordinário que se seguiu quando vocês entraram no clube.
- A orquestra parando de tocar para nos receber.
- Não poderia haver triunfo maior.
- Era extraordinário tudo aquilo.
- Confetes e serpentinas.
- Obrigada, você diria a ele, por me fazer tão feliz.
- Quero um beijo, diria ele.
- E você negaria sempre.
- Acho que sim.

Eu estava numa escuridão interior. Lá fora o sol andava fatigado. As pessoas dragonizavam-se pelas calçadas e os carros pelas ruas. Na verdade, eu estava confusa. Mas, de qualquer jeito, um carro estava parado em frente à minha casa, e eu não escutava outro barulho a não ser os que vinham lá de fora. É claro que eu fiquei por alguns instantes sentindo a campainha em seu trin trin triii innnnnnnnn. Por que abrir a porta? Por quê? Eu virava páginas de um caderno em branco. Páginas e páginas. Por Deus que eu não queria ouvir mais a campainha. Trilinnnnnnnn. Estava ainda meio obscura, por isso não reparei bem na perplexidade estampada no rosto dela. De qualquer modo ela já estava em posição de guardiã da casa, por isso eu disse, vamos entrar e colel-me à parede, antes de ser afastada. As outras três senhoras entraram, e foram reparando o chão, as cadeiras e a mesa, e foram logo perguntando umas para as outras. Será que houve banquete por aqui? E nós que nem fomos convidadas. Eu devia usar de bom senso e não entender, que a princípio elas olhavam mais para meu corpo do que para a casa. Distraidamente, arrancavam-me a roupa. Uma ceia da meia-noite. Pode-se ver pelo ambiente. O ambiente. Meu Deus, elas documentavam o ambiente: Garrafas vazias. Pontas de cigarros. Talvez minha cara branca. Cinza. Cinzeiro. Sandálias. Um mundo diferente de cores. Furmigavam. Fustigavam. Obrigavam. Perigavam-me. Manchas. Discos. Bolsas. Colares. Copos. Roupas. Vômito. Mas está claro que houve uma festa. E dizendo isso, ela espichou os olhos pelos degraus da escada chegando até a porta do meu quarto. Pobre filho! Falou num suspiro. As outras três senhoras, presidentas da Liga das Instituições So-



ciais e Beneficentes, concordaram com um leve aceno de cabeça. A escuridão começava a voltar novamente. Sumiam e voltavam e seguiam vestidas de bruxas, e dançavam, e voltavam, sempre em meia volta, e davam pinotes e cavernavam gargalhadas. Brigue. Zadigue. Zigue-Zigue. Cornija. Corujas. Oh! minha doçura de pecado, uma delas falou. Eu olhei para a escada novamente, e pensei que ele não deveria descer agora, que poderia continuar dormindo, dormindo, dormindo. Tosses. Semitosses. Explicações. Borrifações. Ela passeava pela casa como se tivesse duas sinetas nas mãos. Mostrava isso e aquilo. Mil! esmerilhava. As presidentas da Liga das Instituições, muito discretamente, colocaram os óculos e faziam anotações em uma caderneta de capa preta. Cigarros. Cinzas. Um tapete queimado. Manchas estranhas. Vômitos. Lacaia. Eu escutava tudo aquilo sem mover-me, vendendo minha indignação. Caminhavam. Fitavam-me com olhar de suspeita. Pisavam em pontas de cigarros. Esfregavam os pés no chão. Eu estava atenta, agora mais do que nunca. Pararam em frente. Levantaram os olhos, e como se tocassem a sineta anunciando uma descoberta, pararam. Leram. A princípio silenciosamente. Depois movendo os lábios. Depois em voz alta. E estava escrito em letras grandes e vermelhas De uma maneira quase escandalosa.

Boca contra boca  
Não havia a menor resistência.  
Corpo contra corpo  
Melhor que honrarias e presentes.  
Nada mais aborrecido que um leito vazio.

Ela lia de novo, enquanto as Presidentas da Liga faziam  
Oh! Ui! Jesus!

Boca contra boca  
Não havia a menor resistência.

Não. Ele não gostaria muito disso, pobre filho. Os olhos dela tomavam outra coloração. E eu conhecia bem. Um fuzilamento em seu riso. Um júbilo em sua voz. Aquele era o quarto de meu filho. Pobrezinho. As Presidentas moviam a cabeça numa beatífica concordância. Pobre filho, repetiria ela. Eu pensava, ele dormia ainda. Deveria dormir. Não haveria perigo, ela não teria a coragem de subir aquelas escadas. Olhavam ainda como se esperassem o momento de tocar a última sineta. Eu esperava o fim. Uma ceia à meia-noite, diria uma das presidentas, enquan-

to outra cheirava um resto de bebida. Esse cheiro eu não o conheço. Sim, você está atrasada, eu deveria ter pensado, mas o barulho da descarga desceu sobre nossas cabeças, enquanto a água descia pelo cano, entrava por todos os sentidos e tecidos delas, dilatava-lhes as veias e os nervos. Eu fiquei mais atordoada ainda, e era a segunda descarga. Ela então disse-me numa voz roufenha: Maldita! Disseram algumas palavras entre elas mesmas, alguma coisa em código. Andavam, agora, como cegas pela casa toda, e quando surgiram novamente tinham aspectos estranhos. Elas estavam perturbadas. Se aproximavam. Prim, rim, rím, Fim. Eu estava encurralada. Finalmente chegou nosso dia, a mãe dele falava quase entredentes. Pensei que ela havia-se esquecido da bengala. Eu estava num cerco. Alto lá, tentei dizer, mas ela jogou-se contra mim, com unhas e dentes, num acesso de fúria. Bruxas, bruxas, eu lhes dizia. Cobriam-me de pancadas. Tentava me equilibrar. Me mordiam. Rasgavam meu vestido. Bruxas bruxas. Agora, dizia ela. E eu estava no chão, tentando sair debaixo delas. Agora, repetia ela numa fúria. E as presidentas cobriam-me de manchas. Espalhavam azeite pelo meu corpo dizendo: purificação, purificação, purificação. Eu tive a impressão de que iriam dançar e bater na boca à moda indígena. E aos poucos meu corpo foi escorregando como um líquido. Mas minha língua continuava repetindo bruxas, bruxas, bruxas.

- Esteve dormindo?
- Não.
- Gostaria de saber das horas.
- Que importância pode ter?
- Preciso partir.
- É uma triste palavra.
- Tem razão.
- Você é um bárbaro.
- Bravos! Gosto quando fala assim. Deste modo tenho a impressão de que não está morta.
- É apenas uma impressão
- Não sei. Você esteve calada todo esse tempo ou falava para dentro de si mesma?
- É muito estranho poder estar em dois lugares ao mesmo tempo. É como se eu dissesse: agüenta aí, tenho um passe de mágica para você.
- Eu gostaria de levá-la comigo.
- Talvez esse seria o passe de mágica. Na verdade nada sei de mim.
- Você deveria me contar tudo.
- E o que significa tudo?
- Não sei. Tenho ânsia de conhecê-la por dentro.
- Deve ser influência da noite, dos astros.
- Sabe, tive um sonho, um sonho colorido. Ou foi você quem me contou?
- Sinto um enorme vazio aqui.
- Talvez possamos voltar ao princípio de tudo.
- Seria preciso nascer novamente.

- Agora, quem sente náuseas sou eu.
- Isso é porque estamos bem acordados. De olhos abertos.
- Sinto a saliva grossa na boca.
- É sinal de que o dia vai chegar.
- Parte comigo então?

Ruas. Pessoas. Algumas, que agora lhe viravam o rosto, antigamente eram da boa relação do seu marido. Veja, aquela velha que vai indo ali adiante com um cachorrinho no colo, cuspiu de propósito ao vê-la, e obriga o pobre cãozinho a virar a cara também. Agora, ela retira um espelho da bolsa e por ele poderá vê-la sem se comprometer. Você dentro do espelho da velha Turim. O vestido colado ao corpo. As formas das nádegas se fazendo no andar. Você sobre a calçada. Você sob a mirada. Você ergue a cabeça. A velha solta uma solene cusparada. Quando você era menina ela lhe chamava de boneca. Como se chama boneca, venha cá, boneca. Você tem os olhos muito bonitos, boneca. Quando crescer quer se casar com meu filho, boneca? Não sei, você respondia. A velha Turim devia estar pensando nisso agora, porque acabou de soltar um lindo risinho ao examinar sua figura dentro do espelho.

- O espelho é côncavo e o objeto é virtual
- O espelho é côncavo e o objeto é real
- O espelho é convexo e o objeto é real
- O espelho pode ser côncavo ou convexo, mas o objeto deve ser real

Você dentro do espelho  
Uma mulher dentro do espelho  
As nádegas dentro do espelho  
O sexo dentro do espelho

Jardim. Jasmim. Capim. Titim. Manequim. Camarim. Cantina.

Vitrina. Chuvisca. Faísca. Rabisca. Risca. Administra. Quando já não podia vê-la ao alcance de seu espelho, a velha Turim gritou alguma coisa, que lembrava um pouco a figura do seu marido, ou da mãe dele, ou de sua casa. Depois alguma coisa relacionada com céu e inferno e longe de minha vista. Você andava. E como se fosse para casa pensou em comprar alguma coisa, ou passar pelo correio a ver se tinha alguma carta. Uma vez, quando criança ainda, queria receber uma carta. E começou a trocar razões com a mãe. Quem quereria escrever-lhe? A mãe dizendo que não era ofensa não receber cartas. Apresentava suas razões. Era apenas um desejo que vinha lá do fundo, e que chegava a doer. Aí você começou a falar que ia chegar uma carta e tanto insistiu, que a mãe foi ao correio e voltou com uma carta endereçada a você. Você engolia seco enquanto se decidia a rasgar o envelope. A mãe a olhava de revés. Você resmungava e fungava enquanto abria o envelope.

Carmem,

Eu estou sempre olhando para você. Tenho medo de que um dia quando acordar, você não mais esteja aí, nessa rua, alegrando essa casa amarela com sua presença. Ontem quase que bati com a cara no poste de tanto andar e voltar para vê-la. Espero que você já tenha notado minha presença, e isso é bem possível, pois passo todos os dias, pela manhã e à tarde pela sua rua. Vou deixar, hoje à noite, uma rosa amarela sobre sua janela.

Com admiração

Joel

Sua mãe achou a carta linda e deixou cair algumas lágrimas. Mas, nunca pediu grandes informações sobre esse tal Joel. Deixou-a alimentar essa figura, e se punha muito atenta ouvindo mais uma leitura de outra carta chegada do correio. Você andava calmamente. Sua presença era anunciada pelos olhares ondulantes das senhoras. Você andava desafetadamente. Você era a rainha dos santos e dos insantos, dos hippies, dos vagabundos, das segundas e terças-feiras, rainha dos anjos e arcanjos, dos patriarcas, dos burgueses e operários. Você balançava o corpo e tomava todas aquelas expressões que vinham por

acaso dos óculos dos transeuntes. Espere, eles deveriam dizer, aquela não era a garota boazinha quietinha, Filha-de-Maria, que ia à missa todos os domingos, confessava e comungava, admirada pelas suas virtudes e bom comportamento? É essa mesma. Você era uma menina boa, bem comportada e pobre. Escutava os conselhos da professora, uma mulher autoritária, que uma vez, e no dia do seu aniversário, fez-lhe uma visita, beijou-a nas faces e deu-lhe de presente um álbum com uma dedicatória e uma fotografia dela pregada na primeira página. Você era aquela menina boa, que às vezes gastava o dinheiro da merenda comprando comida para os pássaros, patos e outros animais do zoológico. Você era aquela menina que às vezes falava muito, ria muito, às vezes não dizia palavra. E todos gostavam e elogiavam. Você subia a colina como se subisse o céu. Leve em seu vagar. O ar frio e a umidade tornavam-na mais agressiva em sua doçura. Descobria novas cores em nova manhã. Talvez tenha acrescentado algo a seu pensar como: Choverá. Fará sol? Haverá roupinhas no quaradouro? Andorinha nos telhados? Linha na máquina? Uma mesinha com uma jarra? Uma vaquinha no quintal? Enfim, chegava ao centro da cidade. Corre, correr correndo, carros, um homem e sua paixão, e um homem e sua gana, um homem e sua sanguinolência, uma mulher e seus joelhos, uma mulher e suas mãos, joalheria, pernas graciosas, pernas inclinadas, flexionadas, congestionadas, esportivas, distritos, inquilinos, arrendatários, agiotas, cafés, hotéis e hospedarias, cheiro de gordura no ar, rostos, torsos, cabelos, lábios, condenação e absolvição, casamentos e desquites, beijos e mordidas, dentes e lábios, vermelho e azul. Bancas. Revistas. Jornais.





Andando novamente pensando. Ali vinha a senhora Claudino Lafertte, você se inclinaria para saudá-la. Não a conheceu? Nem um alô? Partiu também sem um adeus oficializado. Os parentes viravam o rosto. Oh, ela de novo andando pelas ruas? Como pode ser depois do que tem feito? Ah, não é nada agradável ter uma parenta assim. Sobre o que lhe vinham contar você dava de ombros. Ria infernal. Ria jovial. Marginal. Impassível. Elas que se quiserem vão rezar as orações da noite em seus aposentos fedendo a mofo e mesquinhez, e que de manhãzinha comam o pão bem quentinho, e guardem o nomezinho ilustre debaixo do vestido. Você teria que tomar cuidado. A mãe dele fazia a cidade cerrar os punhos contra seu corpo. A bela fera. Ferina. Agora sua casa pesava na lembrança das namoradas, noivas e esposas amadas. Todo um preconceito. Todo um variado som de instrumentos. Guitarras. Baterias. Os jovens. O som. A experiência de cores. A forma. Os contrastes. A figura e o fundo. Os níveis mais profundos do espírito. Os contornos nítidos dos objetos na incerta mistura de formas. Livres. Libertos. As cores sobressaindo-se mais e mais destacando-se de sua fixidez. Independentes em seu brilho brilhar e existir como uma vida própria.

Maldiziam teu nome.  
Maldição para tua casa de dois andares.  
Tantas pragas quantas poderiam ser.  
E rugiam sete vezes sete pragas.

Oh! era muito humano o entrelaçar dos dançarinos. Pescoço

com pescoço. Mais as mãos. Cada par tecendo seu próprio casulo e se fixavam num limite de um espaço protetor, como se fosse um ventre tecido de fios finos em volta deles mesmo e nos olhos brilhavam aquele brilho de animal apossado de seu território. Então os outros pares moviam-se como se barrados por fronteiras invisíveis. Cruzavam. Cresciam. Encontravam-se. Depois os espaços se abriam novamente e se fundiam numa nova união de novos donos, novos abraços, novos beijos. E esse espaço e esse rito ritualizava toda uma solidão, medo e agressão, amor e abandono. A música, com sua vida isolada, envolvia o espaço e os ouvidos de cada um separadamente. As cores se destacavam de seus espaços pictóricos. Tremenda curtição. Perdia-se no infinito de um novo mundo.

Você andava ainda. O que quer que fizesse agora era feito. Janelas e portas fechavam-se. Certa mulher instigou uma criança a lhe atirar uma pedra e fingiu ignorar o sucedido. Janela fechada às pressas. Uma porta trancada. Abria-se o comportamento humano. Então, aquele homem muito importante, perambulava daqui para ali com seu carro. Buzinava. Você entenderia que o tal homem estava morrendo de ansiedade. Contento, ficaria e'e, quando você meteu-se pelo caminho do bosque. Com cuidadoso cuidado viu o homem se aproximar como se fosse uma miragem. Em seus olhos um brilho diferente ou era por causa da cicatriz? Ele a erguia do solo, sustentando-a nos braços, fazendo-a descer pressionada em seu ventre, dizendo amar de um amor forte. Depois como percebesse a tristeza distante de seu rosto, rogou para que acreditasse e lhe contou suas condolências. Em seguida molhou os lábios com fino vinho e lhe oferecia o gargalo ainda molhando de saliva. Assim ficariam, acendendo cigarros e bebendo do vinho bem perto um do outro, sentindo a respiração vir e ir-se e a fumaça sumir, e a cinza depositar-se, aos montinhos, sobre a relva. Ele chupava o cigarro e se iluminava. Boca de vinho e cigarro. Corpo de terra e umidade. Ele serviu-se de mais uma garrafa. Bebeu o último gole de vinho. Por esse tempo você deitava-se muito tímida por sobre a relva. E por todos os cantos estavam colocadas florezinhas, que nasciam ali mesmo, despreocupadamente. E agora, e'e se ocupava em despir seu vestido e a pô-lo de lado. E assim, pois, ele a olhava como um animal ferido, dizendo apenas algumas palavras. Acabou por deixá-la nua, e com cuidadoso cuidado, foi cobrindo as partes de seu corpo com florezinhas amarelas.

Flores sobre os seios  
Flores sobre o sexo  
Pólen  
Estame  
Pistilo  
A fecundação  
Flores sobre a boca  
O beijo entre pétalas  
Pétalas despetaladas.

Você enterrada num caixão de flores. Ele arrancava, com os dentes, as flores de sua boca, de seus seios, de seu sexo. Comia-as entre um e outro beijo. Depois soltava um longo suspiro metendo os dedos entre seus cabelos. Uma borboleta voava. Você estava saindo da terra, do cheiro da terra e entrava no céu. E agora, se ia de toda, a infância. As voltas que dava na cabeça em torno dela. Causou-lhe horror a primeira menstruação. Pobre mãe, estranhara ela também o acontecimento. Somente à noite, olhando o mar foi que ela falou. Pobre menina! Ela também pensava no seu primeiro momento. Ela escondendo sua doença. Chorando às escondidas. Depois o médico lhe dissera que isso era assim mesmo. O velho tio gargalhando — Ela ruborizando-se. As voltas que dava na cabeça. A infância se indo. Um céu muito baixo. Um paraíso muito distante. No entanto, você sabia que o mundo existia, e que você existia dentro dele. Que o homem ao seu lado, procurando acender o cigarro, existia. Que o cheiro do esperma existia em suas pernas. Que as árvores, as flores, os pássaros existiam. Que o verdadeiro existir é frio e melancólico.

- Não vai sair deste silêncio?
- É um protesto tímido de uma menina tímida.
- Está às voltas com aqueles pensamentos?
- Acho que é isso. Ele estava inclinado contra a parede, o pobre rapaz, e nem ao menos ficamos sabendo o que iriam fazer com ele.
- Pobre menina, há muita piedade em seus olhos.
- Acho que foi porque ele sorriu-me. Foi um débil sorriso.
- Era um contra-ataque com toda certeza.
- É um pesadelo que não me sai da cabeça.
- Certo. Nem aquela canção que nem ao menos conheço.
- É bem possível que eles cantem novamente.
- Se isso acontecer, sairemos correndo.
- Você se esqueceu de que o velho nos está vigiando?
- Ah! sim, o velho. E ele também deve estar armado.
- Por Deus que sim. De repente, é como se o mundo todo estivesse em guerra.
- Claro que é assim. Mas, é muito tarde para se pensar nisso, principalmente depois da bomba atômica.
- Você deve ter presenciado aquela cena.
- Por favor, não vamos falar disso agora.
- Que podemos fazer?
- Trabalhar. Reconstruir algo para não se morrer de tédio.
- E o amor?
- É a única coisa que nos torna suaves e verdes.
- De qualquer maneira essa idéia me agrada.
- Você falou com voz morna de quem está esverdeada.
- Deixe-me passar as mãos pelos seus cabelos. Sabe, eu gosto muito de fazer isso.

Perto da praça. Longe da praça. No alto a praça. Os prédios. O sino. Os prédios. A sina. O sino. Os pássaros. A revoada. Depena. Pena. Acena. Desordena. Os prédios. As janelas. Os homens baixinhos e gordos contavam dinheiro. Colocavam dentro dos cofres. Outro baixinho, sentava ao pé da mesa para melhor contar seu dinheiro. Tilintava as moedas. Sorria. Beijava-as. Mais em baixo. Casas. Aos pés do prédio. Tavernas. Apostadores. Casas baixas. Crianças incertas. À noite, assombrações entrando pelos buracos das paredes, se aninhando debaixo das camas, apertando a garganta para o grito não sair. A mãe andava. Andava. Voltava. Parava. Trazia no seu peito murcho a espetada amargura. E ela que gostava de tudo na ordem. Foi então, que muito mansamente, o homem baixinho e gordo entrou. Um medo grande cresceu dentro de mim. O baixinho gordo enrolava, docemente, um cigarro entre os dedos. Tinha a cabeça baixa, que era uma maneira de ditar branda ameaça. Para ser breve. Dizia ele. Para ser breve dizia ela. A gente se muda, doutor. Não vai demorar muito. O baixinho se ergueu. Acendeu o cigarro e saiu. Eu estava abraçada com o travesseiro. A mãe tinha ruga grave no centro da testa. Eu olhava o teto e desenhava nela uma casinha linda. Queria que a mãe visse as cores, as flores, os tijolos vermelhos, as telhas limpas, as paredes polidas. Pois assim deveria ser. Teríamos cadeiras para recostar e sonhar. Mas a mãe rezava. Ela devia estar ajoelhada a julgar pelo tom de sua voz, pelos rogos, pelo tremor do amor àquele que morreu na cruz, pelas dores da Virgem Mãe. E eu ficava de guarda, vigiando a casinha no teto e nem via que escurecia. Via também algumas estrelas que sobravam por ali.



Sede. Eu sentia sede. A boca seca. Estranho momento para se levantar e tatear pela casa. O que eu andava procurando mesmo? Um copo. O filtro. A água descendo num glu glu glu. Respingos no vestido. Tive desejo de visitar a mãe no quarto. Ela rezava ainda. Quem é que está andando por aí? Uma lâmpada que se acendia. Uma luz bela naquele outro quarto. Segui para lá. Parecia um rato espreitando. Aquilo não era impossível de acontecer. Eu olhava, agora bem de frente. Ela estava com sua camisola azul desbotada. Os cabelos soltos. Brancos. Raros. Ralos. Alguns fios caídos sobre a testa. Ela nem se preocupava com os olhinhos lacrimejantes verdes. Eu ainda a olhava. Ela estava longe, num mundo à parte. Podia ter dito que os cabelos dela eram bonitos, assim como estavam, formando montículos aqui e ali, misturados em sua cor branca azulada. Eu devia pelo menos dizer o quanto gostava dela. Vou andando? Espero. Sobre o velho criado-mudo a melancia partida. Ela estendeu novamente a mão, e num gesto seco, apanhou outro pedaço. Não levantava os olhos, somente suas mãos de criança trabalhavam. Dois dentes. Um superior e outro inferior. O pedaço de melancia rolava em sua boca. Rasss. Rasssssschhhhhh. De vez enquanto ela se inclinava para trás. Eu sentia vontade de ampará-la. Ela falava alguma coisa, como se acariciasse suas recordações. Sacudia a cabeça perplexa. Essa linguagem só a ela pertencia. Eu supunha isso. Tossia. Engasgo. Contemplava as mãos. Era como se dissesse. Veja! Repara o estrago que o tempo fez nelas. Veias azuladas. Enegrecidas. Salientes. Ela deveria estar pensando no seu tempo. Passava horas assim, sem dar conta da minha presença. Depois voltava para a melancia. Comia mais um pedaço. Comia fazendo barulho. Vovó, vovó, eu deveria ter falado. Vovó, vamos deixar essa casa. Contudo, não saberia continuar essa conversa. Deveria ter beijado suas mãos. Estava sozinha e ela também. Ela tinha sua melancia e eu, a angústia. Ela continuava mastigando. Raque. Raque. Raque. Agora, muito contente, cantava fragmentos de canções. Reclamava. Lentamente ela buscava algo debaixo da cama. Muito dignamente, erguia a camisola e sentava no penico. Depois tudo era silêncio novamente. Vovó, vovó, boa-noite. Boa-noite. No dia seguinte, quinta-feira, eu observava a mãe amontoar caixas e caixas. Amanhã, bem cedo, o caminhão pega a mudança. Suas palavras cortaram o ar frio da noite rapidamente. Via a tristeza no corpo dela. Rasgava algumas coisas velhas, botava uns trapos no lixo. Corria por toda a casa. Daqui para ali. Aí os olhos dela se anuviavam. Ele atravessava o pátio. A caminhada era curta, mas ele demorava em suas pernas. Um silêncio frio em



seu rosto lustroso. A mãe mandou-me para meu quarto. Ouvi-a falar como todas as mulheres falam quando estão se mudando. Ele pôs as mãos no bolso. Ela continuou a falar, dava corda no relógio, e ele observava, bebendo-a em seus movimentos. Ah! exclamava ele, tentando acender um cigarro. Voz e gestos confusos. Ah! repetia ele, olhando para as caixas empilhadas. O doutor exigiu, explicava a mãe, tinha que acontecer. O baixo gordo, rosnava ele. Eu rolava na cama. O sono não vinha. Levantei-me e acendi a luz. Perfeitamente, balbuciou ele, perfeitamente. Deu alguns passos e tentou passar a mão pelos cabelos da mãe. Ela, delicadamente, o repeliu. Ah! tornou dizer ele, ah! a cama ainda não foi desfeita. É outra coisa, falava a mãe com sua maneira calma. Mas, ele já havia sentado na cama e tirava os sapatos jogando-os no meio do quarto. Você pensa que eu estou morto, não é verdade? Você pensa que eu morri? Pois vou lhe provar o contrário. A mãe estremeceu. A voz dele pastosa, arrastada, continuava inundando a casa. Ele falava coisas incompreensíveis, e de seus olhos saíam chispas estranhas. A mãe, andava pela casa, colhendo coisas, amontoando coisas. Às vezes vinha com um lenço esquecido no guarda-roupa ou uma xícara deixada no armário. Cuidava de não esquecer nada, nada, nada. Quando ele iniciou uma cantiga, eu tive medo. A mãe notou que a canção era dirigida a ela. E aos poucos, ele ia-se preparando para uma aproximação. Suas mãos caíram sobre os ombros dela. Uma sensação deveria ter-lhe percorrido a nuca. Ele sabia dessa sua sensibilidade. Abusava. Seus braços atravessavam-lhe a cintura. Começou por mordiscar-lhe as orelhas, o rosto. Ela reclamava. Ele mordida mais. Você pensa que estou morto, não é verdade? Não é isso, é outra coisa. Estou vivo, estou vivo. É outra coisa. Oh! replicou ele, vou-lhe mostrar. Tive a impressão de que a mãe ia chorar. Mas não, ela estava firme. Havia um quê que me dizia que ela iria lutar sem chorar e sem perder. Ela abafava o soluço. Você é orgulhosa, Maria. Não, não sou não. É outra coisa, você tem que entender. A mãe debatia-se quase sem forças. Eu olhava o tempo todo. Os dedos dele, impiedosamente, entrelaçavam os cabelos dela. Enquanto ela dizia não, ele sorria, e a puxava, como se fosse um animal. Gargalhava, arrastava-a para a cama. As mãos dele estavam cheias de cabelos. O pavor me paralisava. Ele a olhava com fúria de fera. Fungava como um touro. E enquanto arrancava a calça, a mãe levantou-se rapidamente. Chamava-a como louco. Corria daqui para ali, fazendo a casa vibrar como um trovão. Levou uma queda. Levantou-se furioso. A mãe tremia. Paralisada. Eu olhava de longe. Ele vinha andando. Ele podia ver

bem as feições dela. Deixou-se ficar. Parecia que ela pagava algum preço. Encurralada. Nada mais lhe importava. Ela seria arrastada novamente pelos cabelos. Ele ainda a olhava. De repente, esbofeteou-a. Uma, duas, três vezes. Talvez fosse uma fúria que ele não poderia conter. A mãe estava caída e ele batia ainda. Eu não sabia bem o que estava fazendo. A única coisa certa é que segurava a tranca com as duas mãos. Difícil explicar os olhos dele, quando se virou e me viu e sorriu. Difícil explicar, como consegui descer a tranca naquele espaço livre. Ele ainda me olhou, e foi caindo lentamente, caindo e levantando, tentando suste-se. Caindo primeiro as pernas, caindo depois os pés, caindo depois o corpo, caindo depois a cabeça.

- Ei, acorda, acorda.
- Estava tendo um pesadelo.
- Foi o que pensei. **Ja** passou?
- Já.
- Seu coração ainda dá solavancos.
- Isso vai passar logo.
- Vou pedir outra garrafa de vinho.
- Se nos atenderem. Amanhece.
- Sim, estamos entre o hoje e o ontem.
- Não consigo compreender.
- Compreender o quê?
- O sonho.
- Os sonhos, na maioria, são incompreensíveis.
- Por que será tão necessário a gente querer entender um sonho?
- Talvez, para se dar testemunho de alguma verdade ou de alguma ilusão.
- Não sei, minha alma ainda está lá. É como se eu estivesse presa. Dá para entender?
- Visitei várias prisões. Fazia parte do meu trabalho. Causava-me sempre uma terrível depressão. Às vezes acabava fazendo uma análise da sociedade e de sua força contra a expulsão de seus membros marginalizados.
- Acho que é assim que estou me sentindo.
- Os criminosos, os loucos, os velhos são elementos estranhos a esse tipo de sociedade.
- Pensei que você fosse incapaz de raciocinar desta maneira.

- Esse é meu outro lado. Achei que poderia passar esta noite sem revelá-lo. Mas você me obrigou a isso.
- Talvez, agora, será impossível uma separação de fato. Mas, continue falando.
- Isso dá um pouco de tédio.
- Eu estou desperta. Não importa se continuo me vendo aprisionada.
- Pergunte o que quiser.
- Não sei. Sinto-me confusa.
- A verdade é que o criminoso põe em perigo as bem organizadas estruturas sociais, para finalmente, depois de ser apanhado, ter sua vida sepulta numa penitenciária.
- Não haveria um modo de atenuar isso?
- Acho que não. Poderia pôr em risco a tessitura social estratificada.
- Antigamente, segundo a história, os corpos dos criminosos executados não podiam receber um sepultamento condigno. Eram enterrados dentro dos terrenos das prisões, mergulhados em cal viva, como se fossem refugos apodrecidos.
- Isso não está de todo extinto. É uma dura realidade. Penso que o sentimento de justiça é ainda muito incerto.
- Antígona era para os gregos a heroína mais justiciera, no sentido de sepultamento dos mortos. Enquanto Édipo vaga pela terra em busca de perdão, Antígona guiava-o em suas andanças.
- O perdão ou a morte seria a redenção final?
- É muito difícil responder. De uma maneira ou de outra há uma libertação. Parcial ou total.
- Batem à porta.
- Deve ser o camareiro com a garrafa de vinho.
- Devo precaver-me?
- Já não importa. Certamente ele traz também duas taças, e de qualquer maneira fazemos parte dessa sociedade.

Leve como uma sombra. Geométrica. Elétrica. Eu saía de dentro daquela sexta-feira. Andava com meus passos graves, sob o peso do corpo e da alma. Pulei a cancela da porta dos fundos, me escondi no quintal. Como uma cabrita mesmo, me esparramei de baixo da primeira sombra. E com um espeto, feito de madeira, comecei a riscar o chão. Escrevia algumas palavras. Riscadas. Esboçadas. Gessadas. Gravadas. De vez em quando, passava o lenço amarrotado pela testa e pelo nariz. Não me lembro bem do que escrevia. Aquele pedaço de chão riscado era um espelho opaco. Surpreendi-me vendo a mãe velando. Velara a noite toda. As três mulheres também. Um homem de chapéu e um velhinho, encolhido, miúdo, quase sumido. Falava sempre baixinho, o mesmo assunto, o grande assunto de Deus e da alma. Depois voltava a sentar-se e emudecia. É preciso resistir, diziam as três mulheres. Eu estava com um gosto ruim na boca. De vez em quando um grito escapava pela janela e batia nas folhas. Então eu olhava para meu espelho opaco, rachado, e via a mãe debruçada sobre o caixão. Escrevia mais algumas palavras. Andava novamente. Rapidamente, com meus pés graves. Deixei meu espelho e minhas palavras. Voltei novamente à sala. Uma das mulheres esquentava o café. Uma outra dizia que a morte tem que acontecer, e pronto. O jeito era ir-se conformando. Que Deus dava conforto. A mãe, as mulheres, e os homens desapareceram. Restou somente a voz de uma delas que dizia, menina quer café? Um cafezinho é bom, você está muito amarela. Estou bem, estou bem, muito bem. Me pareceram corajosas. O velhinho sorriu e se apagou. O outro homem dependurou o chapéu num prego. A mãe ainda chorava.

Fazia-me mal não chorar. Eu estava novamente com aquele amargo na boca, com mil coisas na memória. Fiquei ruminando acontecimentos. Devia aceitar aquilo na esperança de ter um novo sentimento de uma nova vida. Tinha que procurar fixar-me naquilo, não havia outro caminho. Deu-me vontade de sair dali correndo. A avozinha tinha o rosto com uma máscara. Nem alegre nem triste. Assim como fora em vida. Que mais poderia acontecer? Ela estava pequena demais naquele caixão. Isso me inquietava. Parecia um bebê. Por vezes, chegava até meus ouvidos uma música. Seriam os gemidos da mãe? Aquilo me enchia de ansiedade. Nesse momento sentia melhor a coisa. Inútil resistir. Já acreditava na morte como uma salvação. Uma fumaça começava a encobrir as pessoas, lentamente. Uma vela se apagara. E a outra também. Andava pela casa. Cheguei até o quarto da avozinha. A porta estava aberta como se ela acabara de sair. Entrei quase a pedir licença. Tive a impressão de que violava seus segredos. Velhas cartas lidas e relidas milhares de vezes. Um retrato na moldura. Ela era bonita. Devia ter vinte anos. Um rosário começando a sair sob o travesseiro. Um pedaço de melancia comido e outro inteiro. O penico debaixo da cama com a última urinada. Seu copo com pouca água. Alguns remédios. Uma metade de uma maçã. Sua tesoura. Suas agulhas de crochê. A canção, que ela gostava de cantar para mim, quando sentia saudades de seu tempo. Onde estava a vida de tudo isso agora? Dei-me conta de que ela acabara de deixar o seu mundo para outro menos incômodo. Aqueles objetos eram seus amigos e não reclamavam sua ausência. Minha memória dava voltas. Ela vinha sentar-se comigo. Tinha o rosto de cera, mas as unhas eram bem polidas e limpas. Pobre avozinha, como estava gasta. Seus cabelos pareciam que tinham sido molhados. Enquanto a mãe e as mulheres rezavam a seus pés, ela contava-me seus segredos. Sua voz era muito terna. Dentro do armário tem mais duas melancias. Deixei-as escondidas. Sua boca, com apenas dois dentes, mostrava um quê de matreiro. Puxou-me, pelo braço, brincalhona. Sua mãe não pode saber senão zanga comigo. Eu estava a ponto de sentir piedade de mim mesma. Agora a avozinha se foi, misteriosamente, de uma forma humilde. Abri o armário e lá estavam as duas melancias. O prato, o garfo, a colher, a faca. Restos de sopa. O tapete, feito por ela, aos pés da cama. A toalha. O lençol. Fragmentos de canções. A voz dela. Uma cadeira. Todos esses objetos silenciados. Imóveis. Abri uma gaveta. A camisola azul, desbotada. Um par de sapatos novos. Chinelos. Dois ou três vestidos de seda, guar-



dados com naftalina. Esses vestidos são seus. Pensei que ela tivesse voltado. As mulheres pararam de rezar. O corpo ia ser benzido. O silêncio fazia-se cada vez mais grave à medida que a alma ia sendo encomendada ao Criador. Uma voz prudente. Lia e fazia interpretações sobre céu e inferno. Era a palavra de Deus. Movia as mãos e a cabeça. Parecia querer atingir a todos com suas palavras e gestos. A avozinha continuava na mesma. Uma máscara. Nem alegre nem triste. Olhava-a. Pequeninha em seu caixão. As unhas polidas. Limpinhas. As três mulheres ofereciam café. Saí à procura de alguma coisa familiar. Continuei a andar. Esperava tomar uma iniciativa. O tilintilim de uma bicicleta aproximou-se dos meus ouvidos. Lembrei-me de que a minha há vários dias estava jogada. Um defeito qualquer. Fui buscá-la. A chave de fenda. Outras ferramentas. Debrucei-me sobre ela. O chão parecia ter o formato de uma meia-lua. Chave. Parafusos. Porcas. Martelo. Graxa. Chegavam mais uma ou duas pessoas e me rodeavam. Olhavam-me. Uma velha ficou parada perto do lugar onde minhas mãos se moviam para apanhar as ferramentas. Tinha sua razão para estar ali, dentro da minha meia-lua. Eu arrancava peças. Suava. Limpava o suor. Tinha novamente um encaixe. A velha me olhava, agora, com olhar surpreso. Chegavam mais duas ou três pessoas. Evitava-lhes o olhar e seus pensamentos. Minha mão buscava, ansiosa, encaixar um parafuso. Começava tudo de novo. Nem mesmo quando começou a chover fininho, e eu cheirava a suor e mofo. Logo vem o sol, respondia. Por que? — perguntavam surpreendidos. O velhinho passou a mão sobre meus cabelos. Entendi que devia estar na hora. Era bem verdade, pois o carro preto da funerária havia chegado. Deve ter havido movimento de gente que saía e chegava. O agente funerário sorriu-me tentando uma comunicação. Parecia que tinha uns lábios zombador. Fez perguntas a todos, e acabou concluindo que estava na hora. Os olhos da mãe deviam estar maiores, ao contrário do seu coração. Um grito ecoou consternando as pessoas. As peças da minha bicicleta estavam esparramadas dentro da meia-lua. Por ali havia rabiscos feitos pelos bicos dos meus sapatos. É bem leve, falou um dos homens. Nós dois damos conta. Dispersavam-se, desajustados. Uns vinham pelos lados, outros atrás do caixão. Rapidamente o caixão desaparecera do carro. Havia um pequeno clamor de vozes. O carro avançava lentamente. Eu tentava colocar a última peça. As mãos sujas de graxa. Várias pessoas olhavam-me irônicas, comovidas, surpreendidas, decepcionadas. O choro da mãe denunciava sua solidão. Tinha as marcas no rosto, onde os dedos dormiram. Recolhida. Indiferente. Eu tinha o rosto, a ca-



beça, o corpo em baixo da bicicleta. O carro marchava. Ao longo da casa, cheiro de velas e de rosas. Um ar azedo. Uma súplica. Uma prece. Uma risada. O carro dobrava a esquina. Passariam com a avozinha pela igreja? A casa em seu vazio angustiante. A bicicleta estava pronta. Poderia ver a escuridão da sepultura. O pequeno caixão no pedacinho de terra, jogado contra a luz. Pessoas que erravam por ali. Erguiam a cabeça, alheios à dor de mãe. Formigavam barulhentos. Certamente as três mulheres, o homem de chapéu e o velhinho jogavam punhados de terra, a mãe, certamente, caminhará e as pessoas se dispersariam. Alguém lhe estaria dizendo que a morte apaga todos os pecados. E que ela, a mãe, sempre fora uma mãe para a falecida. Isso deveria ser o bastante. A mãe saía pelo pátio sempre acompanhada pelas três mulheres e o velhinho. Eu havia saído de minha meia lua. Encostara a bicicleta em uma árvore e estava examinando seus raios. Os limites de suas linhas. O seu colorido. Fechei os olhos e estava pedalando como um mágico.

- Tim — Tim.
- Tim — Tim.
- Cruzamos as taças?
- É muito mais divertido. Assim damos a impressão de recém-casados.
- Você dá a impressão de que está triste.
- Hoje não. Agora não. Isso me acontece sempre, mas agora estou bem. Tim-tim.
- Deve ser isso. Tim-tim. Sabe, eu gostaria de dizer que a amo.
- Diz. Isso me ajuda muito.
- Quero dizer, que estou amando você hoje, estas horas todas, a partir de como você é, dessa forma quase indefinida de ser. Quero dizer, que vai ser difícil separar-me de você, assim, de repente, de uma maneira quase brusca. Está sendo difícil, acho que você está entendendo. É uma coisa mais para se sentir do que para dizer.
- Acho que, no fundo, temos muito em comum.
- Até esse jeito calado de dizer adeus. Você viu-me como sou. Nada mais que isso. É exatamente por isso, que estou aqui todas essas horas, segurando o tempo nas mãos, querendo ficar mais e mais. E o dia vem chegando, chegando, e o trem deve estar na estação.
- Trem? Eu sempre pensei que você iria de avião.
- Ou o avião no aeroporto, isso pouco importa. O que importa, é que preciso partir e quero ficar, pelo menos mais umas horas.
- Tim — tim.

- Tim — tim Quer dizer, que você já deveria ter ido embora?
- Era o que eu queria-lhe dizer. Mas agora, o que estou fazendo é olhar para você tentando dizer-lhe coisas que me são difíceis de dizer. Tim-tim. Acho que faço melhor abraçando e beijando-a.
- Gostaria de ir a algum lugar com você, assim, abraçadinhos. Caminhar por essas ruas, olhar dentro dos olhos dessa gente. Cruzar as principais avenidas, circular livremente. Sentar naquele café, no meio da praça, conversar e rir com você por várias horas, livres, livres. Tim-tim.
- Está querendo desafiar o mundo?
- Você se importa?
- Claro que não.
- Eu teria a certeza de ser eu mesma que estava ali, olhando aquelas pessoas de frente.
- Está bem.

Voltando novamente pelas mesmas ruas. Será possível a liberdade? Será possível que esses fatos que trago comigo estão sendo catalizados por essa gente? E o que será de minha memória? Do meu rosto, das minhas mãos? E essas janelas que se fecham como jogos de uma mesma carta. E essas crianças, que ainda nem me conhecem, atiraram-me pedras e se escondem. E esse silêncio absurdo do tempo, que bem quisera fosse do útero, que me envolve em círculos e círculos e círculos. Estou indo para um sentido mais próprio dessa imensa cidade. Que poderiam-me oferecer agora? A descoberta de uma nova infância se não passamos sempre de uma família discreta. É certo que as coisas mudaram e tornaram a mudar. Outro começo. Será, talvez, o resultado de uma possível anatomia desse bairro onde ainda existe minha casa? Terrenos conquistados. Reinos conquistados. Cada um desses moradores tem suas coroas na cabeça e o poder nas mãos. Talvez, fechem os olhos para continuar a viver no seu reino conquistado. Reis e coroas E dissimulam. E fecham portas e janelas e esquecem a coroa de fora. E jamais vão ao parque. O que há com essas mãos estendidas? Poderia ser também o limite da liberdade? Ou outra catalogação da memória? A janela abria-se para o pátio e abria-se também para essas centenas de mãos, que circulam estendidas. Os pequenos reis debruçam-se, agora, para ter a noção de uma terrível miragem. Sempre o mesmo jogo com o AZ de espadas. Cartas marcadas. Quem sabe, me identifiquem também, como um deles, ou como um espectro da morte. Quem sabe a peste. A cidade deve estar à beira de uma epidemia. Fecham-se as janelas. Os ratos se escondem. A morte está decretada. Os reis defen-

dem suas coroas. Por vezes, ainda têm a oportunidade de mostrá-las das frestas das janelas. *Aquela senhora deve estar usando sua memória, por isso mesmo foge ao me ver.* Tem um dos pés magoados pelo sapato e parece exausta. Tento mostrar a ela que estou na mais perfeita tranquilidade, mas ela foge como uma raposa, puxando uma das pernas e o xale de veludo, que lhe cobre o pescoço. Esse jogo até que me causou emoção. É possível que ele vá se repetir, todos os dias, nas ruas do bairro. É uma emoção de amor ou morte. O refúgio no interior dessa casa de lanche faz-me sentir novamente abandonada. Meu corpo se refugia enquanto o espírito vaga através de ritos confusos. Sento-me. Pelo menos sinto-me apoiada numa cadeira. Tenho a sensação de que iniciamos uma nova vida, eu e esse garçom, que pergunta se quero café. *Vozes sobem e descem no espaço. Entre as cadeiras. Mesas. Garrafas. Me ferem como lâminas. Go!peavam sempre. É isso. Me olham. Devo estar ensanguentada. Ou é esse reflexo de luz que me torna diferente. Devo estar em cores. Roxo? quem sabe azul ou rosa? Que cor teria o ódio? Será que me vêem de amarelo? O espírito já está de volta. Um regresso sem novidades. Apossou-se desse corpo repleto de palpitações. Pouco a pouco sinto a respiração desses outros corpos que me cercam. A claridade da iluminação no rosto deles. O mesmo jogo de sempre. A carta marcada. A mulher, como uma dama de copas, envolve seu rei, e se adianta sobre ele, envolvendo-o. Essa iniciação tolhe todos os meus gestos. O jornal. Leio o jornal:*

#### GREVES PARARAM A ITÁLIA.

Nixon desmente intenção de usar armas atômicas. O governo norte-americano desmentiu ontem as declarações feitas pelo futuro sub-secretário da defesa William Clements, perante a Comissão das Forças Armadas do Senado, segundo as quais os Estados Unidos não descartaram a possibilidade de utilizar armas atômicas na guerra do Vietnã, caso malogrem as negociações para pôr fim ao conflito.

O jornal tinha a violência de sempre. Sangue, muito sangue. O malabarismo inútil das palavras — Sangue. Cabeças rolando como bolas na lama. O ofegante prazer da vida ou da morte. Lama. Uma fusão progressiva de palavras. Promessas. Preciosa. Portentosa. Preguiçosas. O sangue coagulava. Há estrias nesse homem que olha e nessa dama que o envolve. Estrias de sangue na roupa do garçom, que se curva mais uma vez. Sangue em sua bandeja. Na bebida que tomo. Confusão de ima-

gens. Alguém me conduz para a casa da minha infância. Sou uma boneca. A velha Senhora Turin está me dizendo que é muito rica e que quando eu crescer, pura, virgem, obediente e sensata casaria com o filho dela. A mãe sorri iluminada. A boa senhora, rica, Turin diz que eu devia ir para um colégio interno e passar sete anos estudando lá, depois sairia uma moça instruída, pura, devota e humilde, no ponto para casar com o filho dela. Eu olho pelo descampado e vejo os homens armando o circo. Digo que quero ir ao circo. Vejo o circo. O circo me fascina. Sou menina ainda e estou consertando minha bicicleta. As pessoas que passam me olham espantadas. A descoberta é nova para eles. É certo que permaneço discretamente na minha meia-lua. Talvez seja difícil para eles aceitarem os fatos com desatenção. Ou será que se prendem a um fato por ser o invulgar do dia? O certo é que a sala estava esfumada. A avozinha estava em seu estado de graça. As peças da bicicleta, cobriam pequeno espaço de chão. O encaixe. Deveria encaixá-las. Isso poderia provocar minha liberdade, ou a liberdade daqueles olhos que se prendiam a mim. O velhinho sorria. Acariciou meus cabelos. Já não tenho o jornal nas mãos e nem a infância. Estou sentada novamente naquela cadeira da casa de lanche. Tomo uma bebida amarga. De qualquer jeito ela não me conduzirá ao nascimento nem à morte. Era isso. Levantar e andar. Que forma adquiriria minha história. E dessa cidade? Poder-se-ia fazer uma anatomia desses milhares de habitantes. Teríamos um livro repleto, uma humanidade nunca terminada. Estou andando por essas avenidas. Cerimoniosas. Ignominiosas. Irreligiosas. Reverenciosas. Luxuosas existências feitas de chaminés e velocidade. Mãos estendidas. Atravesso essas faixas brancas, com preguiça. Cintilações de vitrinas. Longos vestidos. Seios nus. O limite da liberdade. Perseguiu o sol, ou a neblina, ou alguma coisa que não tivesse tanta substância. Foi uma alegre alegria essa descoberta. Era uma busca, que iria terminar inevitavelmente no Parque. Já não preciso inquietar-me. A inquietação causa-me cansaço. Estou nesse começo de árvores e flores. De folhas e pássaros. Não há princípio de nada. Tudo parece interminável. Posso voltar a ser criança. Correr. Tirar os sapatos. Perseguir o canto da cigarra. Seria um jogo sem violência. Os objetos não adquirem formas bruscas de objetos. As mesas, cadeiras e bancos perdem, aqui, a sua qualidade na matéria pura e simplesmente e se transformam em seres. Devo procurar uma justificativa para isso? Talvez seja porque a luz desce das árvores. Ou junto com a neblina. Ou com essas florezinhas amarelas que rodopiam ao vento. O cheiro de suas pétalas se fixam no chão e na minha

- Já não mais precisamos acender esta luz.
- É verdade. Como também é verdade que jamais teremos essa mesma noite.
- Poderemos ficar esperando por ela, juntos.
- Nunca seria a mesma. É como no circo. Depois que se apagam as luzes e o circo fecha-se em sua lona, acabou-se. Quando no dia seguinte, as luzes acendem novamente, um novo espetáculo explode no picadeiro, mas nunca é o mesmo.
- O começo é sempre o fim de alguma coisa.
- É como se olhássemos para outra margem ou sermos castigados constantemente. O eterno castigo do viver.
- A platéia de atalaia espera o palhaço descer do picadeiro, arrancar a máscara.
- Pobre palhaço! sempre cheirando a tristeza.
- Você não gargalhava com as brincadeiras dele?
- Não conseguia. A mãe ria muito. Dava-me pena. Sentia, às vezes, vontade de chorar por eles, pobres figuras com suas máscaras vermelhas e brancas, a boca larga e o nariz de bolota.
- Talvez seja porque o palhaço é mortal como todos nós.
- Você devia pensar na morte dele. Isso lhe causava tristeza.
- Deve ser. Mas naquela época eu não tinha certeza de nada. Amava o circo em seu estado, e quando eles se iam, deixando um enorme vazio na praça, sentia vontade de abandonar tudo e ir com eles.
- Na realidade, minha menina, você ia com eles. É uma



pele. Posso senti-las. Nada mais que isso. Basta que um transeunte as pise e o momento se perde. É um jogo brutal. Seria esse o meu último despertar? Fecho os olhos. Eles estão cheios de água. Serão gotas caldas das árvores? Os olhos cheios de água. Fecho-os novamente. Vejo o circo. Coberto com sua lona. É uma imagem mal definida. Sinto arrepios. O circo chegou. O circo chegou.

certa obrigação que se sente para com eles, os artistas sem nome ou casa. Mas, não se deve esquecer de que são felizes.

- Creio que sim. A trapezista era jovem e tinha sardas no rosto. Sorria sempre e tinha as pernas lindas.
- São como os gatos. Têm agilidade e muito fôlego.
- E muita esperança.
- Brindemos uma última vez. Tim-tim.
- Tim tim. Brindemos um novo dia.
- Ou uma nova melancolia.
- Não está recordando os palhaços, está?
- Estou recordando a mim mesma.
- Devemos procurar, agora que o dia nasceu, nossas casas.
- Nossos caminhos. A mesma angústia de quando o circo estava sendo desarmado na praça. O enorme vazio. As pessoas ficando confusas, nauseadas, sem ter onde ir ou se encontrar.
- É verdade. Um novo amanhecer com riscos verdes, vermelhos ou pretos.
- Bem que poderia ser só azul.
- Bem que poderia.
- É o recomeço de tudo.
- De tudo.
- Gostaria de ir a um circo com você.
- Simpatizo muito com essa idéia. Quando eu voltar. Prometo.
- Se puder. Se houver uma segunda chance.
- Ainda estamos juntos. E isso é mais importante do que a angústia e incerteza do amanhã.
- A esta hora não costumo sentir frio.
- Venha. Chegue-se a mim. Assim.
- Meus cabelos estão secos.
- Você está linda.
- Sou uma mistura dessa noite e desse dia que já chegou.
- Uma mistura suave e agressiva ao mesmo tempo.

Desce da cama, dizia eu. Levanta. Desce. Descalça? a mãe poderia dizer. A luz vinha da exteriorização do dia. Alguma coisa perturbava-me. Uma incerteza ou uma certeza. O breve caminho da dúvida. A janela. O pátio. As inspirações vigorosas. Pulmões cheios. Expirar. Puxar o ar puro novamente. Precisava de coragem para ter ou não a certeza desse encontro. Abrir a janela. Descalça? a mãe poderia dizer. A casa ainda fechada sobre nossos sonhos. Imóveis, espero a minha própria decisão. Abro a janela. Vejo-o. Não havia dúvidas, as marcas de sua passagem iluminavam o caminho. O circo. O circo. Plantado na praça como uma grande árvore. O circo, crescido em sua armação de tábuas ferros, alumínio, como um gigantesco chapéu-de-sapo. O circo. Bandelrolas. Bandeirinhas. Os grandes artistas e suas glórias. O circo, o circo. Mãe, o circo chegou. A mãe espreguiçava. Vou passar o café. Mãe, o circo chegou. Está lá, venha ver. Ela não respondeu, chegou-se a mim. Olhava. Deu-me um aperto, assim nos ombros, como quem quisesse confirmar uma realidade. O calor de seu corpo ainda era forte. Como uma grande moeda antiga, curvada em suas bordas. O circo chegou. A mãe estava longe, falava para ela mesma, sempre apertando meus ombros. Adoro os palhaços. Ela ainda estava longe. Adoro os palhaços. Fazem-me bem. Voltou para seu lugar. Espreguiçou. Apanhou a panelinha, encheu-a com água da torneira, acendeu o fogo. Logo a água vai ferver, sorriu. Vinha voltando novamente. O circo. Aquele era seu sorriso. Esperta, corria com a arrumação da casa. Eu andava em voltas. Já sei, iremos ao circo. Adoro os palhaços, repetiu. Ela estendia seu braço, alisando colchas e travesseiros, empilhando-os. Suas pa-

lavras me pareceram áridas demais em se tratando do circo. Mãe, vai ter número de mágicas, um homem que come fogo, os trapezistas, dançarinas se equilibrando em cima dos cavalos, águas que dançam. Adoro palhaços, repetia ela, acudindo o café que derramava. Fazem-me bem. Entrou no quarto. O pai dormia. Alguém? perguntou ele mal humorado. Sou eu, a voz da mãe suave. Por que levantou cedo? Não é tão cedo assim, dorme mais um pouco. Entrou para o chuveiro. Eu ouvia o barulho da água. O corpo dela molhado. A água batendo em sua cabeça. Juntando seus cabelos. Estava enrolada em uma toalha. Parecia alegre. Os lábios roxos. A água deveria estar fria. Enxugava os cabelos. Vamos ao circo. Hoje. Falou sem me olhar. Parecia alegre. Nós rimos. Ela me parecia mais bonita. A mãe bem que poderia ter sido uma trapezista. Ela estava ali. Girando a toalha em seus cabelos. A exatidão de seus gestos. A precisão de sua fala. Antes que ela acabasse de secar os cabelos, falou no circo novamente. Não escondia sua emoção. O circo estava plantado na praça como uma esfera iluminada. Por que não chegava logo o momento? Oh! por que esse tempo não passa? A mãe ria. O espelho do meu quarto diminuiu. O quintal também. Escrevo alguma palavra no chão. Risco a árvore. Certamente marco algumas datas. O circo um objeto cinzento, volumoso. O sol começava a estremecer. Reflexos. Uma mulher gorda chegou à janela e gritou para dentro. O circo. O circoooooo. Correram todos os filhos e a empregada. Eu e a mãe avançávamos com esforço. As ruas estavam arredondadas de gente. Inquietação. Olhares espichados. Nada impede a multidão de caminhar. Parecem decididos. Eu arrasto a mãe, com pressa. Estamos no meio da multidão. A bandinha dobrava a esquina com seu dobrado. Cornetas. Bumbos. Pratos. Saxes. Tambores. Elefantes. Mulheres cobertas de lantejoulas. Os palhaços pinoteavam. Corcoveavam. Reviravoltavam. Piruetavam. Alegria. Energia de todos os lados. O povo aplaudia. A meninada gritava. Palhaço. Palhaço. Passavam. Dobravam outra esquina. Logo mais, às 20:30h, não deixem de assistir ao grande espetáculo de estréia do Circo Bacciochi. Disputamos um espaço. O trânsito congestionado. A mãe conseguia entrar na fila. Andava. Demorava. Seguíamos aquela linha torta. Iluminadas luzes que acendem e apagam. Circo Bacciochi. Havia dois homens de farda na porta. Mais adiante, dois ou três palhaços. Saudaram-nos baixando chapéus e as cabeças. Rimos. Sentamos, maravilhadamente, nas cadeiras de segunda fila. Nossas atenções cresciam em multiplicidade. Velhas senhoras nas cadeiras da frente ou em camarins especiais. As arquibancadas enchiam-se rapida-

mente. Grandes cartazes com retratos dos artistas. Para lá, no outro canto, como dois sinais de perigo, o Globo da Morte. Debrucei-me sobre esse círculo. Outros círculos se abriram. Dois homens ou dois insetos voando um sobre o outro. Meu coração partia. Será que o deles também? Fizeram o Nome do Padre antes de atravessar aquela portinhola. Era um exagero aqueles roncoss. Roncava. Roncavam. Os motores. Um passando pelo outro. Cruzando. Cruzados. O equilíbrio por segundos. Aranhas na teia. Impossível imaginar a passagem de um ou de outro. Ram. Ram. Ram. Ramramramramramrammm. Presos em sua teia de ferro. Carcaça metálica. Não haveria morte? Era isso que me preocupava? Pensava na morte de um deles ou dos dois. Por que aquele hediondo silêncio? Respirações. Tosses reprimidas. Suspiros. Moscas lançadas num copo. Seriam capazes de sair? E essa velocidade? Uma moto saía por onde a outra acabava de passar. O equilíbrio dos ponteiros. Um sempre mais rápido. Ras, ras, ras, raaaaaa. Velocidade. Violência. De súbito um embate. As motocicletas balançavam-se em curvas e semi-curvas, em linha reta, em linha curva. O roer das unhas. O roer. O roer. O roer. Fin. Final. Agradeciam os aplausos. Agradeciam. Agradeciam. Ouvia-se um pequeno som. Vai começar, disse a mãe. Música. Música. Os artistas se apresentam. Identificavam-se um por um. Conhecia-os. Os cartazes ganhavam vida. Gritos. Assobios. Aplausos. Alguém galgava um fino fio de arame. O trapézista se equilibrava. Foi-se o rumor. A cena se passava. A multidão com olhos fitos e aflitos. Equilibrava-se com uma sombrinha. Com uma cadeira, com uma bengala. Dava passos de dança. Dançava. Novamente o círculo da morte. Foi reconhecendo que ele poderia perder o equilíbrio e cair. Havia uma rede armada. Mas se ele caísse fora dela? Via-o como se visse uma ilusão, uma sombra que se movia com uma sombrinha. Uma sombra carregando uma folha. A folha caiu. A multidão gritava. A sombrinha caía como um pára-quadras. A mãe estava gelada. Ele continuava dançando. Abre as pernas e os braços. Equilibrava-se em um só pé. Equilibrava-se com a cabeça. Aplausos. Um corpo misterioso, cheio de ondas e de nervos. Os palhaços entram em cena. Fazem piruetas, arrancam gargalhadas. Saltos. Pinotes. Emboscam. Enroscam. Moscam. Roscam. Foscam. Saltos ritmados. A mãe acompanhava. As figuras moviam-se. Pequenas ou gigantes. Terminavam sua apresentação. Saíram. Somem por um corredor. Restou apenas um. Dá voltas no picadeiro. A imagem do seu andar lembra Carlitos. Uma bengalinha. Dá voltas com ela. Termina a primeira piada. Poucos aplaudem. A mãe ria com vontade. O palhaço dá meia volta

na pista. Por essa frieza? Ele se esforça. Põe-se em pé. Dá pi-  
ruitas no ar. Cai dentro de uma bacia com água. Sacudindo os  
fundilhos. A mãe aplaude as gargalhadas. Chama um outro  
palhaço e faz espirrar água de uma enorme flor em sua lapela.  
A mãe aplaudia sozinha. Seu corpo sacudindo. Os seios tam-  
bém. A pele suave de seu rosto, agora, iluminado pelas garga-  
lhadas. O palhaço termina seu número. A mãe aplaude ainda.  
Ele curva-se com sua cara de tintas brilhantes. Sua boca lar-  
ga. Sua tristeza interior. Ele se curvava, ainda, quase humil-  
de. As luzes se apagavam. O palhaço crescia no picadeiro.  
Um grande palhaço. O maior de todos. Aplausos frenéticos  
do público. A pele áspera e rugosa do palhaço abre-se ve-  
lada por um sorriso. O público frenético. Ele se curva pela  
10ª vez. Olhava para a platéia. Somente a mãe aplaudia. Ou-  
via-se aqui e ali algumas intenções de palmas. A mãe ria com  
gosto, com as orelhas pequenas iluminadas. O palhaço deu a  
meia-volta e ia sumir pelo corredor. Mas, não, voltou-se. Ei, você  
aí? gostou do número? A mãe levantou-se sobressaltada aplau-  
dindo de pé. Ouviram-se alguns estertores. Então veja. este núme-  
ro vai ser dedicado a você. Sem muita lógica, ou gestos, ou pala-  
vras, ou música, chegava ao fim de uma escada. Olhou a mãe.  
Ei, você aí, este número é seu. O mundo em baixo parecia ou-  
tro. Somente a mãe e o palhaço existiam naquele momento. Em  
pé no último piso da escada, ele olhava ainda a mãe. De repen-  
te, caiu para trás. Bateu no chão, em pé, glorioso. A mãe grita-  
va, bravos, bravos. Ele beijou uma flor e atirou-a longe para  
ela, sumindo depois pelo corredor. Ela falava, ainda, baixinho,  
bravos, bravos, bravos. Olho as jaulas. São elas que estão à mi-  
nha frente. Aconteceu, assim, num instante, como um anúncio  
na televisão. O homem e o tigre. Ambos enormes. Um homem  
prateado e seu chicote. O homem e a fera num pequeno espa-  
ço gradeado. Sugavam-nos para sua interiorização. Nunca ou-  
vira sons semelhantes. Em outras jaulas dois leões aguarda-  
vam sua vez. Patpitações. Insistência do homem. Resistência da  
fera. Insistência da outra fera. Chicotadas. Mordidas no nada.  
O homem sai e bate a porta. O mágico tira flores e coelhos de  
sua cartola. Transforma lenços em coisas coloridas. Um homem  
engole fogo. Uma mulher abre os braços num círculo que gira.  
Facas. Facas. Facas. Facas. Um serrrote serra uma mulher ao  
meio. Estalam-me os ossos. A mãe está aflita novamente. A gen-  
te se integrava e se afastava nesse jogo. Teriam repetido esse  
número quantas vezes? Imagens partidas. Reflexos. Um passa-  
do que é sempre presente. O circo se integrava temporariamen-  
te. Mãos dadas. Meia volta no centro. Aplausos intensos. Bailari-



nas, o mágico e sua cartola e sua mulher, o trapezista, o domador, a mulher serrada ao meio, os palhaços. Sairiam vitoriosos. Restou um. A mãe aplaudia. Ele baixou a cabeça. Olhou-a. Atirou-lhe o chapéu. O espetáculo terminou. Amanhã tem mais. As luzes apagavam-se. A mãe estava com sua iluminação íntima. O circo estava abandonado com suas armações metálicas, camarins, camarotes. Com sua lona. As pessoas se olhavam. Eu olhava pela janela. Deve haver um mundo lindo dentro dos palhaços. Me fazem chorar. A mãe, ria e não acreditava. É verdade, tenho pena deles, não sei. Acho sempre que, não sei dizer, acabou-se. A mãe ria ainda mais. Olhava o circo como um enorme caranguejo, com suas patas enfincadas no chão e uma bandeirinha no alto da carapaça. Olhava o circo. A bandeirinha agitada ao vento. Fechei os olhos e o circo batia suas asas para o espaço aberto, que ficava no limite do céu. O limite do céu. O limite do céu. Abro novamente os olhos. Um homem está de meio corpo no espaço do circo. Ergue a mão tentando alcançar a bandeirinha. Alcança-a. O circo vai ser demolido. O circo. Mãe. Despeno de sua pele. É um pobre animal despido. Seus ossos estão sendo desmontados. Sinto uma mortificação na garganta, na pele, nas mãos. O vento varre papéis e lembranças. A mãe está na outra janela. O pátio ia ficando vazio. Uma nostalgia. A mãe empilhando caixas e caixotes. A casa. Sobrando um pé de sapato. Uma meia, um lenço caído atrás da cama. Um velho xale da avó. O circo deixava restos de pipocas. Sacos de papéis. Restos de entradas. Alguns cartazes abandonados. Ei, você gostou do meu número. Ei, você gostou do meu número? A luminosidade apagada. Os animais dentro das jaulas. Indiferentes, um aflito apito. O circo, em pedaços, se movimenta. A multidão assiste impassível. Os caminhões passam. Nenhum adeus. Nenhum aplauso. As feras em suas jaulas. Fecho a janela como quem fecha uma caixa de brinquedos. Piso cuidadosamente um emaranhado de linhas. O mágico, o trapezista e o atirador de facas passavam atrás do outro, na mesma linha. Me seguem. Tinham as mãos vazias. Passamos agora um corredor e calmos no porão. O mágico tira sua cartola e faz nascer coisas. Tenho o colo cheio de coelhos.



Me despedia das coisas era a primeira vez tinha que me despedir desses objetos desse lugar mesmo desse quarto foi preciso que eu tivesse essa coragem e beijasse os lençóis a parte dele ainda quente o travesseiro como se fosse uma boca cantando um adeus sim nunca me despedi de nada como faço agora nesse momento duas dez vinte vezes e ele me olha e pede um último brinde e eu sinto um certo espanto pois as taças estão quase vazias somente um risco escuro no fundo um trago talvez um tim tim demorado como se esperasse promessas com esse tilintar e era como estar recebendo perguntas e não ter respostas porque pensar é uma coisa e dizer as palavras outra bem diferente e eu achava que não ia acontecer mais nada que tudo chegava ao seu ponto e gostaria que ele não notasse minha angústia aquela dorzinha que roía por dentro muito sobre o leve mais constante de uma constância irrevogável e não era tão fácil inventar sorrisos ou gestos naquele momento tim tim tim tim gostava de passar os dedos pelos contornos daqueles lábios e ele ficava assim meio parado deixando meus dedos brincar naquela boca esculturada por um bigode a barba por fazer os cabelos desalinhados pelo menos agora e no total era uma figura séria assim com um aspecto de santo deixava-se ficar quieto com os olhos fechados vendo talvez a concretização de seus pensamentos quem sabe escrevendo suas reportagens sobre a guerra a miséria humana ou sobre aqueles prostíbulos de quinta categoria e ele me via assim tentando adivinhar os pensamentos dele e por um momento tive a exata compreensão de que ele queria cair novamente naquela cama agora é ele quem aperta seus lábios contra os meus força um contato mais

íntimo para dizer da angústia do adeus ou de outra coisa qualquer me abraçava como quem abraça uma última esperança sei bem que já estava na hora e não haveria mais remédio que o cheiro do camareiro se instalara na porta e que o gerente tinha as mãos estendidas segurando a conta olhei ainda uma vez numa última despedida passamos pela porta e o camareiro nos saudou com meia curvatura e mais adiante o gerente nos apresentava um papel amarelo com uma porção de números saímos um pouquinho atrasados mas mesmo assim ele preferia andar a pé pela cidade muito embora o camareiro e o gerente ficassem parados tecendo infinitos juízos a nosso respeito e a dona que vivia ali naquela casa deixasse cair um beijo enorme à nossa passagem tivemos que ignorar todos esses pormenores e seguir em frente sempre abraçados e eu não podia descrever aqueles olhares quase agressões físicas eu não podia descrever aquele homem no seu Ford roxo não podia mais ele insistia em mostrar-se indo e vindo devagarinho com seu carro e sua estupidez estava sendo comentada vigiada haveria de ter perguntas e respostas e acabariam por concluir que o homem ao meu lado deveria ser um estrangeiro desse que não liga para as coisas mas que era bonito e sendo assim tão bonito não poderia ser tão bobo e eu fico pensando se meus olhos estão vermelhos e me sinto como se examinada por um regimento e que aquele homem do Ford roxo me aparece como um verdadeiro demônio perfumado e penteado com um jeitão de quem gosta de extravagâncias corri os olhos para os anúncios das lojas para o sinal do trânsito para os carros que não paravam no lugar certo invadindo a faixa dos pedestres do verde vermelho verde amarelo e sentia que por baixo daquelas cores havia muita significação era o que dizia naquele momento para ele e ele se espantava novamente com essas observações e ria e me apertava mais ainda aí então tenho a certeza de que não conheço essas pessoas que me olham são figurações estranhas como um batalhão de fantasmas voltando derrotados da primeira batalha pensa fechar os olhos e sentir que é a última vez o último abraço o último tudo sempre o último por isso mesmo tive para perguntar se ele me amava mas acabei por desistir que não era pergunta para se fazer no meio da rua em outro lugar qualquer fiquei com sensações estranhas uma certa náusea vai bem ele pergunta como se adivinhasse meu estado bato com a cabeça para confirmar e ele me aperta mais um pouco e pensava que bem que poderia morrer naquele momento e outra lembrança se formou rapidamente a do rapaz encostado à parede com aquela multidão em torno dele plantando-o ao muro como se planta

um pé de abacate e ele mirando-os nos olhos e pensar que ainda não se podia dizer que era um homem formado que tinha quando muito cheiro de homem escondi o rosto no ombro dele fugindo a essas imagens era uma coisa que me magoava muito me sentia muito por baixo ele passou a mão pela minha cabeça como a dizer sei o que está pensando sossega um pouco eu poderia dizer tudo vai bem mas não conseguia mesmo porque a náusea vinha voltando dessa vez mais forte ainda acendemos um cigarro parados no meio da praça ele meteu os dedos entre a língua e os dentes e soltou um longo assobio e logo em seguida um táxi freava com força para o aeroporto ele falou.

Rodar. Rodar. Rodar. O que se passa? Por que essa cidade não descansa e dorme? Somente o roer das rodas no rodar asfalto, como frases soltas, pensamentos soltos que não se formam. As vezes bastava isso, tombar meu corpo sobre o dele num entendimento mudo. Última hora. Olhar subitamente, suspirar subitamente, o cansaço súbito, o grito cansado. Ouço-o partir. Agora é a paisagem que vem em sucessivos lances e com outra linguagem, bem variada. Deixa, deixa. Leva, leva. Pareciam gritar. Essas paisagens são minhas, devo estar entre elas, no meio desse verde, dessas florzinhas. Ele me sorri. Um instante e teria acreditado que ele adivinhava coisas. O ar, o céu, a noite, as árvores, as sombras, carros, faróis, deslizando no espelho. Estou aqui, nestas paisagens, de onde não se pode ver o mar. Fosse o que fosse lá estava o aeroporto. Primeiro é preciso deixar os olhos bem abertos. Estremeço. Por que essa multidão? Aparições, gente daqui e dali. Guardas. Perdidos novamente? Calma, calma. Uma voz tentava controlar a multidão. Me mexia com dificuldade. Tinha medo de perder-me novamente com um pé de sapato na mão. Calma. Estou exigindo calma. Os ouvidos estão mortos. Tentávamos fazer um inútil caminho. As pessoas não se arredavam. Comprimiam-se. Comprimíamos. Eu tinha uma pergunta. Tento questionar. A minha pergunta. Devo exigir uma resposta. Que significa isto? Um avião cruzou o espaço com sua grandeza. Os olhos também. A lua parada. A lua fígira. A lua mensageira. O espírito também. Parecia terrível aquele piscar de luzes. Breve instante. O tempo exato. Estertorados rumores. O avião dentro da lua. Flutua. Bate as asas. Se curva. Ninguém me responde. Tenho medo de que ele se afaste. Se-

guro-o forte. Deveríamos procurar outro lugar, onde pudéssemos soltar os braços livremente, coçar as costas. O olhar colérico da mulher gorda. Tosse seca da mulher magra. Era tudo medido e controlado e ensurdecador. Rumor confuso. Quem sabe a noite espera. Quem sabe essa gente toda, bem tesa, vive atrás da porta e nunca chegam ou partem para lugar algum. Não há ninguém na sala de espera? Confuso. Confusa. Poderia dizer, por ali tem uma saída. Me olhariam espantados. Ou nem perceberiam. O risco seria demasiado grande. Deixem ficar deixem ficar. Calma. Calma. A voz insistia. O avião surgiu enorme em seu espaço. Frases. Sílabas. Lágrimas. Pausa. Não empurrem. Não estou vendo direito. Passou um pouco mais baixo. Eu deveria ouvir somente. Ouvir. Em outros tempos eu diria simplesmente: fica. Por favor, fica. Mas, era o meu passado e o presente é que deveria falar por mim. Fui me evadindo, lentamente, para não gritar. Sem memória. Uma memória murchada. Todos os dias. Um pouco mais. Um pouco mais. Estava à frente do meu presente. Deve partir? Nunca saberia a realidade. Deve partir? Uma interrogação entre o espaço e a consciência. Deve partir? Não há ninguém à sua espera? Posso mover os lábios e justificar sua posição. Como o pescador com seu anzol sofrendo o momento. Você espera grandes reportagens, poderia dizer. Mas, não posso mover esse pensamento. Não digo nada. Há sofrimento? O avião indo e vindo. As cabeças também. Os hoooooo! Os hiiiiiiiiiii.sssssssssssss! A mulher gorda torna a me enraivecendo com seus olhos. Tosse. Tossem. A noite tosse. Pelo menos disso tenho certeza. O avião tosse e se levanta pesado. Sirenes. Sirenes, cavando, chegando, gemendo. Branca e acústica. Reúne mais gente. Reunidos. Suspiram. Suspiram sim. Calma. Calma. Tornam a repelir. Calma. Um choro. Um consolo. Mergulho minha mão no bolso dele, como à procura de alguma coisa. Mas, é assim mesmo, preciso acreditar num outro instante, que não se parece com nada. Meus passos pequenos na casa pequena, a máquina pequena, as gavetas pequenas. Não vejo ninguém. Não vou ser incomodada. Abro as gavetas. Uma por uma. Meus dedos viram e reviram, inquietos, miuçalhas, botões coloridos, tubos, carretéis. Viro e reviro. Torno a virar. É minha fração de liberdade. Mais depressa como se fosse urgente encontrar alguma coisa. Os botões pareciam doces, mas eram botões e nada mais. Não sabia de onde tinham vindo, estavam guardados nas gavetas, nas gavetas. Irrepreensíveis. Tento encontrá-los. Encontrá-los. Encurralados novamente. Venham-me buscar. Venham nos buscar. Gostaria de dizer. A quem? À luz. À lua. À cara da lua. Beleza do céu. Recente. Decento. Coral. Ci-

dral. Baal. Fetal. Floral. Metal. Somente o coração não está lá. Estou novamente fechando os olhos, e ele me faz sinal de que está vivo. Me aperta. Dois homens brigavam por um lugar. E ao lado, quem sabe, outras brigas sucederam-se. Onde o lugar e a hora? Corpos ocupam seus lugares. Vivos, estão todos vivos. O avião surgiu novamente como um novo planeta. Quase calmo. Quase silente, quase dormindo. Bocas abertas. Baijou. Levantou. Roncou. Levantou cabelos e cabeças, frenesis. Continuava a abandonar aqueles olhares. Ho! Hui! Não sabiam dizer outra coisa. A gorda se benzeu, morrendo de velhas orações, de velhas lições, sem braços, ou pernas, ou mãos. Somente a boca. O mover dos lábios. Não sei, dizia para comigo, se estamos fora ou dentro da noite. O avião parecia surgir debaixo da terra. Faróis. O aeroporto iluminado. A velha cantiga dos motores. Esse era o momento. Era possível. Perdido de vista. Perdido na pista. Rodando. Roncando. Abrindo cavalos de vento de pó. Era como se estivesse entre eles. Alguém me afasta, tento meu lugar, me agarro a ele. O caminho não é meu, afastando ou chegando estamos juntos. Alguns solavancos. O avião está em terra. A parte da frente iluminada. Nenhuma espera. Nenhum desesperar. Tudo veio a golpes. O avião no chão. A multidão abandonada, retomando seu senso ou sua decepção. Nenhuma morte. A gorda falou.



Era natural aquela correria. O começo do começo. Voltávamos para os fatos. Meu Deus, os fatos. Um bom termo para ser usado. Um degrau de escada. Um entrar numa Igreja. Um entrar num labirinto. Táxi. Táxi. Recomeço. O arremesso aqui e ali. Lá em baixo a mesma paisagem, as mesmas pessoas. Quando voltaram a invadir-me? Táxi. Táxi. Meu corpo continua a viver a sua vida, a sua vida. Não depende de mim, nem dos meus pensamentos. Continuo a usá-lo, como agora, disputando um lugar nesse carro velho preto. Ninguém espera. Correm. Avançam. Disputam. Entram. Não cabemos todos num só táxi, mas essa verdade é difícil de ser programada. Empurram. Esbarram. Gritam. Lutam por um lugar. O carro balança, o chofer olha desanimado. Todos se encolhem, já não são seres com menos corpos. Se equilibram nos próprios membros. O carro dá partida, se arranca ziguezagueando, num percurso lento, pesado. Forte forma de se ficar atarracados. Eu esperava o fim com uma completa ausência de coisas. A memória, as casas que iam diminuindo seriam uma traição do tempo? Era como se eu estivesse nascendo de novo para as coisas. Tudo estranho. Estranhamente impossível conhecer aquelas pessoas agarradas a mim no táxi. Estranhamente aquela estrada, recortada de curvas, como uma arrumação estudada. Ziguezagueávamos. O carro jogava-se aqui e ali, contra meu sonho, meu escudo de luz. A janela caía devagarinho sobre a paisagem, o clarão dos faróis como uma nova ilha recoberta com vegetação rasteira. Tom sobre tom. Falas molhadas, suadas. Espantados. Modificando. Modificados. Alguns apanhavam seus embrulhos de jornais. Suas bolsas. Como se esperassem alguma coisa do frear brusco, gritaram, até que



enfim! O começo é aqui, nesse espaço, onde o jogo pode ser mais livre. Livre. Livre. O começo ou o recomeço de tudo. Som, bom, grão, tão, tom, quem, bem, chão, oh! eh! sim, vem, a névoa. E a legião dessas pessoas que andam e andam, com crianças às costas, não importando para que lugar, que espécie de viagem. Estou sempre recomeçando, registrando memória, aquela mulher ali viveu perto de minha infância. Ela se lembra? Se lembrará? Devo gritá-la? Possivelmente dirá que sou doida. Mas é ela, tenho certeza. Memória, milhares de páginas, de fatos. Essas imagens se formando na neblina ou dentro do espelho partido. Ei, menina, atira esse espelho no lixo, espelho partido traz sete anos de azar. Cicio, balbucio. Renuncio. A estação. O fim do fim. O ensino do começo. As palavras seguindo uma linha que vão terminar em outras paisagens, dirigidas a outros rostos. É o reinício de minha viagem. A estação. Centenas de corpos. A história comum de todos eles. Cruzavam a mesma linha da fome. A disputa, a divisão da comida. A briga. A rejeição do intruso menos pobre. Um lugar para espichar o corpo. Um lugar para se fazer o amor. Cheiro de azedo. Restos de banana, de arroz. Se agrupam. Vivem nas ruas, como uma feira de mãos, carinhas amargas. Algumas doces. Vão para nenhum lugar. Não partem. Ficam aquém. Nada além. Lá, acolá, em toda parte, eles estão adiante, ou um tanto atrás estendendo seu começo de unha-fome. Cruzam essas linhas, essas ruas, a estação, há quanto tempo? dez anos? Sempre morre um. O trem mata sua fome. Tudo isso é uma somatória do assombro. Entramos para as profundezas do som e da fumaça. Ele jogou seu paletó sobre a mala. Pensei que iria reclinar a cabeça. Cansado? Disse. Gostaria de entrar dentro da mala. Penso que queria estar dentro dele. Inicialmente, nos olhos, como um campo branco, então poderia conter minhas próprias experiências. A nudez de seus lábios. Palavras que estão sendo guardadas. Abraço-o simplesmente. Aqui também é o começo. Vejo a história privada de cada um com uma lupa. Lupus, lupi, lupo, lupum, lupe, lupo. Todos em ponto maior. Cada um com sua garra dentes ,em grau elevado. As moscas e as moças comendo pastéis. Os homens tomando café, acendendo cigarros. As fumaças se encontrando dentro de um círculo. Colocam a boca para cima atirando espirais que se desfazem. Existia uma pausa para que todos olhassem a máquina, que se aproximava lentamente. Meio esse começo de fim. Rumores. Corrida. Queda. Um mundo novo, vertiginoso. Ele parecia não ter pressa. Rumores. Corrida. Elevar de vozes. Estou segurada pelo seu braço. Queria livrar-me desse sentir, mas abraço-o. Fortemente. Queria livrar-me desse for-

migueiro, calmamente, sem notar os esbarrões e as desculpas. Com muita cautela, digo-lhes que gostaria de me livrar deles, que os via deitarem-se como máquinas, levantarem-me como máquinas, amar como máquinas. Será que me ouvirão? Será que me ouviram? Me empurravam. Sentiam seus suores fermentados com a química que vinha dos mictórios. Grandes letras. Eles. Grandes letras. Elas. Grandes figuras. Grandes partes especializadas do corpo humano. Deleitavam-se, muitos, com a paciência solitária do mundo. A locomotiva furava o cerco. Eu a via aproximar-se sozinha como os sonhos perdidos da infância. Por favor, vocês viram uma menina passando por aí? Por favor, me ajudem a procurá-la. O senhor pode esperar. Não faça o trem andar. Ela deve estar por aí mesmo. Era um enorme enigma aquela máquina. Chiiiiiiiiiiiiiiii. Jorrava água fervendo para os lados. Chiava. Era um enorme enigma aquela máquina. A fumaça que leva, vela, revela aquela aromada assistência. Palavras moídas, mordidas. Alguns desciam a escada que levava a outra plataforma. Alguém travava a língua, ou o coração, ou o corpo, ou as lágrimas. Palavras empastadas. Alguém adocicando o sorriso ou o sexo. Tremendo, contando, falando, prevendo, sofrendo. Eu estava dolorida dentro do beijo dele. Reconstruímos nossos sonhos num sopro. Num bafo, numa áurea de aroma, sussurrando coisas. Ainda não era o fim. Não era o fim. Fale-me de você, de seus planos, de sua volta, de nossa próxima vez. Vez. Vontade de deitar-me nos trilhos. Fale-me de você de sua volta. Ainda não era o fim e estava trêmula. As palavras petrificadas, congeladas, congelando, descongelando, virando fumaça ou máquina. Bem, disse ele, ou foi outra pessoa, teremos outras vezes, muitas vezes. Voltarei. Um gosto de sal nos lábios. O trem estremece. Eu estremeço. Começa a visão de meu sonho, na parte inferior do meu rosto, na ausência de qualquer outro alguém. Quem estaria marcando as horas? Logo apareceram estas pessoas, que enxugam os olhos com o lenço, batem as mãos e voltam para seus lugares. Será que toda essa gente se preocupa também? O trem titubeava. Vai não vai. Vem não vem. Vai. Vem. Eu querendo recuperar o tempo perdido. Por que dizer o que se pensa? Ele querendo deter-se no tempo. Por que não dizer as palavras certas? Poderia contar uma piada. Você não me contou sua história, disse-me ele. Está vendo? Não valia a pena. Sou como sou agora. O trem vai não vem. Vai, vão, vou, vale, cale, cão. Címbalos. Símbolos. Um momento de equilíbrio. Um momento de desequilíbrio. Os momentos se encontrando. Nós nos encontramos entre um e outro intervalo. O instante fixo. Aqueles cartazes com homens e mulheres fazendo o

mesmo riso. Os pontinhos pretos deixados pelas moscas, fixos, revigoravam meu último suspiro. Por isso minha voz e eu não éramos estranhas falando daquela maneira. O que não sabe se foi, o que não sabe se foi, o que não sabe se foi, foi, foi foi foi. Alguém tirava da bolsa uma caderneta e anotava: James Watt, de luxo. Forte. Fúria. A máquina James Watt ainda fazia o mundo rodar em rodas de ferro. Tudo muito ousado, como me prova esse álbum com muitas fotos. O início de tudo, das invenções, um passe o pelo passado, as coisas se aperfeiçoavam. As passagens. O arremesso do mal se projeta diante de nós. Corro para a janela. O barulho estranho dos passageiros. Ele também era um passageiro, de primeira classe. Eu pensava, será que ele também? Quero-lhe dizer algumas palavras em meia-voz. Mas é outra coisa que digo. Você está-me dizendo alguma coisa? Certo, não a esquecerei. Voltarei um dia. Viveremos novamente. Tudo. Certo que não o esquecerei. Mas, não é isso, digo que era um sonho, que gostaria de contá-lo. Nunca pensei que pudesse contá-lo. Volto a dizer, antes que a locomotiva se locomova, o sonho, de qualquer modo será preciso relatá-lo. Um grande estampido na rua. Talvez uma bomba, alguém correndo, outros gritando. Um grande estampido. Mal chego à porta, dois homens me acusam e me levam. Não sabia de que me acusavam. Me arrastavam pelos cabelos, embora eu me prostrasse. A avoizinha tentou impedir e foi arrastada também. Centenas de prisioneiros, enjaulados como animais. Juntavam-nos num único vagão. Dentro de um quadrado, como animais. Dentro das grades, como animais. O trem balançando. Nos outros compartimentos, podia-se ouvir um coro musical, que nos chegava como uma chacota. Quando deixarão de cantar? perguntava um homem. Pararam. Não se ouvia mais vozes. Não importunam mais, repetiu o homem. Mas há a presença deles por todos os lados. A avoizinha os sentia, sabia justificar o esquema das coisas. O trem à toda roda. O encarregado da vigia rondava. Espreitava. Posso fumar? Falou outra vez o mesmo homem. O guarda disse que sim, se se puder mover as mãos. Ele não podia. Calados os gemidos e as lágrimas. Eu tinha um dos fados despertos, mesmo com a fome chegando. Ouvia-se o roncar dos intestinos. Olho, com esforço, para os lados, somente rostos amarelecidos. A avoizinha é a única que tem resistência. Atravessamos uma zona perigosa. Nos revistam o corpo. Nos fazem tirar os sapatos e botar a língua para fora. Rostos de vidro. Fazia esforço para mover minhas pernas ou respirar um outro ar. O odor de toda aquela gente. Minhas últimas gotas de suor apagando-se no corpo. Como gostaria de voltar para casa ou para outro espaço. O vigia vigiava

nossas vidas e nossas fantasias. O lado sólido das coisas. A permanência, ali, naquela placa de ferro, fechada. Penso que isso não vai bem, que não vamos indo bem, que alguém está pedindo socorro, que uma moça desmaiou, que um velho está sendo erguido nos braços para não morrer asfixiado, e eu sinto uma enorme vergonha por não suportar uma pequena necessidade, segurar por mais tempo essa dor na bexiga, que se espalha pelo direito e esquerdo da barriga. Tento convencer-me de que esse pedaço do corpo deveria estar morto. Não devia senti-lo. No entanto sinto pínicar aqui e ali, minuto após minuto. Olho para frente e só vejo pescoços, cabeças curvadas. Tento dizer alguma coisa, mas a palavra era proibida. Falo ao ouvido da avozinha e ela insinua que tomaria conta do assunto. O que foi perguntou o homem. Nada, nada não. Bobagem de mulher. Essa paisagem fixa a noite após noite. Não havia lugar para outro corpo. O vigia se aproximava. A avozinha conseguindo que ele a ouvisse de bem perto. Olhou-me de cima a baixo, como a procurar a necessidade escondida entre minha roupa. Despia-me. Dim e dom. Dom e dim. Como comer uma fruta com veneno. Absorvia meu passado, presente e futuro. Sorriu-me um meio sorriso. Voltaria dentro de um momento trazendo nas mãos um penico. Parou, juntou as pernas e deu ordens. Afastem-se. Afastem-se. A princípio foi difícil para meus companheiros entenderem aquelas ordens. Afastem-se um pouco. Agora, virem as costas. Todos. Todos. Comecem a cantar. Não sabem cantar. Cantem comigo. Ele entoava uma canção popular. Todos cantavam com ele. As notas saindo fracas, estrebuchadas daquelas bocas. Mais alto. Mais alto. Forte. Forte. Não parem. Não parem. Estou pálida e sinto vertigens. A avozinha me ajuda a sentar sobre o penico. Um pequeno momento de fúria amarela. O som da canção e o som da urina. Vê, pensava eu, tudo em nosso corpo tem uma finalidade momentânea. Vê, deveria estar pensando o vigia, nada mais fácil que isso. Olhava-me? Com certeza ria de mim. Meus companheiros cantando. Eu não estou pensando em mais nada, somente naquele alívio. Como levantar? Continuem cantando, assim, assim. Alguém mais, gritou ele sem me olhar, sem notar minhas lágrimas. Eu, respondeu a avozinha. Eu, respondeu outra mulher. Eu, um velho que mal se agüentava nas pernas. Eu cantava, em coro com os outros, leve, quase livre. Um só é pouco, volto com mais. Não parem de cantar. Não parem de cantar. A música. As vozes. A música. As vozes. As vozes. Venho surgindo, ressurgindo por debaixo da terra. Sou uma lagarta que sobe por essa construção de metal. Tento colocarme dentro de seu bolso. O trem apita e me arranca a alma. Um



beijo ainda. O rosto dele na janela. Indo com a janela, em meio à fumaça, aos apitos, aos gritos. Nenhuma dor conhecida. E os deuses que não me amparam nem aparecem? O trem coriava meu adeus na primeira curva, apaziguando minha morte. Engolia meu abraço e meu beijo. Muda a minha mão, parada num gesto. Frio que me entrava pelos poros. Exposta à ruína do meu aspecto. Solavanco nos ossos. Chiar. Chiadeira. Faíscas. Plac plac plac plangente. Tuco, tuco, tuco, tuiuíú. Funga. Turra. Tururim. Turvação. Chocalhar. Tormenta. Tormento. Linhas. Cruzes. Trilhos. Trilhar de porteiros. Ficava, ainda, na expectativa. Pelo tempo ou para o tempo? Até quando? Meu espanto feito de que matéria? de dor? Longe, o trem. Longe do tempo. Não sei onde ir. Que me adiantaria moer o tempo? A gosma me vinha pela boca. Poderia dormir debaixo daquela luz e me apagar com ela, quando viesse a manhã. Longe o trem. Gosma na boca. Dentro de uma caixa de vidro. Aqueles passageiros eram a multiplicação do meu rosto. Fragmentos do meu ser. O corpo dele está longe. O meu no mesmo lugar, O meu no mesmo lugar, ou num profundo abismo. Olhares ociosos. Ansiosos. Eis aqui, em indiferente estado esgotado. Pessoas abandonadas ao seu destino. Cios abandonados. Olham-me com gula, sem poder acreditar em mim. Estou distanciada, olhando-me, e a estrada é como um espelho. Estou nela. Chamam-me. Chamo-o. E acredito que ele vem, e seguro minhas mãos e penso que são as dele, e conversamos coisas sem importância, e ele me diz para eu me agasalhar, faz frio, frio, frio. Mas, agora estou quase dormindo distanciada. Orelhas abandonadas, a cabeça voltando ao lugar numa espécie de coisa indefinida, e essas pessoas nascem novamente, com seus espíritos, alimentando-se de pequenos sonhos domingueiros. Avançam. Avançam. Um pouco apenas, e não querem voltar para suas casas. É fácil perceber que avançam o pouco apenas, o tanto-tanto para uma necessidade de urgência ou para ver o time de futebol. Depressa. Depressa. Essa gente prematura nasceu e se esqueceram de nascer. Têm o corpo grande e a cabeça pequena, calmamente concedem entrevistas para os jornais e se deixam fotografar. Quem se preocupa em ouvi-los? Não se lembram da morte, temem os micróbios e acreditam em Deus. Essas pessoas nasceram dentro da minha caixa de vidro. Não sabem para onde vão. Vomitam. Vomitam vermelho. Que é o efeito do cansaço. Vomitam fora do vaso e pedirão, quem sabe, perdão por fazê-lo. Vomitam, e por um momento são larvas, futuros insetos de parede. Pisam o vidro e se conhecem e se voltam e escorregam e caem e não se erguem. Tento levá-los com meu grito, mas já estão acostumados a ele.

Torno a passar, por sobre eles, meu ramo de espinhos, é pena não poder usar uma chibata com refrão nas três pontas. Para para olhá-los. Uma maldição. Quem lhes dirá uma palavra serena ou lhes mostrará que o horizonte pode ser visto de vários modos? Isso tudo me parece uma eternidade, e é bem possível que já não será necessário. Atiram-lhes pequenos pacotes de biscoitos, que caem no chão. Atiram mais e mais. Os que conseguem se abaixar vão pegando, os outros esperam vergados com o corpo e os olhos. Tudo isso se faz num pequeno espaço de tempo. Os atiradores de biscoitos se divertem com justiça e amor. É um belo passa-tempo. Mas agora estão desanimados. Não, não há brigas, disputam comida em silêncio, pois percebem que os biscoitos estavam velhos e mofados. Moscas lambem o suor dos corpos sujos. Aquele homem com um terceiro olho, que lhe cresce mais que um girassol, espera uma oportunidade para falar com sua voz fraca. Quer falar de si, de sua morte. Talvez pedirá piedade pelo olho que lhe escorre como um visgo. Ninguém deseja ouvi-lo. Nada lhes fará lembrar um rumo, um nome, um campo, pois não há crueldade assim tão fácil, e suas cabeças e bocas estão voltadas para todos os lados. A voz do velho, no entanto, deixa leves traços, ou é o ar que me vem de dentro das folhagens? Ou seriam as sombras? O garçom chamava. Hoje, a comida será assim, assim, assim, para amanhã teremos os mesmos pratos, com exceção das variedades de peixes que deverão ser pescados ainda hoje. Cheiro de gordura. Não era um lugar de todo impossível, mas não podia chegar até lá. Muitos disputavam uma vaga. O garçom chamava ainda. Dentro em pouco tudo estará acabado. Ouviram-se algumas interjeições confusas, um breve instante que bem poderia ser de uma mentira. O garçom ainda esperava pelos primeiros candidatos. Entram. Giravam. Registravam. Retorgiravam numa pequena cancela numerada. Giravam. Retorgiravam. Uma menina girava um caleidoscópio. Voltava ao ponto. Tornou a movê-lo. O trem seguia. Quem sabe ele estaria na janela. Quem sabe ele me via dentro da neblina, muito branca, como tantas vezes ao acordar de um sonho. Céu claro. Céu escuro. Uma noção muito breve do momento. Depois novamente o azul ou o preto. Nunca o azul sozinho. O preto tantas vezes. O trem seguia como um gigante negro. O tempo passava com ele. A paisagem também. Fitas. Fitos. Frios. Fios. Túneis. Terras esculpidas. Massa. Mármore. Ele melido em sua paisagem de guerra e miséria. Quem quereria uma boa reportagem sobre os dezesseis cadáveres insepultos? ou, quem sabe, sobre aquela mãe que está vendendo a filha a qualquer preço? E tudo parece estar

passando. Antigas pisadas. Novas marcas sucedendo-se. A menina girava o caleidoscópio. Ricardo Trevithich, locomotiva de luxo. Primeira estação. Sala de espera. Sanitários. Enormes edifícios, enfeitados com gaiolas. Carretilhas. Montes de carvão. Os carvoeiros desviando-se do caminho. Carvão. Montes de carvão. Pulmões de carvão. Olhar de carvão. Tosse de carvão. Alma de carvão. Em breve tornar-se-ão mais escuros, arrastando-se como duas filas de negros, em meio às galinhas, de cabeça baixa ou com os cães que transitavam por ali. Subiam. Desciam. Diminuíam de tamanho. Vinham em close, em zuum. Desapareciam. A menina girava seu caleidoscópio. O trem seguia com seu ritmo machucado, sem muita ternura. Transportava os escolhidos para um outro plano de vida, indeterminado, mas cheio de sentido, de esperança. O trem, vai não vai. Planto platina vache vache em seu equilíbrio de trilhos. Cavalo a galopar. Poracê. Orbicular. As luzes fortes mostravam o adiantamento crescente, o apito começa fino e longo. Sumiu na curva espancando o pânico dos beira-estrada. O fino e longo apito. Conhecia-o bem. Ei, menina, você não estuda? Está dormindo? Que tem você? Quer ver a Madre Diretora? O trem apitava longe. É o trem. É o trem. Trate de olhar para o livro. Só para o livro. E deixe de sonhar. O trem me entrava pela alma e me estraçalhava. Não podia conter as lágrimas. O que tem menina? Está doente? Quer que eu chame a mestra diretora? Sumiu na curva. Curvam-se alguns olhares. Cairá no abismo? Lambe-lambe, desafinados, por todos os lados. Agora, é a vez do gavião seguir em seu equilíbrio de asas e bico. Brilhava em seu vôo, vivo, como todos os dias, nesse horário. Atravessa o caminho das linhas e das curvas. Ele próprio uma linha e uma curva. O gavião. Gigante em suas asas e seu poderio. Palmas. O garçom o chamava com a voz e com as mãos. Dizia assim, numa voz desarticulada, gavi-lan, gavi-lan. Foi bem assim, que as mulheres levantaram-se dos seus lugares e puxavam os homens. Gavi-lan, Gavi-lan, Gavi-lan, vem, vem. Atirava comida pela janela. Ele brilhava no espaço. Guturando, planando. Comida, Comida. Meu rei. Para você. Cozido. Pão. Frutas. Carne. Oh! ele adora carne. Gostaria de abraçá-lo. dizia uma senhora. Parece um deus. Gavi-lan. Gavi-lan. O gavião movia-se esperto. As dimensões das cabeças nas janelas. Olhavam depressa, com medo de perdê-lo de vista. O rei. Carne. Carne, bastante carne para ele. Ele vinha e ia. Pouco a pouco parecia um risco onde o sol deixava guardar uma sombra. E os olhos, nas janelas, viam outras imagens, saídas de dentro da terra ou de dentro das sombras, colhendo daqui e dali o que havia sobrado do rei. E com muito espanto, pensavam em proteção maternal, e



se distraíram com a montanha que surgia livre, encobrendo a cidade. Gavilan. Gavilan. O garçom ainda chamava pelo rei. A menina girava o caleidoscópio. A brisa da memória. Súbita aparição de relevos. A neblina para onde correria? O Círculo verde de plantas e terras. Nenhuma corrida para o limite da liberdade. Nenhuma especulação nesse sentido. O cinza. Um espaço vago, os corpos que deveriam estar ali exprimiam-se em espaços indeterminados do tempo. Os sinais sem código definido ou sentido. Verde, amarelo, vermelho. Verde, vermelho. Olhos, vidros, olhos, vidros. Pessoas comuns, com suas roupas comuns, em dias comuns. Um jogo de dados por onde meu olhar passava. A menina girava seu caleidoscópio com mais vagar. Ele estava na janela. Seu rosto, contra o vento, cabia numa pequena caixa recortada de fios, fitas, filames, arames. Misturavam-se à vegetação ouvia a algazarra dos periquitos e se transformava em menino com a atiradeira na mão. Colhia pedra. Agora era um pastor conduzindo aquelas ovelhas. Ou, então, gesticulava com a mão respondendo ao meu adeus. Certamente ouvia meus gritos. Meus gritos. Fechados todos os caminhos. Eu deveria partir. Para onde? Sou um segundo círculo às voltas com o primeiro. Ou essas rodas de trem, em seu plec plec plec plec plec nauseante. Alguém conta o número de passageiros. Falta um, que certamente está na casa de banhos ou dentro da mala. O dedo vai apontando rostos. Qualquer que fosse sua intenção o dedo oscilava de uma para o outro. Contar progressivo. Não me parece que se importe muito com isso. Nem sombra de raiva. Talvez se sintam um pouco fracos. Ele, no entanto, não se deixa contar, mostra seu retrato, e sua documentação de correspondente de guerra e de outras misérias. Sorriam satisfeitos. Falta um. Dentro da privada ou da mala? A pergunta penetra os leitos, as classes. O trem segue seu belo caminho. O telegrafista, em seu ofício, noticia o desaparecimento de um. Plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec. Segue adiante. Plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec, plec. A menina e seu caleidoscópio intrigada com o construir e destruir de cores. É o preço do sonho. O preço de um minuto. Mudam-se as cores. Mudam-se os sonhos. Muda-se a idéia, mudam-se as tradições. O ar livre rodeava-me, e isso fazia acreditar-me viva. Fico pensando o que seria de mim se não fosse essa chuva que apaga meus sentidos. Fico pensando nas mãos dele em meu corpo. Quantas marcas. Podia durar um pouco mais, num plano particular, que envolveria casa cheirando limpo, comida no fogo e algumas rosas no jardim. Sinto que as mãos dele passam com doçura pelo meu rosto. Podia durar mais, até que

seria fabuloso. Tudo dentro do seu limite, como uma mistura de branco e preto. Quantas palavras não proferidas, juntadas e retidas na zona das sensações mudas. Eu estava um tanto afastada e acabava de encontrar uma espécie de quadro negro, onde se podia marcar o tempo com o auxílio de um giz. Já não precisava olhar para o céu. Ouço algumas palavras trazidas pela chuva, pelo vento, ou será minha própria voz? Não vi essas folhas secas caírem para cá. Eu dizia isso, dizia sim, que sonhava que eram minhas amigas e que me sinto bem com elas, sinto-me bem aqui, quase etiquetada como um objeto que se expõe dentro dessa cidade. A chuva me beliscava com sua frieza. De qualquer maneira estou na mesma posição anterior, agitando a perna da mesma maneira. O giro do caleidoscópio. O verde-medo. Face. Facho. Fábrica. Dado. Dedo. Charco. Ferro-Férreo. Ré. Ramal sem ramos. Rumores. Lodo Brejo. Rã. Arco-Íris. O trem trinando, passando do colorido verde ao amarelo, e outras cores que encontrava. A locomotiva atravessa o arco-Íris. Tempo fechado. A neblina ainda. Um vento arrebatava alguns gritos. O céu muda de tom. Tonalidade. Matéria condensada.

Sentada nesta estação. Sim, não, sim, não. Fingindo calma, atravesso meu tempo. Mau tempo, numa longa viagem. Que outra coisa poderia ser? Estar inteiramente parada sobre a intrigada estrutura de nervos, numa estrada sem saída, entre luzes fracas que somem e dessomem, num momento mais cedo ou num momento mais tarde, dentro do mesmo espaço. Se se pode descer mais, colher do chão fragmento de palavras ou as papilas da língua, pequenas glândulas que me transmitem o amargo. Movo-me. Cada vez mais depressa, entre o pensar e o não pensar. Não ser mais, ser, não ser. Pedaco de bronze ou de concha. Uma gradação de pontículos obscuros. É certo que ninguém me vê, assim como estou subindo-descendo ondas, que afinal podem ser magnéticas ou infernéticas, que me transmitem calor alternando com o cheiro mornoácido. É certo que ninguém me vê, assim como estou. Tanto faz ou fazia. Devo cantar pela última vez, que em todo caso poderá ser um alto negócio. Tenho boa voz, quem sabe julgar-me-ão uma cantora ambulante, com suas asinhas de anjo, perdida na existência. É certo que não canto nenhuma canção reconhecida por essa gente, mas, quem sabe, pode-se inventar um la-ri-la-lará, e os namorados se abraçarão comovidos. Penso que é disso que eles gostam, alguma coisa sem saída, um mundo a conquistar, mesmo sem dinheiro, ou o destino deslizante para o túmulo. Em outro momento, poderia cantar uma canção de ninar, daquelas pacatas, que andam esquecidas, assim poderia, com esse embalo, recompor minha vida, vendê-la, como uma carta aberta para o principal jornal. Tudo começou quando nasci ali, justamente naquela casa, entre dezenas de outros bebês que choravam. Eles pertencem

ciam à minha muda sorte. Ao despertar, no meio da noite, chorava. Estou transida de frio. Não me deixam em paz. Passam-me de um lugar para outro. Colocam-me dentro de uma estufa e eu sinto um cheiro de coisa queimada. Gostaria que alguém me apertasse e me desse o peito para mamar. Continua os rumores. Vive ou morre. Morrevive. Rostos secos com olhares secos me espreitam. Sinto que sou um rato. Mesmo assim, não me dão nada para roer. O coração batia-me mais depressa do que o dos outros bebês. Diziam que eu tinha a respiração mais apressada também. A avozinha tentava adivinhar meu futuro. Essa vai sair bem na vida. Tem cara de esperta. Parece um ratinho. Ela vai ser muito rica, diziam outras pessoas, aparentadas do pai. Bastavam dizer isso para serem aprovadas como parentes bem próximos. Era noite ou eu não enxergava bem? Fechada nesta estação, vendo o trem passar, vagão após vagão, balançando minhas pernas. Ou não é bem assim. Estou sentada num banco, na estação, vendo alguns homens tomarem sua refeição apressada. Isso aqui parece uma opereta onde cada um representa seu papel. Faço balançar minhas pernas de um modo estranho, talvez para mostrar que elas existem, e que nos pés tenho bonitos sapatos. Estou vendo outras imagens e é um trem que vem chegando com seu apito mítico e suas águas escaldantes. Suas rodas desafinam no som, fazendo requebros sobre os trilhos. Milhares de pessoas me acenam e seguem e vão. Estou numa profundidade. Ploc, ploc, ploc. Um morcego batendo asas na escuridão. Estou no fundo de um poço balançando as pernas para manter o equilíbrio. Estou no fundo de um poço, jogada, como um obscuro recorte de uma revista. Bem assim repuxada, rasgada, dilacerada até a parte superior da coxa. Movo-me em ânsias demasiadamente curtas, quase uma imagem de pedra. E esta formiga, precisamente sobre ela detenho meu olhar, como uma reconstituição de causa e efeito, sonha em levar às costas essa película, demasiadamente pobre, que caiu do meu corpo. Uma célula morta, retirada de entre os dedos, num jogo de isolamento, onde entra um certo odor pútrido, luxuriante. Aproximei-me o tanto suficiente para não assustar a formiga nem o pedaço do meu corpo. Era uma célula um tanto irregular, um tanto branca, um tanto morta, um tanto viva, mas sem brilho. A formiga levava seu tesouro. Agitavam-me. Agitavam-se. Agora, anuncio minha presença por uma tossezinha que me vem lá do fundo da garganta, às vezes surge alguém e se mostra normal e vivo. Nada digo. Nada dizem. O guarda-trem foca sua lanterna e me divide pela metade. Uma iluminada e outra obscura. O que poderia acontecer-me mesmo com uma das partes iluminadas?

O guarda-trem restabelece a ordem. Uma sucessão de locomotivas acendem e se apagam furiosamente. Em um outro instante, o carro roxo cruzou minha linha. O homem que está ao volante parece ter duas faces. Uma que se espalha pela terra e é produto de sua convivência com os clientes no banco. A outra, balofa e ingênua, para fazer sinais e mímicas, como se ele próprio fosse também um farol. Estou dentro do espelho do Ford roxo, decomposta em duas partes. Parada. Morta. Sem movimentos regulares. Ele solta uma baforada de seu charuto e o espelho se embaça apagando minha figura. Por todos os lados surgem admiradores de seu belo carro batendo palmas, como se ele fosse um herói das grandes pistas. Seu semblante muda de tom como um camaleão, seu corpo também em um outro sentido, nesse exato momento em que ele me faz sinais, pisca, repisca, tripisca, curetes, letes, zetes, gravetes, chumacete, clarinete, cavilhete. Quanto tempo levará para buzinar novamente? Não vê que os admiradores do seu carro roxo estão olhando? Sinto-me inteiramente indiferente. Quem sabe, pensarão que eu não sei o que é bom. Ele chama-me por símbolos. Algumas inscrições, desenhadas no vidro do carro, com palavras fortes. Ele exprimindo-se através de símbolos. É preciso pensar neles. Certamente não entende por que estou parada, morta nesta posição incomoda. Ele me vê através de seus óculos e se torna roxo como seu ford. Olha, seu olhar está me incomodando, tento dizer. Ele me responde com palavras brincalhonas, fingindo ser um feiticeiro, que conduzia as divinas damas para um local feliz. Entre, está dizendo ele, este aqui é o seu maior cofre do mundo, todo construído em bronze. Oh! essa carinha risonha. De qualquer lado que se olhe, vê-se montes de dinheiro. É isto minha befa, estamos pisando em ouro. Inclina-se e apanhava milhares de notas. Jogava-as para cima e dava pulinhos e hurras. É uma jovem e gostosa alegria. Abria portas e gavetas. Dinheiro. Dinheiro. Ouro. Ouro. Abaixa-se. Assim. Gatinhávamos. Éramos dois bebês à procura de um brinquedo. Colocava notas sobre nossas cabeças. É difícil manter o equilíbrio. Estamos pisando em ouro. Por aqui. Por aqui. Pode-se gritar. Pode-se gritar. Pode-se gritar. E ele gritava nomes animais, com barulhenta fúria. Uma vez, dizia ele, escrevi esse nome na parede, uma parede imunda, do grupo. Achava que ali tudo era mais imundo que a própria palavra. Escrevia sempre, sempre. A diretora me expulsou, mas antes, colocou-me na frente de toda a classe e jogou-me pragas e fez com que meus colegas me vaiassem. Todos me vaiaram. Todos. Aquelas meninas com carinhas mimadas, educadas por mãezinhas ternas e bem comportadas.



É agora, eu as trago, uma por uma aqui e esfrego esse dinheiro em todas as partes de seus corpos, e pergunto se elas se lembram disso, e elas respondem que sim, e acham graça, e riem bastante, e pedem para eu repetir essa história, e pedem para que eu lhes bata no rosto, nas nádegas, e se aconchegam em mim, com ondas de calor e histerismo. Ele gritava uma, duas, três vezes ainda. O grito repartido na porta de aço, insondável como aquele homem que andava de quatro fazendo beicinho de nenem rechonchudo. As palavras subiam para sua cabeça e suas mãos pelo meu corpo. E ele me via e me dizia bela. E dizia com grande alívio, que bom que você não pertencia àquela classe. Agora, nenem, vamos tomar champanhe e comer caviar. Mexericava por todos os lados, abrindo compartimentos. Isto aqui é grande como um navio, só que pisamos em ouro. Oh!, somos um par de piratas. Suas mãozinhas faziam cócegas em certas partes do meu corpo. De repente, jogava-me champanhe. No rosto, no cabelo, no ventre, num vai-vem de carinho, soltando gostosas gargalhadas. Depois, sentava-se sobre um montão de notas e chorava baixinho, e muito docemente enxugava meu corpo com um guardanapo. Cheiro de mofo. Cheiro de ouro. Cheiro de comida. Exposta como uma nota com areia por cima do sexo. Venha. Venha. Não, tenho medo. A mãe pode descobrir. Deixa de ser boba. Não estamos brincando de casados? Estamos ou não estamos? Estamos. Então? Você é minha mulher. Faça de conta que é de noite e a gente vai dormir. Dormir juntos? Claro sua boba, é assim que todo mundo faz. Vem. E se mãe vir a gente? Sua mãe está ocupada, vem. Vamos entrar neste caixote, abaixe-se. Agora eu junto esse outro e fica parecendo um quarto. Ponho a tampa por cima e fica parecendo noite. Viu? Ficou escurinho. Tira a calça. Tenho vergonha. Deixa de ser boba. É assim que todo mundo faz. A gente está casado ou não está? Cheiro de cola e madeira. Um cheiro esquisito que me dá uma coisa esquisita. Exposta como uma nota dentro do cofre. Ele falando, falando em milhões, milhões, Champanhe, champanhe sobre nossos corpos. O rumor de notas amassadas. Ei, chegue mais para cá. Assim. Você está-me machucando. É só um pouco sua boba, é assim que todo mundo faz. Tá doendo. Deixa eu tentar de novo. A mãe está me chamando. Fica quieta, senão ela vai nos descobrir. Fica bem quieta, assim, deixa eu tentar de novo. A mãe através da fresta do caixote. Era engraçado. Parecia dividida em duas. Uma que me gritava e outra que me olhava por todos os lados. Estou com medo. Se você não ficar muito quieta ela vai nos descobrir. Uma poeira fininha corrói minhas narinas. Milhões de notas sobre meu corpo. O cheiro de ma-

deira e cola. A mãe gritando meu nome. Tá doendo. Você está me empurrando. É assim mesmo sua bobá, todo mundo que casa faz isso. Faz mesmo? Faz. A mãe também? Claro sua trouxa, como você pensa que nasceu? Não sei. Todo mundo prá nascer tem que fazer isso. O marido com a mulher. Cheiro do dinheiro. Não o vejo. Não o ouço. Indago se existem outros ruídos, não é preciso esperar a resposta, porque a menina gira seu caleidoscópio. Plec, plec, plec, plec. Lamentações. Imaginações. Imagens. Ele e seu ford roxo se perdem no brilho de novas cores. E outra locomotiva, com pés cuidadosos vai abrindo caminho nos trilhos. Vai parando. Vai parando. Surge, então, em pé na plataforma, com todo seu esplendor branco, tartarugando em sua bengala de ouro, a velha Turin. E depois de verificar que mais ninguém nos ouviria, falou com sua voz forte. Ei, boneca! Sabe, você é uma boneca, quando crescer vai se casar com meu filho. Você quer boneca? Vai casar com meu filho. Você quer boneca. Quer? Não será preciso escrever o que estou dizendo, ouviu boneca? Isso é muito sério. Olha, boneca, você vai ficar maravilhosa vestida com finos fios de prata. Ouviu boneca? Você vai se casar com meu filho, quando crescer. Quando crescer. Era bem ela com seu chapéu florido na cabeça e sua bengala. A máquina bate os dentes sobre os trilhos. Partiu. Ela acena. Ouviu boneca. Quando crescer vai se casar com meu filho. A locomotiva vai soltando moedas de ouro pela chaminé. Não sinto nada. Não digo nada. Tento mover-me, mas somente minhas pernas obedecem. O resto do corpo está inerte, como esse olho fixo dentro da noite ou fora dela. Continuo sentada neste banco. Que mais importa? A noite dobrou sobre meus joelhos e sinto frio. Maliciosamente, outro trem se aproxima piscando seus olhos iluminados. Tento sair desse círculo de luz, mas vejo que estou nele, dentro dele. Sozinha. Com meus cabelos desgrenhados e as orelhas despregadas. A locomotiva mastina devagar sua caminhada, babando uma baba ou uma oração. Vem mastigando, espumosa, esparramando água e vozes. Ponta-seca, ponteal, ponteada, milificante. Bramido. Balido. Brazido. Tinido. Zumbido. Puseram uma bandeira para fora onde se lia: Circo. Todas as caras nas janelas. Quem quer rir como palhaço? Ou se emocionar com o trapezista, as dançarinas no arame, o domador de leões. Os super-homens do globo da morte? O circo surgiu como um ríscaro. Para onde estava indo o circo? Por que não desciam? Renasciam minhas esperanças. O grande circo. Mas, por que não descem? Sim. O palhaço já está por aqui, chutando as pedras do caminho. Balançando-se com indiferença. Ele estava mudando ou não se importava muito em fazer graça?



Já não exhibe suas bochechas. Agora sim, mostrou as faces pintadas de branco e vermelho e o nariz de bolota. Curva-se todo para o meu lado como se obedecesse a uma balata de um maestro. Saltos, ele está como naquela noite. Leio: o rei dos palhaços em letras vermelhas. Ele cruza meu caminho e curva-se novamente feliz. Vejo, surpreendida, que é para alguém que está sentada ao meu lado. Como não percebera que era a mãe? Bem que via aquele penteado, que fazia redonda sua cabeça. O palhaço mostrava algumas curiosidades de sua carreira. A mãe sorria, agarrada em meu braço, vestida com seu vestido azul. Ei, você aí, gostou do meu número? A mãe dizia que sim, sim, que sim. Ei, você gostou do meu número? A mãe batia palmas dizendo que sim. Nunca mais vou desapontá-la. Tenho andado no mundo dos outros, vivendo debaixo do céu deles, mas, afinal, tenho minhas opiniões. Espere. Este número é só para você. Ele sobe por uma escada, ofegante. Chega às alturas. Vira de frente. A mãe sobressalta-se. Ele joga-se de costas, dá uma pirueta, e cai em pé. A mãe engole a saliva. A mãe está maravilhosa. Ele faz medidas como se estivesse, pela primeira vez, diante de uma rainha. A mãe aplaude. O trem uiva seu longo uivo. Pobrezinho, a mãe falou. O palhaço ainda se curva, dá um salto e com a mesma agilidade cai na plataforma do trem. Gostou do meu número. Gostou do meu número, grita ainda para a mãe. A locomotiva amarela, como uma tela estranha, desenhando um palhaço em branco e vermelho. A boca larga, o nariz como um rabanete. Ele estava num novo despertar, como uma manchete de jornal. Como antigamente, ele poderia ser aplaudido. Súbito, seu corpo, pela metade aparece na janela. Ele faz por acientar-se. Fora. Fora. Fora, palhaço, gritavam sempre sem parar. A luz balançava a cabeça do palhaço. Seus braços fora da janela como duas paralelas cortando o vento. Seu corpo bamboleava em uma pose acanhada. Fora palhaço, fora. A mãe o acudia com seus gritos de misericórdia. Fora palhaço. Fora. Seus braços e seu corpo soltos no ar como uma roupa usada e atirada fora. Estava muito acima de nossas cabeças. Sua cabeça redonda rolando no espaço. Fora palhaço. Fora. A locomotiva passava. Tuíuiuva temerosa. Traque. Traque. Traque, Taxixava. A mãe em crises de pranto, saiu por ali resmungando. Fumo um cigarro, sentada no banco. Somente um homem me olha. E estou vazia. Parada. Que poderia significar esse olhar em meio a esta neblina fria? Ainda me olha. Quererá comida? Poderia ter ido ficar de pé em frente do enorme portão da casa real. Não me responde com os olhos, nem com as mãos, nem com a boca. Quererá comida? Belo momento para se pensar no corpo. Nada sei so-

bre ele. Sei tão somente do sol e da noite, e que ainda um instante aparecerão os pássaros, depois os urubus. A memória gira como cale doscópio. É como sonhar com o crepúsculo. Entretanto crianças correm atrás de borboletas. Assisto à passagem desses copos que voam com as mãos estendidas. Entram em um pequeno bosque e sinto pena por não ver mais aqueles rostos. No entanto, uma figura ficou do lado de cá e chama por um nome. Dentro em breve como se fosse uma propaganda mostrada pela televisão, vai aparecer um garoto, de calças curtas, correndo em câmara-lenta, mostrando seus belos dentes, enquanto a outra câmara focaliza flores e frutos, e uma legenda dirá ser o hora do futuro. Tudo acabava bem. Agora, um homem caminha na estação com um ramalhete de flores. Deve estar esperando a namorada. Há vários rostos na estação dependurados como retratos na moldura. Uma mulher com seu cachorrinho, que por certo valeu cinco milhões, dá de comer ao cãozito uns pãozinhos cheirosos. Uma locomotiva se aproxima cheia de curvas e suspiros. A emoção se apossava daquelas pessoas que jamais chegarei a conhecer. Arrependo-me de ter dito isso, pois o meu nome está sendo chamado através de um microfone, e todas essas cabeças se voltam para mim, num instante. Estou um tanto deslocada, tento puxar o corpo com as pernas, as mãos. Vou, não vou. Em meio àquele gente, surge a figura alegre do Lorinho. É ele quem me chamava pelo microfone e agora vem andando carregando seu ar de menino teimoso. Estou parada, esperando-o. Até que enfim, sua voz grave e baixa. Reconheço sua roupa, sua maneira de conduzir os passos e de mover a cabeça. Você não devia ter vindo para este lugar. Estamos quase imobilizados nesta mistura de tempos. Ele, agora, é como uma espécie de luz. Caimamente, me conduz para um lugar distanciado. Um rebanho de ovelhas anda pelos campos, e não muito longe, um murmúrio de rio, mais adiante algumas bananeiras soltam cachos, arroxeados. Estar ali, entre o rio e as pedras e o canto dos pássaros, desaparecer em meio à vegetação. Ele voltaria dentro de alguns minutos com algumas frutas colhidas no mato. Nunca mais deveríamos sair dali, ele dizia, enquanto acendia o fogo. Nunca mais deveríamos sair daqui. Nossos pensamentos vão nascendo e morrendo como esse longínquo resmungar das águas em meio às pedras. A minha voz, a voz dele, as nossas vozes em círculo, rumo ao mar. Tenho os olhos fechados para melhor ouvi-lo. Está falando sobre a reunião do clube, sobre a minha fantasia de porta-estandarte, sobre a marcha-rancho. Ele exprime o desejo mortal de me tornar rainha da festa. Feche os olhos, dizia ele. O bloco desfilava pe-

las ruas. Estávamos tendo nosso momento de glória. Ele de guia e eu de porta-estandarte. Era divertido. Estávamos em vários lugares ao mesmo tempo. Aplaudidos, fazendo evoluções muito loucas, deslizando em sonhos, confetes e serpentinas. O ar quente do salão, a orquestra parando para nos receber, os aplausos que se seguiam por alguns minutos. Ele ainda me faz perguntas: Seu rei fala. Fala. Falha. Farfalha. Brinco. Cinco. Trinco. Vinco. Zinco. Rincho. Relincho. Pincho. Respondo que sim, que sim, que sim, que não haveria motivos para receio, que eu seria a porta-estandarte. Ele me abraça e diz ainda que sou sua vida, seu mundo, seu mundo. Agora, não éramos mais que duas figuras debruçadas cada qual em seu mundo. Revivo sempre a mesma história. O despertar causa-me pena e dor. Dentro em breve será dia novamente, ou noite, a menos que eu tenha mudado de posição. Estou sentada neste banco e permaneço na posição anterior. O chefe dos serviços está impaciente com uma locomotiva atrasada. Há uma contínua comunicação. Intimidade. Identidade. Aí então me voltei e reconheci muitos daqueles perfis, daquelas roupas, daquele cheiro, como uma garantia de imortalidade. Falei por mim mesma. Paz e amor. Paz e amor, disseram todos, e sentaram-se unidos. Flutuamos por um espaço aberto sobre nossas cabeças, chegamos às montanhas. Aqui não se paga imposto, nem há nomeações de qualquer cargo. Escalávamos algumas montanhas azuis, virávamos flores, sons e cores. Deixava-nos ir, flutuando. Ouvei alguém dizer, que aquilo não era por muito tempo. Não acreditei muito nisso. Então repetia a palavra doçura, que bem poderia ser mágica, paz e amor, paz e amor, paz e amor, ou, eu os amo de todo o coração. Mas afinal, estava sendo levada pelos cabelos para outro mundo, onde havia disquedisque, juízes, réus, manchetes em jornais. Não tínhamos voz, esquecíamos de conversar, falávamos com o corpo, por gestos, ou simplesmente nos focávamos. Aqui se contam os dias. Isso é perfeitamente possível, quando se pensa em ansiedade. De qualquer forma marcam a existência, e posso chegar a essa conclusão graças aos acontecimentos do dia e da noite. Poderíamos subtrair uma média entre essas antemanhãs, pós-manhãs, ou transmanhãs, assim ganhava-se tempo. Afinal o tempo. Aí o trem dá o seu acorde. Eles saúdam-no com uma oração cordial. Despedem-se e saem puxando seus instrumentos. Têm olhos vermelhos, acenam de longe. Por que partir? Por onde? Virando-me, poderei vê-los ainda por alguns segundos. Mas, estou do lado contrário, nessa fosca luz, que me protege os pés. É preciso dizer que não estou só. Quem está se escondendo de mim? Espreitam minha agonia. Não

vou gemer. Julgam por acaso que vou gritar? Estou ouvindo-o. Não lhe reconheço a voz. E como se isso não bastasse, não lhe reconheço a figura. Pronto, acabo de vê-la. Preciso de uma pausa. Isso me parece impossível. Deixa-me falar. Nada tenho que ver com isso, não mereço ser castigada. Sei que alguém vai contar uma história. Claro, que eu mesma contarei. Não faça isso, você deveria ficar calada. Não adianta ficar nesse jogo de palavras, estou às vésperas de minha desgraça. Sejam sinceros. Saia dessa sombra com as mãos para cima da cabeça para que eu não tenha medo. Vou ficar com os olhos bem abertos. Eu me ajustava tão bem com aquela professora, era a única que me visitava e me levava um álbum com sua fotografia no dia do meu aniversário. Eu lhe levava flores. Você não pode destruir essas flores, não pode mastigá-las, são para a professora. Eu, miava de cólera, você me dizia coisas da boca de esgotos. Em classe você me vigiava. Vigia minhas palavras, meus gestos. A professora podia ver logo pelos meus olhos que tinha alguma coisa para dizer. Há um pequeno zun zun zun. Ela esperava por minha fala. Falo, não falo. Os outros colegas queriam falar por minha boca. Esperavam. Digo, com certa dificuldade que você organizava as desordens, que comia as flores. Sim, era o que ela esperava. Era de tarde e o sol estava estranho. Você estava estranhando, ajoelhado debaixo do quadro de giz. Mesmo de costas, sabia que você me olhava com fúria. Meu coração queimava. O vento juntava minha voz e eu estava novamente acusando-o diante da diretora. Você disse baixinho, que chegaria minha vez. Era só esperar, e duas lágrimas corriam pelo seu rosto. Não devo continuar. Tenho medo de prosseguir com meus pensamentos. Gostaria de vê-lo sair dessa sombra, com as mãos por sobre a cabeça. É claro que vou continuar, mesmo agora, que todo o meu corpo treme. Vou para meu lugar, muito santamente, depois de deixar as flores com a professora. Vou sentar em minha carteira. Mas, afinal, por que deixaram esse embrulho, onde devo sentar-me? É um minuto exato da visão, da grotesca figura embrulhada em um celofane que num instante salta sobre mim. Essa dor iria ficar em mim pelo resto da vida. Vejo sempre o sapo saltando em sua forma grotesca. Viscosa. Pensava não sair daquela escuridão. A luz desaparecia e tornava a voltar. A voz da professora desaparecia e tornava a voltar. A sirena da ambulância aparecia e tornava a voltar. Meu corpo cai como uma sombra e não se levanta mais. A massa informe está fixa nele com dois olhos esbugalhados. Sapo, sapatado, sapatola, sapo cururu: Meu grito e minha consciência vão para um lugar inexplicável. Você está longe, apavorado, com os



dias, as noites e as horas. Por que não morrer? Milhares de sapos dentro do meu corpo, olhando para fora. Como se estivessem numa janela de um quarto escuro. Milhares de sapos sobem pelo meu corpo. Sapiãos. Sapinhos, sápios, sapo-bufo exibindo suas paratóides sua forma pesada, pele lustrosa, olhos dourados. Eu me transformando em pequena presa sendo caçada por eles. Veja, pegue esse anzol, é assim que se faz. Agora, ele ficou reto, parecendo uma finca. Enfinca essa parte nesta taquara. Veja, a arma está pronta. Acho que vou ter dó das bichinhas. Deixa de ser boba. Caçada é caçada. Lá está uma. Vamos andando devagar. Segura a lanterna. Guasch, cuach, cuach, chachssss. Se escondeu no brejo. Fica quieta, é só esperar um pouco que ela volta para pegar os insetos. A chuva batia seu fino som. Tem, tem, tem, tem. A vida larvar aquática exposta num rosário de ovos. Girinos, quase peixes. A metamorfose. A larva crescendo, se transformando na deusa Tosi. Veja, elas estão saindo novamente. Procuram os insetos. É a sua vez. Tenho medo Loirinho. Medo de que sua boba. Ela pode saltar em mim. Vai firme. Isto, chega bem perto. Foquei a lanterna nos olhos dela, assim. Não tem perigo que ela não se mexe. Aproxima-se mais. Agora, espeta de uma vez. Graaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Loirinho, ela gritou como uma criança. É assim mesmo. Veja, os dois peitinhos, dela, parecem duas unhas. Toma a faca, corta-lhe a cabeça e as mãos. Não tenho coragem. Deixe que eu faço isso. Ela treme toda, muito branca em sua brancura nervosa. Sinto cheiro de pimenta. Vou espirrar. Estou espirrando. Despe-se esse couro como se fosse um macacão. Veja que lindo corpo. Parece humano. O coração da rã pulsa fora do corpo, sozinho, em contrações sucessivas. A luz o torna quase irreal. Estamos de acordo. Tudo em acordo, tal como essa noção de vida, pulsada por ritmos intermediários, comprimindo-se e voltando ao normal, por um espaço de duas horas. Com que palavras poderei dizer que ouço esse coração e suas batidas acompanham meus olhos até o brejo, despertando uma cantoria infernal. Como que atraída por uma repulsa, tomo da faca, e em minha calma mais longa, perfuro-o por todos os lados. Mas, ele ainda pulsa. Pulsa, desordenadamente. Foca a lanterna aqui. Aqui. Outra. Outra. Corta-lhe o pescoço. Ela abre a boca o mais que pode, enquanto o sangue corre pelos cantos, como uma baba. Musgo, visgo, gosma, losma, brejo, lama, sangue. No meu corpo recomeça tudo novamente. Os sapos rafam pelos meus membros. Preferem a parte inferior. Tento assustá-los, mas eles saltam ali e acabam escondidos entre minhas pernas, introduzindo-se por debaixo da roupa, deixando-me com temperatura diferente, fria

e quente ao mesmo tempo. Outros sapos menores preferem minha cabeça ou se instalam no meu pescoço. Sapipo, sapiranga, sapirão, sapixorum, sapocado, gritando como sapopé. Caçotes, rararararararararararararararararararararararaaaaaaaaaaaaaaaaaa Eu estava sendo rabejada como um rato rábico. Racoforó, racofiró, sapoooooooo. Eu estava morrendo, crivada de crocas, com o corpo esverdeado, manchado de negro, com uma faixa clara no ventre e a pele cascorenta. Tudo recomeçava na cabeça. As palavras do médico, dizendo que o perigo ainda não havia passado, mas que estava sentindo-se aliviado aquela manhã. Salto. Salto. O sapo saltando sobre mim. Fixo. Fixo. Fixo. Crucifixo. A mãe rezava. A professora rezava. Você chorava. Uma semana passa depressa. Duas semanas passam depressa. Dois meses passam depressa, muito embora as noites sejam escuras. Você está curada, vem minha flor, vamos voltar para casa, para a escola. Arrastam-me pelo longo corredor. Minha primeira surpresa foi o sol. Há quanto tempo não via o sol? Aleluia. Aleluia, aleluia. A avozinha falava. Agora, você está aí novamente em cima desse muro, protegido por esta sombra, com seus olhos grandes, em busca de perguntas e respostas. Eu estou aqui em baixo, como presa no elevador, esfarelando-me igual a um fruto que se abriu e apodreceu debaixo dessas estrelas, que tremem e retremem. Em todo o caso é o momento. E eis a neblina novamente. Fico imóvel, esperando-o. Quem vai iniciar a partida? Sejam os espertos. Vamos nos colocar frente a frente. Quem? Faio eu? Fala você? Fôssemos nós dois, fossem mil, fosse apenas eu, refazendo o mesmo caminho, vivendo ainda uma vez, uma vez mais. Tentarei não me aborrecer, não ter medo, um pouco de coragem. Você está à minha frente neste espelho escurecido pela fumaça, tentando uma posição mais favorável para que eu possa ouvi-lo, nessa linguagem de sonho.

Esta bala imersa  
 Na pista  
 esta bala submersa  
 Na crista  
 Esta bala abala  
 A controvérsia  
 Abala esta bala  
 Babala o verbete o verbo  
 E o verbado  
 Esta bala cabala  
 Cerceia a inércia  
 Esta bala baba

Áspera conversa  
E acerca e esterca  
O rio e a América.

Havíamos começado de qualquer maneira, alguma coisa naquele momento. Sua linguagem de sonho, como um mal de espasmo, perturbava grandemente meu repouso. Calma. Alguém dirá. Calma, veja o mar, mar marujando, ondando, multiondeoso. O mar passava, rugindo de tal forma sobre os nossos pés, como um vulcão. Mar manchado de óleo, sujado, vivificante, mar impurificado de músculos, detritos, restos de bombas, polirradioso, brilhoso, escumoso. Por que eu deveria pensar assim, nesse momento em que você me exhibe esse horrível sapo? O mar bateu em retirada e estou sozinha novamente, refletindo cores azuis e verdes. Por um minuto não me torno uma medula. Vê? meu corpo todo está tremendo. Você quer paralisar-me. Estou segura nos meus braços, fortemente. Não vou falar do passado nem do futuro. Por momento o invejo, embora outrora o odiasse. É possível que você tenha ficado insensível, seu rosto bem o demonstra. Tenho as mãos inseguras, mal posso acender o cigarro. Vou tossir. Sei que não posso correr, esse é um mal viscoso. Estou agarrada a esse banco. Durante todo esse tempo, e aqui, em minha frente vejo somente pedras e trilhos e sombras. Seria um lugar mais apropriado para um cavalo. Você não está perturbado, não se interessa pela minha conversa, tem um sapo nas mãos e ninguém poderá impedi-lo. Pode ser que atire sobre mim, com violência, por isso rão as unhas e você me atira o sapo e ele cai como uma mola sobre a estação, e há um momento de explosão, metade das paredes vão pelos ares, há um princípio de desmoronamento e de fúria. As pessoas parecem que não deram pelo acontecido, procuravam ver os sinais do próximo comboio. Alegrem-se vão para a frente do gradil e se expõem como animais em jaulas. A locomotiva me focaliza com seus grandes olhos. Um sol amarelo que me atravessa. Metade do corpo iluminado, metade na sombra. Juntar as duas partes tomava muito tempo. Podia-se ver que era um trem especial. Quem irá descer dele? Os rostos se aproximam mais das grades. Oh! ela ostentava um ar imortal, a velha senhora, calçada de luvas. Espere, disse ela, repondo o chapéu de modo a ficar mais imponente. Respeitosamente, exibia uma faixa de Presidente da Liga de Proteção aos Desamparados. A velha senhora descia na frente acompanhada das três presidentas da instituição. Sem dúvida era uma visita de honra. Elas eram uma mistura de branco e cinza. Eu tentaria compreender por que aqueles



pássaros tinham uma mistura de cores absurdas. Não, não. Isso não, elas não podem dançar na estação. Arrancavam as penas do pássaro com felicidade. Mãos se erguiam atrás das grades. Apanhavam as penas coloridas, ainda umedecidas de tinta. Dança macabra, ou eram quem estava cheia de superstições? Havia algo de estranho no rosto dessas senhoras. A velha dama vinha bailando, rindo, exibia meu pássaro, meu pobre pássaro molhado de chuva, emudecido, inclinando a cabeça para cá e para lá, obedecendo ao ritmo da música. O que quer que fosse, o quarteto juntava-se num ritual de bruxas, depenando o pássaro e soprando suas penas para cima.

Atrás das grades havia um tumulto. Acreditavam poder apanhá-las. Há um acidente, alguém estava sendo esmagado. As penas perseguiam umas às outras, num redemoinho, como se fossem mil cores a rodopiar e a rodar. A velha dama e suas senhoras gargalhavam até o orgasmo, rolavam pelo chão. Nesse momento tentei socorrer o meu pássaro, mas ela, ligeira, corre com ele e puxa seu pescoço como se fosse um pedaço de renda. O que iria me acontecer? Mas não, elas andavam em seus passos lentos, quase em procissão, e entravam na locomotiva, sob os olhares e os rostos nas grades de arame. Estava encurralada novamente. Aqueles rostos voltavam-se para mim ou para a outra locomotiva que se aproximava com seu dim dom dim. Uma pequena máquina surgia lá no alto como um chapéu. Dim, dom, dim, dim. Eu não podia acreditar muito no que via. A mãe em uma das janelas, o pai em outra e a mulher pequena e feia junto do pai. A mãe falava como se anunciasse a aproximação de uma desgraça. Critava em nome de Deus para o pai não beber o tal chá, senão é que ele estaria perdido mesmo. A mulher pequena fazia denguiques dependurava-se no pescoço dele, alisava-lhe os cabelos, e ele acabou tomando a tal bebida, muito embora a mãe gritasse até ficar rouca. Dim, dom, dim, a máquina nem parou e já está partindo, uma voz me chamando, e é a avozinha que passa tranqüila, no último vagão, me oferecendo um pedaço de melancia. Dim, dão, dim, dão. Agora tudo parece livre. Tenho esta estação como um abrigo. Alguém chega fazendo barulho e me diz que não posso ficar aqui.

Isso é verdadeiramente o mínimo, não se poder permanecer onde se quer ficar. Preparei pois esta frase e ia dizê-la, quando ouvi um assobio. O assobio veio, como das outras vezes, molhado de verde e mar. O velho pescador. Eu o avistava, longe sentado na barca bela. Era como um Deus e me esperava. As mãos dele me amparavam e pareciam, e pareciam endurecidas pelo tempo. A bela barca, velha, vi-a pela metade, flutuando na neblina. Era o começo de uma vida, de uma outra vida. Mar. Verde. Verdoso.

Mar. Verde.  
Verdoso. Verdolengo.  
Algo.  
Mar delicias  
Mar de encanto  
Mar de danças e canto.

Histórias do mar. As gaivotas gaivotando. Gaivando. Grasando. O velho pescador senta-se ao meu lado, como se fosse um velho peixe. Posso ver os primeiros saveiros. Cantam. O remo. Remavam. As ondas andavam. Mas, é outra voz que escuto, com estertor, como se tivesse aberto as portas do inferno. Ouvi o mesmo homem me dizer que não posso ficar ali. Digo que isso é verdadeiramente o mínimo. Não se pode permanecer onde se quer ficar. Ele ainda me fala. Não vejo sua boca, mas ouço-o e sinto sua mão pesar sobre meus ombros. Digo ao meu corpo para se pôr de pé. Digo para se pôr de pé. Insisto nisso, pois será preciso agüentar ainda uma vez essa caminhada, mudar de

lugar no mesmo espaço. É bem possível que ele tivesse compreendido, pois deixou de aborrecer-me. Mas, vigia minha caminhada. Vou trilhando esses trilhos num longo percurso, cheio de estremecimentos suaves, que sem dúvida marcam minha existência. Vou indo por esses trilhos lisos, lustrosos, estáticos. O trilho e eu, duas existências embaraçadas neste nevoeiro. Mal posso contar essas árvores e essas pedras que me parecem como fantasmas de beira-estrada. Bem lhes sentia a vida e passava por eles e eles avançavam igualmente, e me deixavam no meu inverno. Agora, não somente os trilhos e o nevoeiro, estou caminhando, num sentido certo, dentro de quadrados supostos, uma massa escura, armada, no correr dos séculos. Dou meia-volta e me vejo dentro do mesmo círculo. Grito e quem me responde é o meu próprio grito. Na certeza de me acalmar ultrapasso um quadrado e já estou metido até o pescoço em outro. Tenho medo de ficar parada, por isso avanço sempre, e não é preciso esperar que escureça totalmente para uma iluminação fraca surgir e desaparecer novamente. Dava um efeito formidável, mas no fundo me metia medo. Grito e a resposta é meu próprio grito. Ultrapasso um quadrado e já estou dentro de outro. Uma iluminação fraca aparece e desaparece novamente. Uma sombra consome outra sombra. Uma sombra. Uma sombra. Outra sombra. Caio novamente dentro de outro quadrado, parece menor tamanho. Uma iluminação fraca aparece e desaparece novamente. Grito e a resposta é meu próprio grito. Uma sombra está consumindo outra sombra. Uma sombra. Uma sombra. Uma sombra. Som. B. Ra.

União Brasileira de Escritores  
Seção de Goiás  
**Biblioteca**  
1991

esta obra  
foi integralmente  
composta e impressa  
em oficinas próprias da  
gráfica do livro goiano Ltda.  
**editora oriente**  
rua 82 nº 456 - fone 2-2906 - Setor Sul